

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Departamento de Sociologia



Instituto Superior de Ciências
do Trabalho e da Empresa

NOVOS RISCOS – NOVAS COMPETÊNCIAS

Dörte Steingräber Gradissimo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Família e Sociedade

Orientadora: Doutora Anália Torres
ISCTE

Dezembro 2008

New risks –New competences

The theme proposes himself as an affirmation:

New risks requires New competences, in order to face them, to create a new balance, to make them less risky.

Along the history of mankind, competence is constructed in order to become an adequate response to whatever it is the request. It requires wisdom and experience of people and systems that are implicated in the process of this construction .

It is a question as well: Are New Competences constructed adequately do face the New Risks?

With all the changing in Society, Family, Gender Relations, Environment, Knowledge, Procedures, Pleasure, Tastes and Consume - is the construction of new competences jeopardized ?

Is it possible to create New Competences when Risks are developing faster than the capacity of understanding what is needed to cope, what **kind** of new competences are required?

The Family is regarded as the main incubator of social competence, but Family itself is in a profound changing process.

What if the competence of transmitting competence is implicated as well?

This project pretends to enlighten, how family care is conceived in the beginning of this century, and what kind of social skills young people are developing. This research is based on the inquire of 375 pupils in four different Schools in the District of Évora.

Key Words: SOCIAL SKILLS, RULES, FAMILY; POST MODERNITY ,RISKS

Resumo

O tema apresenta-se sob forma de afirmação: Novos Riscos requerem Novas Competências: para lhes fazer frente, para criar novos equilíbrios, para os tornar menos “arriscados”.

O percurso da humanidade é o da aquisição de Novas Competências, desenhadas para constituir respostas adequadas às demandas individuais, do colectivo ou do meio ambiente. Requer sabedoria e experiência de quem está envolvido no processo de as construir, sejam pessoas ou sistemas, mais simples ou mais complexas.

E então, o tema torna-se uma interrogação: As Novas Competências estão a ser construídas de forma adequada, para fazer face aos Novos Riscos?

Com as mudanças vertiginosas na Sociedade, na Família, nas relações do género, no meio ambiente, nas formas de fazer e sentir, do prazer e do consumo – estará a própria construção de Novas Competências em Risco?

Será possível construir Novas Competências, quando os riscos estão a mudar mais rapidamente do que a capacidade de identificar o que é necessário para os enfrentar?

A família, através as suas formas de CUIDAR privilegiada como “incubadora” de competências, está, ela própria, em fase de profundas e aceleradas mudanças.

E se a própria competência de transmitir competência está em Risco?

O presente projecto procura dar algumas respostas a estas questões, em relação à forma como famílias cuidam, e que Competências Sociais adolescentes e jovens adultos estão a desenvolver, aplicando um inquérito à 375 alunos que frequentam quatro Escolas no Distrito de Évora.

Palavras-chave: COMPETÊNCIA SOCIAL, POSTMODERNIDADE, REGRAS, FAMÍLIA, RISCOS

1 INTRODUÇÃO

É desde os primórdios dos antepassados humanos, a partir do momento em que saltos evolutivos permitem o alargamento do leque de repostas disponíveis para determinado estímulo, que existem dois dilemas:

O primeiro, é o risco inerente à uma escolha.

Ter de optar entre considerar uma situação como potencialmente perigosa, oportunidade para conseguir um reforço alimentar ou “engate” de um parceiro sexual , representa o risco inerente à escolha! .

Este risco continua parte da própria condição humana: A aquisição da sua liberdade é capacidade de escolha, e traz este presente envenenado: “Tout choix est pari sur l’avenir...il est prise de risque aux sens où il se prive des avènements qui se laissaient augurer se d’autres choix avaient été faites.” (Le Breton, 1995:10)

O segundo, são as opções.

Quando limitadas e previsíveis, quando parte de um meio relativamente explorado e estável, o risco consegue –se controlável através da aquisição de competência, tanto para a avaliação da situação como na própria opção de se posicionar e agir perante ela.

Neste início do Sèc. XXI, este dilema teve um acréscimo imenso, perante a sociedade e a própria família numa vertiginosa mudança:

- com novas formas de conjugalidade e de parentalidade;
- com um leque de opções a multiplicar-se diariamente;
- com as demandas crescentes do avanço tanto a nível do trabalho como na esfera da intimidade,
- com a exigência de preferências na multiplicidade de possíveis decisões e da imprevisibilidade das suas consequências;
- com o aumento dos estímulos que incidem sobre o indivíduo

Novos riscos poderão ser segmentados , embora intimamente ligados e de mútuo condicionamento, da seguinte forma:

- 1 Novos riscos – os da modernidade tardia, que se alimentam: da destradicionalização; da individualização; do confronto com novos desafios económicos, sociais e ambientais de flexibilidade e mobilidade: do emergente ensaio de novos papeis. Não sendo enquadrados e enfrentados de uma forma adequada, fomentam

- 2 comportamentos de risco, também eles novos, em novos espaços, com novos ritmos, com novos equipamentos, em novos *settings* relacionais:
 - ↓ inexperenciados, para quem os corre e para quem terá a tarefa de os conter, devia haver
- 3 novas Competências. Mas a sua transmissão, aquisição, treino e adequação,
 - ↓ estão comprometidos , quando tão necessários eram para evitar
- 4 novos riscos

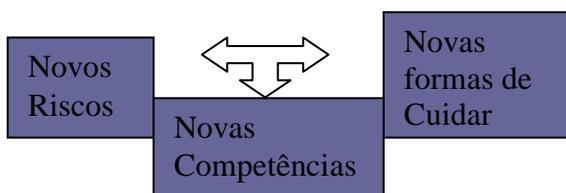
A eleição de determinada resposta desafia em qualquer momento a capacidade humana de avaliar o risco. A imprevisibilidade e constante mudança dos estímulos dificulta a transmissão de padrões e põe em questão a preparação das gerações vindouras.

Considera-se que a capacidade de responder e agir adequadamente está fundamentada na **Competência Social** do indivíduo, sendo fomentado, construído e transmitido através do **Cuidar**.

Numa altura de avanço da Modernidade Tardia, onde “*Os problemas mudam mais rapidamente do que a nossa capacidade de os solucionar*” (Godet, 1993), e perante uma “*descontinuidade nunca antes observada*”. (Giddens, 2005:3), o conceito e as dimensões do CUIDAR estão a ser permanentemente reinventados, reflectidos e revistos; e sofrem, como afirma o autor de “*Entre Lifestyle e Vício*”, um empobrecimento qualitativo: “*Embora com um back-ground de níveis de vida relativamente altos, bem como um sistema de segurança social bastante evoluído, os indivíduos são alvo de um descontínuo histórico que os tira de contextos familiares e das condições das classes tradicionais. Fica, assim, devolvido a si próprio e ao seu destino individual,... com todos os riscos, possibilidades e contradições que isto acarreta.*” (Gerhard, 2003:21)

Um desses riscos é o uso e abuso de substâncias psicoactivas, visto por cada vez mais autores (p. ex. Morel, Gerhard, Flemming) como “*lubrificante*” para o funcionamento social e afectivo do indivíduo mal preparado para o início do Sec. XXI.

Quadro nº1 – Mapa Conceptual Inicial



É em torno desta dinâmica que se desenvolve o OBJECTO DE ESTUDO do presente trabalho, através da pesquisa das percepções e da avaliação de Adolescentes sobre formas de **Cuidar** nas famílias, bem como uma **Auto-avaliação das suas Competências Sociais**, incluindo a sua **Postura em relação à Substância Psicoactiva**.

O tema, NOVOS RISCOS – NOVAS COMPETÊNCIAS, é expressão de uma **afirmação**: no sentido da necessária adequação de respostas, que se torna mais complexa em tempos de mudança e perante novos riscos.

É também expressão de uma **interrogação**: será que a criação deste equilíbrio está a funcionar? Ou será verdade que *“Os problemas mudam mais rapidamente do que a nossa capacidade de os solucionar”* ?

1.1 JUSTIFICAÇÃO DO TRABALHO / POTENCIALIDADES DO ESTUDO

A minha actividade profissional inclui a intervenção directa neste circuito, através do trabalho com Escolas, junto de alunos, professores, auxiliares e, embora raramente, junto de encarregados de educação.

Não posso iniciar uma qualquer intervenção preventiva ou formativa na área, senão com uma abordagem do impacto das mudanças da chamada Modernidade Tardia nos conjuntos de pessoas, Sociedade e Família, e nos próprios indivíduos.

São estas mudanças que operam, condicionam, favorecem ou desencadeiam factores de risco. E não só nos jovens, mas também nos “agentes” e nas estruturas que deviam **ser e proporcionar** factores de protecção.

O imediatismo, a imprevisibilidade, a redefinição de regras e valores, a necessária renegociação no desempenho de papéis, a alienação nos espaços de trabalho, a mobilidade e flexibilidade em demanda, o reajustamento constante de programas e protocolos são as dificuldades sentidas. A ansiedade criada por estes fenómenos, a não serem enquadrados no movimento global, pode levar a desmotivação, desistência e revolta.

A manutenção de conceitos e práticas, quando a realidade já mudou, causa disfunção e sofrimento. Mas o mesmo acontece aquando a invenção de novos conceitos e práticas, quando não familiarizada com a nova realidade: **actualmente, o risco reside tanto na manutenção como na inovação**.

Transformar a narrativa em volta destes fenómenos em terreno fértil para novas oportunidades, e um *coping* de sucesso perante a mudança, são desafios constantes e gratificantes. Ter dados concretos para trabalhar permite maior “visibilidade de navegação”, fundamentação mais segura e, conseqüentemente, maior adequação da intervenção.

O presente trabalho, propõe investigar as formas de **Cuidar** nas famílias e a **Competência Social**, referidas por 375 jovens, que frequentam estruturas de ensino no Distrito de Évora no ano lectivo de 2007 / 2008.

1.2 LIMITAÇÃO DO ESTUDO

Existem limitações de várias ordens, agrupadas em três níveis:

- 1 As limitações mais formais e de procedimento
- 2 As limitações mais relacionadas com o tema e os conteúdos pesquisados
- 3 As limitações técnicas e de tempo

1 O estudo limita-se a recolher dados junto do grupo alvo, ou seja, dos jovens. Considerei em certa altura fazer um estudo paralelo junto dos pais. Excluí esta opção, em parte pela dificuldade em envolver os pais.

E houve outro motivo: o receio de que os pais se sentirão inquiridos para avaliar a sua competência como educadores, tendendo a responder às perguntas como seria “politicamente correcto”. No trabalho com pais encontra-se com frequência esta postura defensiva .

2 Além dessas limitações que se prendem principalmente com o procedimento, há um conjunto de limitações que se prendem com a natureza dos conceitos em questão:

À procura de um PADRÃO entre **Formas de Cuidar** e **Competência Social** não se espera um conjunto de conclusões lineares, de causa – efeito, mas antes um conceito no sentido *Batesoniano*: procurar captar e entender o entrelaçar de diferentes elementos, como se de uma dança se tratasse, a co-criação de narrativas em contextos comuns, que, ainda segundo Bateson, são pequenos complexos que se poderão designar como **relevância**. (Bateson,1987:22,) É através da construção da narrativa, que cada variável deixa de ser fragmento, para se tornar parte integrante e contexto.

Concretamente, os RISCOS da complexidade também se introduziram neste trabalho, cristalizando-se em volta

↳ do risco que emana da difícil definição e contenção dos conceitos chave, do **Cuidar** e da **Competência Social**

↳ do risco de ficar com uma visão redutora pela impossibilidade de captar a infinidade de estados entre a homeostase familiar e as mudanças/ adaptações que a família permite, no âmbito de um trabalho com moldura dimensional

↳ do risco que surge da impossibilidade de avaliar o momento de avaliação, e a sua evolução no tempo, no que diz respeito aos inquiridos

↳ da imensidão de fenómenos implícitos; da ambiguidade em relação as mudanças à que estão sujeitos; da multiplicidade de enfoques

↳ e, por último, da rapidez com que mudam os fenómenos que incentivaram, inicialmente, este estudo, nomeadamente:

o aumento das manifestações de indisciplina

o aumento da atitude dos pais no sentido de “vazio bem intencionado”

(Beck, 1997)

o aumento do desespero e o desgaste dos profissionais

3 Em terceiro lugar, há limitações ao nível da metodologia.

Reconhecendo os riscos de criar uma Escala, em vez de aplicar um instrumento já existente, foi procedido o mais rigorosamente possível.

A inexperiência no campo da investigação foi um entrave constante, desde a elaboração do inquérito até a forma de apresentar o trabalho.

Mais uma vez: adequar a Competência à uma nova Demanda é difícil.

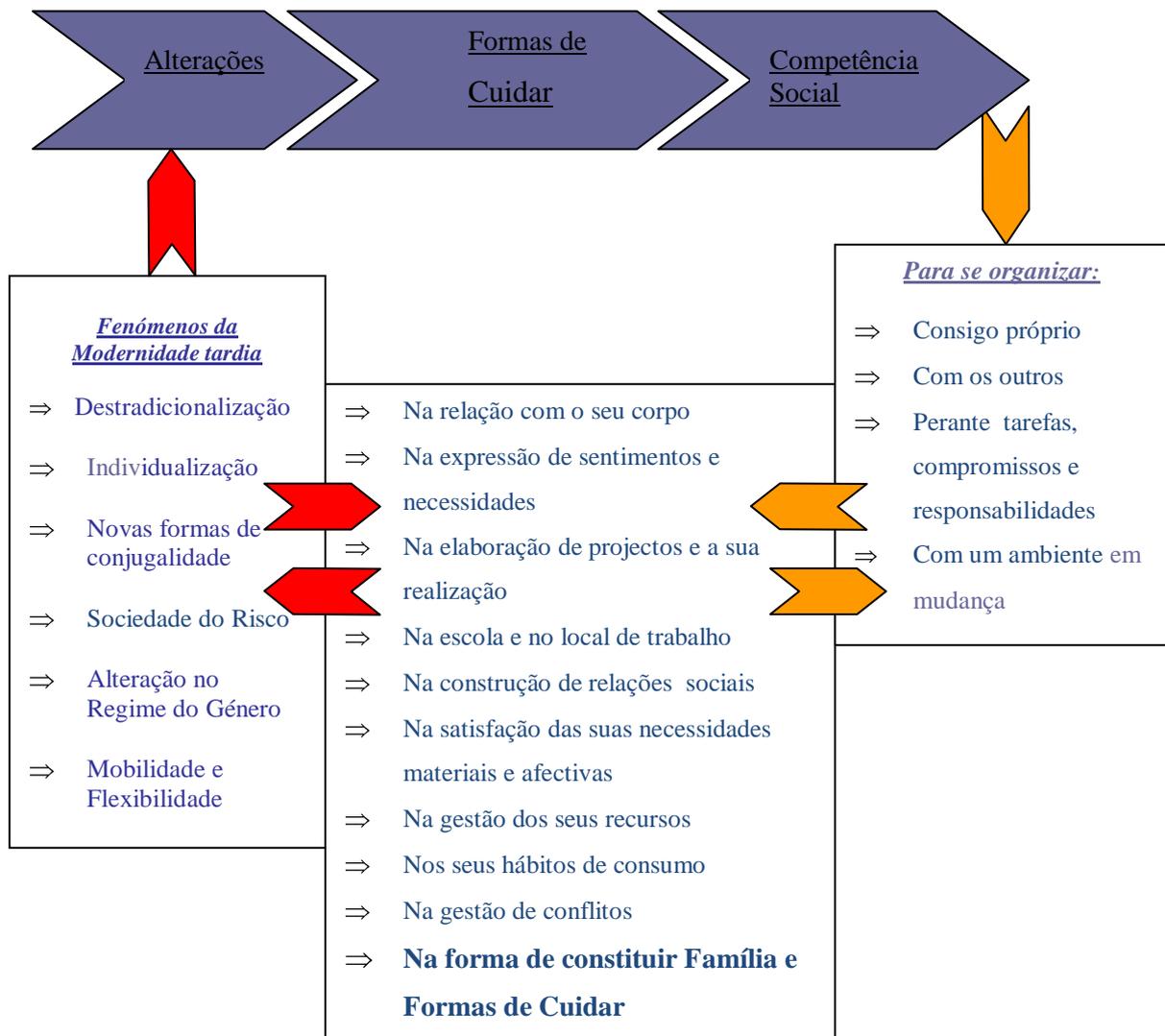
É um Risco.

1º PARTE

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO – MAPA CONCEPTUAL

A esmagadora oferta de literatura sobre os temas, a sua abrangência e o facto de os conceitos serem operados frequentemente em condicionamento mútuo, dificultou a limitação da pesquisa, e dificultou também cumprir a objectividade na escolha das fontes. Em detrimento de algumas linhas de pensamento, embora pertinentes e de valor científico, optou-se por focar sobretudo aqueles aspectos, em cada um dos conceitos, que pudessem facilitar a compreensão dos fenómenos e da sua interligação esboçada neste projecto.

Quadro nº 2 - Mapa Conceptual NOVOS RISCOS – NOVAS COMPETÊNCIAS



2.1 SOCIEDADE – ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE TARDIA

2.1.1 Tradição – Base das Sociedade Pré-Modernas

Todo o conhecimento das sociedades humanas, seja de que época ou de que lugar for, dá conta que a tradição é fortemente implicada em todas elas. Giddens atribui à tradição um lugar de destaque na criação de um ambiente securizante e criador de confiança, sendo “*meio de ligar o presente e o futuro, orientado para o passado num tempo reversível*”. (Giddens, 2005:70) **Assim a tradição vem buscar ao passado o que pode ser útil no presente para chegar a um futuro desejado.** As Competências Sociais necessárias para chegar a este futuro são construídas dentro do contexto social e familiar.

Embora tradições também mudem: uma das suas qualidades inerentes é a perseverança: “*sabe-se, em todo o caso, que se mantêm atavismos, se renovam e até se reinventam tradições, numa mescla por vezes difícil de discernir*” (Torres,2001:1) “*têm carácter orgânico, desenvolvem-se e amadurecem, ou enfraquecem e morrem*” (Shils, em Giddens 2000:60) Halbwachs desenvolve esta ideia, atribuindo valor moral e emocional à tradição como sendo um constructo sobretudo social: na sua base está a memória colectiva, que, muito mais do que uma simples lembrança, inclui um processo activo, de elaboração de um registo de experiência e da sua validação, bem como formas da sua passagem às gerações vindouras (Halbwachs,1992:39).

Na reflexão sobre o mundo moderno, a **Destradicionalização** tornou-se um tema dominante: “*Falar de Destradicionalização não é o mesmo que falar de uma **Sociedade sem Tradição**. Pelo contrário, o conceito refere-se a uma ordem social em que a **Tradição muda de Estatuto***” (Beck, Giddens, Lash, no Prefácio 2000). Sendo assim, a tradição deixa de ser um piso securizante. Torna-se uma tarefa ao ser recolocada e reavaliada na biografia dos indivíduos e das famílias, e nos contextos da Sociedade.

2.1.2 A Nova Ordem – A Modernidade

Modernização significa as “*ondas tecnológicas de racionalização e as mudanças de trabalho e de organização, mas abrange muito mais do que isso: a transformação dos “**Sozialkaracktere und Normalbiographien**”, os estilos de vida e as formas de amar, estruturas de influência e poder, formas de participação e repressão política, da percepção da realidade e das normas do saber.*” (Beck, 1986:25)

“*Como primeira aproximação, digamos simplesmente o seguinte: o termo **Modernidade** refere-se a modos de vida e de organização social que emergiram na Europa cerca do Séc. XVII*”(Giddens,2005:1) . Modernização é, portanto, o processo que

transforma Sociedades Tradicionais em Sociedades Modernas. As considerações neste trabalho dizem respeito aos seus fenómenos no mundo ocidental.

A Modernidade surge no Sèc. XVII, e levará dois séculos à chegar ao auge. A desencadear e a movimentar a Modernização existem vários factores: a Reformaçaõ, a influência renascentista, a Revoluçaõ Francesa, os avanços da ciência e a Revoluçaõ Industrial são os seus motores mais potentes, cada um com os seus efeitos laterais que fizeram com que todo o mundo ocidental sentisse os ventos destas mudanças profundas. Os padrões endurecidos da sociedade agrária e dos *Stände* dissolvem-se, surgem novas classes na estrutura de uma sociedade industrial e capitalista. Direitos adquiridos por nascença, do feudalismo, são abolidos. O papel omnipresente da igreja é posta em questão, as ciências procuram libertar-se, e no lugar do monarca absolutista implementa-se o estado. “ *Assim, a característica fundamental do pensamento moderno era, segundo Villegas (1992), a crença no progresso linear, sinónimo de verdade, bondade e unidade, como uma força progressiva no sentido de libertar a humanidade de ignorância e da irracionalidade*” (Nogueira, 2001:17)

2.1.3 O Impacto da Descontinuidade

Crentes nos benefícios do progresso, o indivíduo e o colectivo abandonam anteriores costumes, organizações familiares, ligações de parentesco, ofícios, formas de convivência e de inter-relação.

Historicamente, a descontinuidade não é um fenómeno inédito, embora as passagens de um *estado das coisas* ou de um funcionamento para outro diferente tenham sido mais lentos. A passagem da Sociedade Tradicional à Sociedade Moderna implica reequilíbrio de poderes (entre classes sociais, igreja e ciência, monarquia e estado, homens e mulheres), e a redefinição de regras, a emergência de novas formas tanto a nível social e laboral como a nível da família e da intimidade. O Iluminismo, movimento intelectual do fim do Séc. XVIII, diagnostica a ignorância como maior fonte da miséria humana. A prescrição promete a cura: através do conhecimento, da razão e dos avanços da ciência. Estas mudanças têm uma valência positivista, com a promessa de liberdade, progresso e segurança para todos. Representa o fim de alguns fenómenos criadores de desigualdades, como direitos a nascença ou a pertença praticamente vitalícia à sua classe de origem, com todas as condicionantes e condições. Corrói imposições autoritárias, crenças e tradições.

Na lógica do positivismo, esta evolução de progresso significa um avanço desejável. No entanto, o cobiçado controle da natureza através da expansão das ciências e do avanço tecnológico acaba por traduzir-se num aumento de incerteza e imprevisibilidade, que dezenas de anos mais tarde Ulrich Beck conceptualizou como **Sociedade do Risco** – época também denominada como Modernidade Avançada (Beck), Modernização Reflexiva (Beck, Giddens e Lash) Modernidade Tardia ou Radicalizada (Giddens).

2.1.4 A nova Desordem – A Modernidade Tardia

Tal como Giddens, outros autores (Beck 1986; Beck e Beck, 1995; Gerhard,2003) defendem não ser a *Moderna* que provoca o corte com a tradição na Sociedade. Situam este corte exactamente no fim do Séc. XX, início do Séc. XXI, época que designam de Modernidade Tardia (Giddens em Beck, Giddens e Lash,2000:97)

Embora o aparecimento das culturas modernas tenha sido identificado como estando “tradicionalmente” oposto à tradição, Giddens argumenta que, não obstante das profundas alterações e desmontagens de tradição provocadas pela modernidade, sempre tenha havido uma “reposição” de tradição, e na maioria até uma manutenção da tradição vigente: explica assim a “*stasis em alguns aspectos da vida social, incluindo a família e a identidade sexual*” (Beck, Giddens, Lash, 2000:53)

Giddens está de acordo com outros autores, que denunciam o desaparecimento de tradições milenares e dos seus guardiões: eram eles que tinham como tarefa não só a **manutenção** como também a **reflexão sobre** e a sua **transmissão às** gerações futuras. (Shorter,1995; Moisseeff em Gammer et. al.1999) O aumento do risco na Sociedade Moderna Tardia tem, em parte, a sua génese neste fenómeno: os códigos de conduta transmitidos pela tradição tinham também como objectivo preparar os indivíduos e o colectivo para a avaliação do “*ponto de não retorno*” perante uma situação de risco, ou perante a sua criação. Este procedimento faz parte do pressuposto que qualquer sociedade tem como um dos seus objectivos primordiais proteger os seus membros, e de os autonomizar para responder adequadamente perante uma situação de risco (Le Breton, 1995). (A relação da sociedade da Modernidade Tardia com o risco foi alvo de reflexão na obra “Sociedade de Risco” de Ulrich Beck. (2.1.5))

Diz Giddens: “*Muitos defendem que, hoje em dia, nos finais do Séc. XX, nos encontramos no início de uma nova era, que as ciências sociais devem questionar, a qual nos estará a levar para além da própria modernidade. Tem sido sugerida uma variedade estonteante de termos para designar esta transição, alguns dos quais se*

referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social, (tais como “sociedade de informação”, ou “sociedade de consumo”) mas cuja maioria sugere, antes, que um estado de coisas precedente se aproxima do fim (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”, “pós-capitalismo”, etc.) (Giddens,2005:1)

Mesmo os termos de pós-modernidade e pós-modernismo não estão a ser considerados com unanimidade: Giddens qualifica o termo pós-modernismo como tendo somente alguma utilidade na sua aplicação em aspectos de reflexão estética, (nas artes plásticas ou na literatura, p.ex.), enquanto o termo da pós-modernidade é definido de seguinte forma: *“ para além do sentimento de se estar a viver uma época de disparidade manifesta relativamente ao passado, o termo significa geralmente uma ou mais coisas que se seguem: que descobrimos que não se pode saber nada com qualquer certeza, uma vez que todos os fundamentos preexistentes da epistemologia se revelaram falíveis, que a história é destituída de teleologia e, conseqüentemente nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida.”* (Giddens, 2005:32) No entanto, mantém-se a discussão sobre a aclamação de uma nova era (e conseqüentemente o fim da anterior): até que ponto é possível seccionar a história e identificar o nosso preciso lugar dentro dela? Ou seja, estaremos posicionados para rotular algo que nos está a acontecer neste preciso momento do contínuo no tempo, em falta de indicação sobre evoluções futuras?

Outros autores valorizam o pós-modernismo como sendo extremamente rico em produção literária– e de litígios entre os seus seguidores. Autores pós modernistas como Derrida, Lyotard e Foucault são acusados da sua recusa da aceitação de **“grandes narrativas”**, da rejeição de verdades absolutas e universais e de uma ciência neutra e objectiva. Não há dúvida de que as “grandes narrativas” sempre constituíram a base que se queria securizante para um colectivo, na manutenção de estruturas de poder, de tradições e de continuidade, facultando (dentro dos possíveis universais) previsibilidade e controle.

2.1.5 Os “Associados” da Sociedade de Risco

A Pós-Modernidade consiste em primeira linha num *“sentimento de que se está a viver uma época de disparidade manifesta relativamente ao passado”*. (Giddens,2005:32) *“Já não se acredita que as mudanças técnicas se inscrevam sempre na ordem do progresso”* (Segalen, 1996:18) Os avanços tecnológicos e os sucessos da ciência não mantiveram a sua promessa, de serem capazes de controlar o risco e eliminar as incertezas. Tornaram-se

antes fonte de angústia, pela distância criada entre o indivíduo e a natureza, pelo virar costas às suas raízes, à providência divina, à sua pertença, à tradição.

Riscos, segundo Beck, sempre tiveram tendência em acumular-se no pólo oposto da riqueza e do poder: habitações em áreas menos poluídas, uma boa formação acadêmica, melhores cuidados de saúde: menor fica o risco de doença e mal-estar, de desemprego, de falta de cuidados. Compra-se segurança.

Mas a estes riscos juntam-se outros com uma dinâmica social que não respeita categorias de classes, fronteiras nacionais ou diferenças culturais: são “passageiros clandestinos” nas movimentações globais da Modernidade Tardia, incontroláveis e incalculáveis, tanto em dimensão como em abrangência. Radiações vindas de acidentes em Centrais Nucleares não olham título ou pertença. Pesticidas tirados da circulação na Europa e exportados para países em desenvolvimento regressam com o vento e a água, nas fibras de algodão, nas folhas de tabaco, em cada grão de arroz: qualquer sentimento de segurança torna-se quimera. (Beck 1986).

A Sociedade procura encontrar o equilíbrio entre risco e segurança, entre mudança e ordem. Não só explicitamente, através de políticas e legislação, mas também de forma implícita, na manutenção de mecanismos de poder de regulação, e no proporcionar de atitudes favoráveis às demandas económicas, de consumo, do social. Um jovem que vive numa sociedade de risco na sua fase vital mais arriscada, a adolescência, está duplamente exposto. Correr riscos é uma maneira de explorar e de interrogar o mundo sobre a margem de liberdade que ele nos deixa” (Morel, 2001:65). Nem sempre, o mundo dá respostas claras. Assim, os jovens têm de “inventá-las”, e frequentemente não o fazem de forma mais adequada. **Terão de lidar com fenómenos que, também para os adultos que os orientam, constituem novidade: sujeitos a avaliação, e necessariamente provocando mecanismos de adaptação.** São eles:

- ⇒ Destradicionalização
- ⇒ Individualização
- ⇒ Mobilidade e Flexibilidade
- ⇒ Desaparecimento de Contentores Sociais
- ⇒ Desaparecimento de Grandes Narrativas
- ⇒ Hedonismo
- ⇒ Imediatismo
- ⇒ Consumo

2.1.5.1 A Sociedade de Risco e Consumo

Segundo Gerhard (2003:66) distinguem-se dois modelos de personalidade dominantes nesta era da Modernidade Tardia:

Homem Flexível - sujeito a constantes demandas adaptativas

- ↳ a nível das suas tarefas profissionais, dos seu projectos e dos seus saberes: integrando novas equipas, aceitando novas regras, desempenhando novas funções, na permanente procura de actualização e da competitividade
- ↳ a nível da sua mobilidade espacial e no tempo: respondendo à exigência de disponibilidade de horários e de deslocações
- ↳ no seu lugar num sistema familiar em mudança: a destradicionalização com os papéis do género em fase de redistribuição, a conciliação da família com o desempenho profissional, com novas formas de viver a função maternal e paternal, a pluralização de modelos de ser-se família e de se organizar a nível de afecto e de interacção.

Consumidor Dependente - sujeito às permanentes flutuações de produtos e caprichos do mercado

- ↳ com o consumo sendo o “cano de escape” para a pressão exercida pela exigência de flexibilidade e competitividade, e cuja promessa projecta imagens de modelos ideais: sucesso, beleza, bens e equipamentos de luxo – a pressão infiltrou o tempo de lazer, as férias, a própria família, a intimidade. O consumo afastou a pergunta pelo sentido da vida para um lugar remoto e tornou-se meio e fim. A liberdade, ela própria, transforma-se em “direito” de comprar tudo (“porque você merece”), mas não deixa o indivíduo sentir a plena satisfação: é inerente ao próprio consumo de deixar sempre uma margem de necessidade, de prometer no próximo produto mais prazer, mais satisfação... *“um aumento da dose, sem jamais sentir a satisfação plena: é isso a dependência”* (Amendt, 1992:144)

A Sociedade precisa de ambos, no entanto, em determinada constelação social, basta um desequilíbrio de recursos, fará um modelo **parte da solução** – ou outro, rapidamente, poderá tornar se **parte do problema**, porque *“a antiga rigidez, ancorada no carácter, foi substituída por pseudo- identidades sintéticas, produzidas pelos média em forma de Patchwork. Adaptam-se com agilidade às tendências: A sua auto-regulação dos valores dominantes é transmitida pela mercadoria e pelos estilos de vida viciadamente*

consumidos, e cuja promessa é a de um impulso ascensional, embora passageiro” (Eisenberg, cit. por Gerhard 2003:66)

Do consumo de bens ao consumo de substâncias, Morel considera uma nova fase, inédita na história da humanidade, do controle assumido sobre domínios da vida humana a partir da manipulação química: “ *Muito além da saúde individual ou pública, o que está em causa toca a própria essência da definição do homem, que a **auto-modificação por via farmacológica** conduz, a prazo, à situação do SER e das relações inter-humanas colocadas sob a influência de instrumentos químicos*”. (Morel, 2001:18)

2.1.5.2 Criação de Identidade

A criação de identidade, no contexto de um meio social em mudança acelerada, deixa de ser um problema específico da juventude: a procura do *equilíbrio identitário* acaba por se tornar tarefa vitalícia. (Gerhard, 2003) “ *Numa ordem pós-tradicional, a narrativa do self tem de facto de ser continuamente retrabalhada, e as práticas de estilo de vida com ela articuladas*” (Giddens,1995:52) No obstante, mantém-se como demanda principal sobretudo na fase tardia da adolescência. O elevado risco para a criação de identidade na adolescência na sociedade ocidental do início do Séc. XXI pode identificar-se em duas frentes, em desequilíbrio e já várias vezes mencionadas neste trabalho:

- 1 As mudanças na sociedade e na família provocaram uma perda na qualidade protectora desta fase do crescimento: a família “*retira-se dos espaços públicos*” (Segalen, 1996:187) e o seu funcionamento fica privatizado, empobrecendo e até *deslegitimando* a intervenção do meio social envolvente. Assim, há um enfraquecimento dos apoios na estruturação de identidade. Os “*Contentores sociais*” (Keup, cit por Gerhard 2003:11), necessários para a criação de identidade e crescimento em confiança, estão a desaparecer (Beck, Pieper e Hurrelmann).
- 2 Por outro lado, existe uma demanda cada vez mais elevada em relação à capacidade de orientação e adaptação dos jovens, devido à complexidade das estruturas e do funcionamento da sociedade. A criação de uma identidade pode aparentemente tornar-se cada vez mais fácil – a sua solidificação é que se tornou problema. O aumento da tecnologia, mudanças contínuas a nível económico e sociocultural exigem um elevado grau de flexibilidade, mobilidade e capacidade de improvisação que não facilita a consolidação de uma identidade estruturada e

coerente. E, paradoxalmente, é só identidade sólida a que consegue enfrentar os fenómenos que inibam a sua criação *in the first place*.

2.1.5.3 Individualização

Segundo Beck (1986:206), a individualização não é, de modo nenhum, uma invenção actual, mas sim um fenómeno que ocorreu ciclicamente já em épocas pré-modernas. Identifica três dimensões:

- ↳ Dimensão de Libertação (no sentido da dissolução de contextos e formas sociais em estruturas tradicionais estabelecidas)
- ↳ Dimensão de Desmitificação (no sentido da perda de estabilidade, que estava manifesta na segurança tradicional do *saber agir*, de crenças e normas vigentes)
- ↳ Dimensão do Controle (no sentido de mecanismos adaptativos para a reintegração)

Embora com manifestações em todas as dimensões da sociedade, pretende-se aqui enquadrar sobretudo o seu impacto na vida familiar, no próprio indivíduo e nas formas de cuidar na Modernidade e na Modernidade Tardia.

Na Sociedade Tradicional, o indivíduo tinha de renunciar frequentemente dos seus interesses em prol da comunidade e da família, dos valores e dos costumes colectivos. Na Sociedade Moderna fica liberto para promover a sua auto-realização. Baseada no centramento individual, representa uma certa ambiguidade no que diz respeito à sua utilidade para promover satisfação pessoal:

Por um lado cumpre a proposta de Durkheim de que as pessoas são mais importantes do que as coisas, e traz uma grande liberdade de decisão. É concedido o direito de escutar os seus próprios interesses e necessidades, e o de investir nos seus projectos pessoais.

Por outro lado, a implicação em projectos individuais em vez de colectivos apresenta não só uma responsabilidade acrescida, como cria também estados de solidão.

O preço da privacidade é a estabilidade facultada pelo meio social. “ *A individualização torna a vida mais rica e interessante e multifacetada: mas também mais frágil para ser atingida pela pobreza e outros impactos catastróficos*” (Beck, 1987:149) O individualismo opera também nas famílias, onde, libertos de transmissões, filiação, heranças e “*raison d’être*” impostas nos sistemas tradicionais em relação ao conjunto, se torna necessário encontrar um novo objectivo transcendente (Torres,2001:20). A

individualização caracteriza-se assim pela ambivalência: por um lado, o direito e a liberdade da autodeterminação e da construção de uma biografia individual, por outro a saudade da coesão facultada por biografias colectivas. Nas famílias como na sociedade, torna-se bastante mais complicado harmonizar e coordenar um conjunto de biografias individuais que não têm recurso em normas e rituais ensaiadas e securizantes. (Anexo 1)

2.2 FAMÍLIA - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

Não há dúvida, que as maiores mudanças da Modernidade operam a nível da família. Com a separação do local do trabalho do domicílio, e a entrada das mulheres no mercado do trabalho remunerado; com os movimentos feministas e a reflexão sobre o género; com a centralização dos locais de produção e a subsequente imposição da família nuclear; com a sentimentalização e a reorganização dos sentidos de parentesco; com a destradicionalização pelo afastamento das famílias alargadas e a perda do apoio social facultado - **está criada a base para a emergência da família moderna.**

A família, charneira da socialização do indivíduo e do colectivo, é ” *um dos quadros sociais onde, de forma mais intensa e contínua, se partilham recursos e experiências, se formam disposições e projectos, se desenvolvem práticas quotidianas e estratégias de vida*” (Costa, 1992:84), - ou seja, **Competências Sociais**, que permitem ao colectivo e ao indivíduo construir respostas de forma adequada.

“*Assumindo formas variadas ao longo das diferentes épocas e nos diferentes contextos sociais, a família, enquanto grupo doméstico, pode ser definida como um grupo de pessoas ligadas por laços de parentesco cujos membros adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças*”. (Almeida et. al. 1995, 101) Para dar conta da difícil tarefa de preparar e apoiar os seus elementos em avaliar situações e organizar-se perante elas, a família sempre pôde contar com estratégias experimentadas e transmitidas através das gerações. A capacidade para se auto-organizar, como espaço social competente no desempenho destas tarefas, é, também ela própria, transmitida: um meta- conceito com funções de “estufa”, de incubação da singular dinâmica de cada família, com os seus valores, suas estratégias e formas comunicacionais.

Na família, a descontinuidade manifesta-se sobretudo através do desempenho parental, cujo exercício ”*já não beneficia da experiência da geração precedente, e a transformação dos “ciclos de vida “obriga, em cada uma das fases da existência, a novas aprendizagens, novos reordenamentos das interacções familiares. Nunca os pais parecem ter estado tão desamparados e sós...*” (Morel, 2001:231)

Edward Shorter compara a família com um navio, representação essa que vai ao encontro da visão sistêmica do conceito como “ *Conjunto de elementos em interação, organizado em função do meio e das suas finalidades e evoluindo no tempo*” (Ausloos,1996:49) Ainda no mundo da metáfora evocada por Shorter, na Sociedade Tradicional o navio e a sua equipa estão seguros no porto por “amarras”:

- ↳ pela ordem social mais vasta com um conjunto de elementos ligados através do parentesco
- ↳ pela transparência e semi-permeabilidade dos limites do lar, que permite a entrada e saída de outros elementos e de informação na comunidade circundante
- ↳ pela consciência de tradições que fazia da geração vigente um elo de ligação entre o passado e o futuro, através da guarda e transmissão de valores, normas e saber e a prospectiva de necessidades para o futuro.

Afirma o autor que, nos tempos modernos, a família “*cortou as amarras e iniciou uma viagem em alto mar*” (Shorter 1975:9).

A alienação resultante de uma mudança nos papéis e novas metas, nem sempre explícitas, fizeram com que as competências parentais deixassem de ser encaradas conforme modelos transmitidos. (**Anexo 2**) E assim, quem devia manter um rumo firme também está sem norte (Sampeio,1994; Gammer e Cabié,1999; Segalen, 1999; Flemming, 1995; Morel,2001, Beck, 1997, Baumrind,1991,Hurrelman,2005) .

2.2.1 A Família como Conjunto de Elementos em permanente Mudança

Existem actualmente tantas formas de viver “Família” que qualquer tentativa de definição será minimalista, tendo em conta que deva abranger o denominador comum de todas estas formas.

Família “*é um conjunto de pessoas, frequentemente mas não necessariamente relacionadas pelo sangue ou casamento, que vivem na mesma casa como compromisso mútuo de “cuidarem” uns dos outros.* (Caeiro, 1991) . Porém, os conceitos de compromisso e de cuidar são mutáveis no tempo e no espaço, e constroem-se de muitas maneiras distintas. Esta definição também não revela nada sobre a relação com o exterior, limitando a família a um espaço comum, fenómenos que estão incluídos na definição de Sampaio e Gameiro (1985:9) de “*um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio*”

Segundo Walliser (1977, cit. por Ausloss, 1996) , são três as ideias essenciais que caracterizam a noção de sistema:

- 1 - a de um conjunto em relação recíproca com o ambiente, possuindo uma certa autonomia assegurada pelas trocas com o exterior
- 2 – a de um conjunto formado de subsistemas em interacção, com uma certa coerência assegurada por essa independência
- 3 – a de um conjunto que experimenta modificações, mais ou menos profundas, no tempo, conservando uma certa permanência.

A esta permanência dá-se o nome de homeostase, que designa a procura de um sistema em manter o seu equilíbrio e preservar-se. Selvini Palazzoli (1978) sublinha de que tanto a homeostase como a adaptação são essenciais para o equilíbrio familiar e o seu funcionamento, porque “ *num sistema vivo não pode haver tendência homeostática sem uma certa capacidade de adaptação, nem capacidade de transformação sem uma certa tendência homeostática* ” (Sampaio, 1999:68)

Em caso de desequilíbrio **a favor da homeostase**, o sistema privilegia a sua manutenção em moldes rigidificados. Sem ter em conta que as necessidades dos seus elementos e o meio ambiente mudaram, não consegue adaptar as suas respostas e deixa de operar de forma adequada.

Em caso de desequilíbrio **a favor da mudança**, o sistema tende a perder os seus limites e a sua organização, regras claras e objectivos comuns, e deixa de ser um espaço seguro e acolhedor para os seus elementos com padrões de funcionamento próprios e adequados.

2.2.2 Mudança na Conjugalidade

Desde os anos 70, (em Portugal com maior impulso desde o 25 de Abril 1974), que o conceito da conjugalidade merece crescida atenção sem ser acoplado à família. Este facto deve-se à trajectória do casamento e da conjugalidade dentro da evolução da “Família Paternal e Patriarcal à Família Conjugal Moderna”, ideia proposta por Emile Durkheim. A mudança que está na base desta ideia opera na relação com a Família de Origem: deixa de ser ela que cria o casamento, mas sim o casamento que cria a nova Família, e a esta nova Família deve lealdade e empenho.

A segunda ideia de Durkheim sobre as alterações no seio da família diz respeito à valorização do indivíduo, dos seus interesses, projectos e necessidades, seguindo a máxima “*Os indivíduos são mais importantes do que as coisas.*” (Torres, 2001:13), sendo consideradas “coisas” não só bens materiais, como também ideias e ideologias, crenças e valores. Liberta portanto o indivíduo, para fazer a sua própria escolha do parceiro e da

forma como inicia e organiza a sua vida conjugal. “ *O Séc. XX foi, na verdade, o século da afirmação da ideia da independência dos filhos em relação à vontade dos pais, do valor da escolha livre e do sentimento como pretexto para a conjugalidade.*” (Torres, 2001:12) Quatro fenómenos promovem a instalação desta nova conjugalidade: a sentimentalização, a individualização, a secularização e a privatização.

A **Sentimentalização** promove o amor romântico, com capacidade de espontaneidade, empatia e afecto. Opera em três níveis distintos, ou seja:

- ↳ na relação conjugal e na sexualidade
- ↳ na relação com as crias e na forma de cuidar
- ↳ no lar com crescente privacidade e domesticidade.

” *O sentimento, posso defini-lo como a disposição de reordenar os objectivos da vida de modo a que os laços emocionais com outras pessoas vão para o cimo da lista, e objectivos mais tradicionais tomem o seu lugar mais abaixo.*” (Shorter, 1975:23) É a “*Mudança de Estatuto da Tradição*”, referida por Giddens, Lash e Beck.(2000)

O seu aparecimento é facilitado pela falta de legitimidade da instrumentalização da conjugalidade no regime anterior, com interesses no aumento ou na manutenção de poder e de bens através do casamento: operários e trabalhadores rurais, a esmagadora maioria da população, não têm património.

O afecto como base relacional explica uma ambiguidade nas ideias Durkheim, que, também ela, se mantém actual: na tendência de manter a relação conjugal “*apenas enquanto dá garantias de recompensa e satisfação*”, (Torres, 2001:21) Surge a questão da manutenção de um casamento em prol do bem estar das crias, quando a conjugalidade deixa de ser gratificante e se torna problema e fonte de sofrimento.

No entanto, a tese de complementaridade entre homem e mulher, na conjugalidade e como progenitores, elaborada por Talcott Parsons, continua válida, propondo a divisão entre:

Função Instrumental: atribuída ao homem, na procura de sustento e melhoria social da família. Implica mobilidade, disponibilidade para assumir compromissos e capacidade de detectar oportunidades

Função expressiva: atribuída à mulher, de promoção de ambiente seguro e tranquilo no domicílio. Implica disponibilidade para fomentar ambiente de crescimento e cuidados às crias e ao parceiro, quando este regressa do exercício das suas funções instrumentais.

(Torres, 2001)

2.2.2.1 Separação dos Progenitores

O amor romântico introduz profundas alterações, no interior da relação, como também na interação com o meio social envolvente. É um relacionamento complexo “onde a auto-exploração, auto desenvolvimento, espontaneidade, empatia, ternura, troca de olhares e de gestos, busca interior.....se conjugavam no relacionamento erótico. Em parte, o amor romântico pressupõe uma maior igualdade e também uma partilha verbal e não verbal, constante e quotidiana, com o parceiro amoroso.” (Pacheco, 1998:87)

Este tipo de relação pressupõe um investimento permanente, e habilidades superiores às exigidas numa relação tradicional. Numa sociedade onde aumentam as relações impessoais, e o sentido de impotência para aceder e “controlar esferas da vida social, (...) pode tender a transformar a vida íntima e privada num local de sobre-investimento, exactamente porque aí se tem, ao menos, a ilusão de proximidade e controlo.” (Torres, 2001:21)

A intensificação da individualização, com uma via prioritária para o “**atendimento**” de si próprio, faz com que facilmente se chegue à conclusão de que, ao falhar, o problema do amor, ou do desamor, seja um problema do *objecto* escolhido (parceiro), e não um problema da competência de amar. (Fromm, 1971).

O *Relacionamento Puro*, tem prazo de validade enquanto proporciona “satisfação emocional derivada do contacto íntimo com outra pessoa” (Giddens, 1994, cit. por Pacheco 1998:44) Os indivíduos envolvidos esforçam-se para maximizar as consequências recompensadoras e minimizar os custos. Não atende formas de relacionamento por conveniência, de co-dependência, de arrastamento por inércia, desenergizadas ou de conflito. A relação é assumida e mantida enquanto acciona as vias de prazer e da recompensa. Em caso de um eventual “síndrome de privação”, a ruptura liberta para um novo relacionamento.

Adolescentes experienciam o divórcio dos seus pais de forma mais dolorosa do que crianças mais novas: (Judice et al., 2002:31):

- ↳ estando eles próprios numa fase de previsível separação (do “ninho”), qualquer aumento de instabilidade representa uma ameaça para o seu processo de autonomia
- ↳ numa altura em que a pergunta “ **quem sou eu e onde vou?**” está escrita em letra gorda, observam a mesma dúvida naqueles cuja firmeza e coerência lhes deverá facultar o suporte necessário para um desenvolvimento de sucesso nesta passagem para a idade adulta

- ↳ numa altura em que têm de fazer o **luto pela infância**, junta-se o **luto pela família** que lhes serviu de ninho e que na sua configuração conhecida fica irremediavelmente perdida: O luto a fazer é pela dupla descontinuidade e pela perda: a de uma unidade "pais" transformado em dois indivíduos
- ↳ numa altura de elevada necessidade de reforço ou renegociação de limites e regras, o sistema familiar têm a sua energia absorvida na vivência da ruptura. Com tantas redefinições, estruturas hierárquicas e disciplina em manutenção, começam a falhar
- ↳ numa altura em que a vivência da sexualidade é fonte de alguma ansiedade, (insegurança, receio de fracasso, dúvidas na atractividade etc.), a maior visibilidade da sexualidade dos pais, seja pelo namoro de um dos parceiros ou pelas acusações acerca deste namoro pelo outro, dificulta o discernimento em relação à própria vivência em relação a falhanços e rejeições.

Os mesmos autores referem como factores de protecção para a criança/adolescente a sua capacidade de superar a situação pelo investimento no exterior e pela procura de fontes de apoio. A Competência Social é um requisito primordial para este tipo de movimento. Uma competência sólida pode transformar uma situação de risco em oportunidade de aprendizagem, maturação e crescimento. (Júdice et.al., 2002:75)

2.2.3 Regras versus Afecto

“As pessoas são mais importantes que as coisas”. É no contexto da nova conjugalidade que se reformulam formas de cuidar: a criança passa de ser considerada não um adulto em miniatura, mas sim um indivíduo com necessidades específicas, objecto de forte investimento não só á nível afectivo, mas também no sentido de apostar na sua mobilidade social.

Enquanto nas Sociedades Tradicionais as regras e normas ditavam as opções e as suas limitações, o indivíduo na Família Moderna passa a governar-se e a ser governado segundo o afecto.

Mas à medida em que o amor, o afecto e a liberdade de escolha ganham terreno na escala, aumenta também a instabilidade .

Escrevia Friedrich Engels *“ se o casamento fundado sobre o amor é o único moral, só pode sê-lo enquanto o amor persiste. Mas a duração do afecto e do amor sexual é muito variável segundo os indivíduos”* (Engels, 1884:108)

Não é só na conjugalidade que aumenta a instabilidade. Ao abandonar estilos educativos autoritários, sobretudo a partir dos anos 70, o pêndulo passou da imposição

para a negociação; da relação de cima para baixo para uma relação horizontal, de parceria democratizada entre pais e filhos. As *crias* ganham espaço e poder que nem sempre são capazes de gerir. Hierarquias geracionais esbatem-se, linhas verticais de poder fraquejam, e os pais frequentemente cedem até “*explodirem ou desistirem da sua tarefa educacional*”.

Regras ou afecto? A questão engana, a resposta não pode ser de exclusividade. O que está em falta é o lugar certo tanto para a ligação emocional e de proximidade indubitável, e a clarificação (indubitável também) de limites hierárquicos e a distribuição de poder (Minuchin 1992).

Certo é: o que era uma das competências mais viscerais e instintivas, **o cuidar das crias**, está posta em questão, tornou-se alvo de reflexão, como também a sua operacionalização nas Formas de Cuidar – e, de uma forma mais acentuada, na crise da Adolescência.

2.2.4 Mudança no Conceito da Adolescência

“De facto, a puberdade, trazendo ao indivíduo a maturidade no plano sexual, transforma-o num virtual procriador relativamente aos seus próprios pais. A adolescência não conduz só ao acesso da genitalidade adulta, nas relações sexuais, mas também na aptidão de se tornarem pais, pai ou mãe como o seu pai ou a sua mãe. Esta visão da puberdade e da adolescência transcende o próprio processo biológico para uma dimensão de reequilíbrio de poder, de redistribuição de papéis e, em muitas sociedades, também de bens. Assim, a puberdade opera uma transferência das posições sobre a escala das relações intrafamiliares, passando de criança, com estatuto de objecto, para o estatuto de sujeito.” (Moisseeff, em Gammer, 1999:198) Espera-se que deste período de transformação saia um jovem adulto, autónomo e com elevado grau de maturidade, capaz de se cuidar - e de cuidar de outros, inclusive formar ele próprio uma família.

O problema da adolescência não se limita, portanto, a um indivíduo em mudança hormonal, mas sim a toda uma dinâmica intrafamiliar e extrafamiliar. Não é só o jovem que tem de apreender novos papéis, atitudes e tarefas, como também os pais e o meio social envolvente. Ao contrário da família patriarcal tradicional, na família da sociedade moderna ocidental a adolescência é alvo de investimento, preocupação e produção literária como nunca antes. Tornou-se uma área problemática por um lado, e alvo do mercado por outro, com a denúncia de necessidades, umas mais, outras menos virtuais.

Aumentam os consumos em meios didácticos, entretenimento, comunicação, informática e vestuário, e nem o sector alimentar escapa a um marketing agressivo e normativo.

Os pais vêm-se duplamente desestabilizados: por uma lado pela demanda do abandono de um papel confortável “*nutritivo*”, ensaiada e de relativa segurança no “saber como” desde a gravidez. Por outro lado, pelas mudanças introduzidas na conjugalidade, pela demanda do individualismo e de novos modelos de parceria, que não facultam uma base securizante das habilidades ensaiadas.

Ser adolescente neste contexto significa que aos riscos, incertezas e angustias da própria fase de desenvolvimento, somam-se os riscos, incertezas e angústias vividas por toda uma sociedade que devia ter o papel de ancorar e socializar a geração futura. (Beck, 1987)

2.2.5 Individualização versus Integração

A adolescência na actualidade, no contexto cultural europeu, é caracterizada pelo conflito da demanda de conformidade e integração social por um lado, e por outro o desejo do jovem em encontrar o seu caminho distinto dos outros, em construir a sua biografia individual.

Essas duas demandas funcionam quase como antagonistas, na operação de duas forças contraditórias: a centrípeta e a centrífuga. Pieper e Hurrelmann identificam algumas manifestações que, em relação a gerações anteriores, representam para os jovens da actualidade dificuldades acrescidas pelas alterações ocorridas:

1 Na sociedade, na medida em que esta se torna cada vez mais plural e complexa. Pretende-se um equilíbrio que permita ao adolescente organizar-se em relação às demandas, oportunidades e riscos do meio social. Apesar do aumento da informação disponível e da facilidade ao seu acesso, os contextos transmitidos não estão ao alcance e a transparência é diminuta.

A pluralidade faz com que as previsibilidades das condições de vida se tornem remotas. Falta de ocasiões para ensaios sociais, de modelos e de tradições a seguir, torna mais angustiante a tarefa de desenvolver uma biografia individual.

Por outro lado, no ambiente cultural ocidental, deixou de haver dispositivos orientadores (ou controladores) do meio social envolvente na orientação do adolescente, seja através de actividades colectivas ritualizadas, de promoção de crescimento, como as relatadas por Magaret Mead em *Manus*, ou através de uma atitude protectora perante jovens púberes nas *Ihas Gilbert*, (Segalen, :1996:200) Van Gennep identifica três fases na maior parte dos rituais de passagem com intervenção da sociedade:

1º- Separação do meio habitual

2º- Período de marginalização e

3º - Readmissão no grupo com o novo estatuto

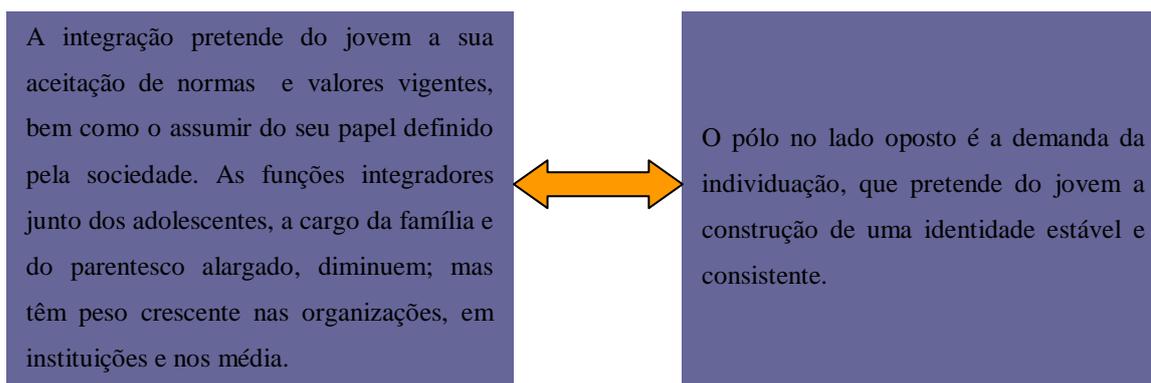
(Moisseeff, em Gammer, 1999:200).

A passagem torna-se assim uma viragem sem retorno possível, organizada no espaço e no tempo, de contornos claros para todos ao nível das expectativas e do papel futuro a desempenhar. De forma tão explícita, esta clarificação não acontece nas sociedades modernas ocidentais.

2 **Na Família**, onde o “soltar das amarras” no meio familiar faculta aos adultos uma maior liberdade na organização das suas relações. Para os filhos, devido à idiossincrasia da sua própria fase vital, a sua necessidade de segurança pode não ser conciliável com uma relação dos progenitores (ou de um deles) limitada no tempo ou no compromisso, tornando-se assim fonte de sofrimento e de angústia. Desses jovens exige –se uma elevada capacidade de adaptação aos novos parceiros dos progenitores , a novas formas de organização familiar, novas estruturas com novos elementos e com novos significados de parentesco. Exige-se a difícil arte de gerir laços de lealdade e suportar alianças nem sempre explícitas. Exige-se também organização nos seus papéis de filhos em relação a progenitores que podem estar, eles próprios, à procura de uma nova identidade, da juventude, em fase de ensaio de novos papéis. E, por último, frequentemente a capacidade de se organizar perante realidades com diferentes orçamentos e recursos materiais (Pieper e Hurrelmann, 2005).

3 **Na relação com os “pares”**, cuja escolha está, aparentemente, cada vez mais feita pelos próprios , mas condicionada por fenómenos nem sempre explícitos. Com a crescente oferta de actividades organizadas nos tempos livres, de lazer ou de actividades desportivas, a pertença a determinado Clube ou a frequência de determinado local limita o acesso a grupos de amigos “aleatórios” (como era por exemplo a vizinhança, onde os jovens se juntavam em grupos relativamente estáveis e onde, na organização das actividades pelos próprios elementos do grupo, havia uma interdependência com espaço para ensaios dos mais diversos desafios).Contrariamente ao ambiente de rua, os jovens na actualidade identificam os amigos com determinado ambiente funcional e a sua performance neste contexto. A pluralidade de ambientes faz com que esteja em falta um tipo de relação contínua que possa facultar aprendizagem de interacção com respeito pela sua totalidade, as suas fraquezas e potencialidades, os traços de personalidade agradáveis e desagradáveis: ou seja, falta a base para uma amizade que se quer sólida e de apoio numa altura em que os jovens ensaiam a sua autonomização. (Pieper e Hurrelmann, 2005)

Quadro nº 3 – Forças Antagonistas na Adolescência



Estas duas demandas funcionam quase como antagonistas, na operação de duas forças contraditórias e por vezes exclusivas, que dificultam as trajectórias dos adolescentes: a **centrípeta** e a **centrífuga** (Riemann, 1961), (**Anexo 1**) acima descrito por Pieper e Hurrelmann.

Estes dilemas agravaram o seu impacto no decorrer da modernidade e ao entrar na modernidade tardia, devido a dois factores que reforçam a tendência de desequilíbrio: de um lado, o aumento das mudanças que requerem adaptações cada vez mais imaginativas e não ensaiadas. Por outro, a crescente indefinição do “ espaço interno “ familiar, que devia funcionar de forma reforçada como contrapeso da mudança na balança.

2.2.6 Estilos Educativos e Estratégias Familiares

“ As transformações rápidas e profundas que acompanham a industrialização necessitam de um sistema familiar que tanto estrutural como funcionalmente, seja muito adaptável, externamente às exigências de outras instituições sociais e internamente às necessidades de seus membros. ” (Vincent, cit. em Goode e Hinojal, 1979:81)

Estabelecer regras e velar pelo seu cumprimento, impor interdições, gerir conflitos, induzir mudança de atitudes, motivar para tarefas (também para as menos populares), manter firmeza, ouvir, respeitar e fazer respeitar - os conteúdos da intervenção parental são vastos e submetidos a adaptação contínua. Embora cada família tenha a sua organização muito própria, existem alguns requisitos básicos para que o seu funcionamento permita o crescimento e o desenvolvimento para a autonomia de todos os seus elementos e do seu conjunto.

Percheron (em L'État des savoirs, 1985: 192) afirma que o sucesso da intervenção não depende tanto do modelo pedagógico, mas sim da capacidade dos pais de transmitir a

sua mensagem. Segundo a autora, constituem factores favoráveis o grau de instrução dos pais, o seu interesse para assuntos comunitários e políticos, e a sua motivação profissional.

O contributo de Kellerhals e Montandon na criação de modelos é uma ferramenta útil na compreensão das finalidades e estratégias do Cuidar das famílias, e na estruturação do modelo de análise para a investigação, embora o trabalho destes sociólogos tenha incidido sobre adolescentes mais jovens (Kellerhals e Montandon,1991:23). Mas na presente investigação, o instrumento recolhe a auto-reflexão dos inquiridos sobre o seu funcionamento familiar (Cuidar). Pelas características das perguntas, o espaço da sua reflexão não se situa só no hoje, mas numa abrangência temporal mais alargada, uma vez que “ *c’est probablement au debut de l’adolescence, à la puberté, que la plus grande variété des styles d’éducation peut être observée: la maturation biologique e psicologique de l’enfant et la proximité des échéances en matière de choix d’orientation scolaire et / ou professionnelle se conjuguent pour poser à la famille d’importants problèmes d’adaptation et lui faire déployer tout son arsenal d’attitudes e des pratiques éducatives.*.” (Kellerhals e Montandon, 1991: 41) Na obra “ *Les stratégies éducatives des familles*”, Kellerhals e Montandon classificam quatro tipos familiares. Estes resultam do cruzamento de dois conceitos que os autores elegeram como sendo de expressão decisiva para a tipificação familiar. São eles a ***Coesão Interna*** e a ***Integração Externa***. Ambos não existem de uma forma absoluta e pura, mas sim num contínuo entre extremos. (Anexo 3)

1 No caso da *Coesão Interna*, que designa o funcionamento interno, entre os elementos da família, cada sistema situa-se algo entre os dois pólos extremos *autonomia* e *fusão* .

2 No caso da *Integração Externa*, os dois pólos serão os da *abertura* e do *isolamento*

Na sua obra, procuram identificar igualmente estratégias que estas famílias utilizam no cuidar dos seus filhos. Para a identificação do *Estilo educativo*, Kellerhals e Montandon elegeram quatro dimensões, e cada uma opera várias componentes com diferente representatividade . (Anexo 4)

2.2.6.1 Estilo Permissivo - Estilo Autoritário - Estilo ***Autoritativo***

Uma outra categorização de estilos educativos, está a ser construída a partir de 1971 por Diana Baumrind, e é actualmente referida por vários autores : **Estilo Autoritário, Estilo Permissivo, Estilo *Autoritativo*** (por vezes traduzido por “democrático”) e uma quarta opção que, mais que um estilo, é a ausência dele: **a falta de envolvimento**, e

que corresponde à expressão do “ *wohlmeinende Leere*” = *Vazio bem intencionado* (Beck 1997) – numa postura parental passiva, que, no entanto, está em franca evolução para a da “*Erziehungsverweigerung*” = *Recusa Educativa*, que designa a demissão do papel parental: o “deslize” para o Estilo Permissivo é iniciado com os movimentos sociais dos anos 60. A.S. Neil cria *Summerhill* e o conceito da “Educação Anti-Autoritária”, levado em bandeiras e brasões por toda uma juventude prestes a assumir ela própria parentalidade. Actualmente, há um envolvimento crescente de sociólogos, psicólogos e pedagogos, que em comentários e consultorias fazem apelo à viragem para uma educação destemida e de bom senso, de limites e regras de mão dadas com o afecto – ao mesmo tempo que folhetos e correntes pedagógicos mantêm peditórios a favor de um maior respeito pelas necessidades, pelo espaço de intimidade, pelos direitos dos jovens. No **Anexo 5**, procurou-se de forma sucinta apresentar numa tabela comparativa os Estilos Educativos propostos por Baumrind, inserindo contributos de outros autores como Becker, Patterson, Gottman et. al.

2.3 CUIDAR – CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

Apesar das mudanças descritas, a família continua a ser considerada a célula onde as “crias” de uma sociedade são geradas e elevadas. É concedida às famílias autonomia e privacidade para o fazer. As referências que a tradição assegurava na transmissão de valores, normas e formas de fazer estão a diminuir. Mudanças vertiginosas e novos desafios, colocam a família diariamente perante a demanda de elevada criatividade e adaptação, para salvaguardar os seus objectivos de crescimento e desenvolvimento para a autonomia de cada um dos seus elementos e do seu conjunto: tarefa essa que aumenta consideravelmente na altura da adolescência dos filho.

Como é que o faz?

Existe um vasto leque de estratégias, podendo no entanto ser identificados algumas técnicas *tipo*, embora variando conforme contexto cultural e de classe. (*Kellerhals e Montandon,1991; Seabre, 1999; Gottschalch 1978; Baumrind et al. desde 1971*). Múltiplas denominações consideram o trabalho promovido junto das crias: educar, nutrir, proteger, socializar, integrar, alimentar, criar vínculos, ensinar, encaminhar, transmitir... no presente trabalho, os objectivos da intervenção parental, o conjunto de conteúdos a transmitir e as estratégias e técnicas utilizadas, foram “enfardados” no conceito **Cuidar**.

Não existe uma definição universal para o conceito. Na cultura ocidental, e particularmente na língua portuguesa, a palavra Cuidar é fortemente conotada com o

ambiente biomédico, numa interacção entre alguém que se encontra de alguma forma numa situação de fragilidade ou de risco, de um lado, e do outro lado alguém com competência, saber e recursos para, de alguma forma, “resolver” a situação. Porém, encontra-se a palavra Cuidar traduzida por **imaginar, supor, meditar, aplicar a atenção, reflectir sobre, trabalhar, ter cuidado, tratar, interessar-se por** (Porto Editora, 7.ª Ed). Na língua germânica, a palavra cuidar é traduzida por *Pflegen*, que significa cuidar de, tratar, assistir alguém. Existe, no entanto um sinónimo mais antigo, *Hegen*, que se traduz por **conservar, guardar, criar, cuidar, proteger, defender, vedar, cercar com sebes**. (Porto Editora, 1985). É aliás, a origem etimológica do conceito: **criar um ambiente seguro, através da criação de dispositivos de protecção e adequação de meios, para poder haver crescimento.**

Num contexto mais filosófico do Cuidar em relação ao *Self*, Lash, refere o conceito com significado de preocupação (Beck Giddens Lash, 1994:160), o que introduz uma vertente de estado de espírito em relação a quem cuida e a todo o processo. Refere os três tipos de cuidados enunciados por Heidegger, embora com algum desfazimento na tradução devido as nuances dos significados: entre o cuidado como *Sorge* (em relação ao *Self*, predominantemente um registo de estado de espírito, a palavra implica inquietação e algum sofrimento), o *Besorgen* (como preocupação, e mais interventiva, em relação à recursos) resta o *Fürsorgen* “ (em relação ao desenvolvimento de outros seres humanos)” (Beck, Giddens, Lash, 1994:160) Falta mencionar o *Vorsorgen*, que adiciona a vertente de prospectivação de necessidades futuras. Assim, “*Parenting is a process composed of tasks, roles, rules, communications, resources and relationships ...parenting involves the skillfull and creative use of knowledge, experience and techniques.*” (Arrendall, 1993) Esta definição pode servir de raiz comum para as inúmeras formas e manifestações de Cuidar. A partir daí, poderá ser útil identificar alguns elementos além das estratégias, que terão necessariamente implicação na diferenciação dos processos de Cuidar:

- 1 *Quem é alvo dos cuidados*
- 2 *Quem é o cuidador*
- 3 *Qual é a relação entre cuidador e quem é cuidado*
- 4 *Quais são os objectivos dos cuidados*
- 5 *Quem define os objectivos*

O alvo dos cuidados : A altura da passagem da infância para a idade adulta, ou seja, a idade com que os cuidados passam de tipo *nutritivo* para o tipo *filiativo*, difere muito entre épocas, sociedades e classes sociais. Em sociedades mais antigas, onde “a procriação é uma função

social altamente valorizada” (Moisseeff, em Gammer, 1999:206) esta passagem está frequentemente definida pela entrada do jovem na idade fértil. Nas sociedades modernas, a *“invenção da infância é um produto da sociedade burguesa, visível na introdução da obrigatoriedade escolar, proibição do trabalho infantil e da emergência de vestuário próprio e literatura infantil.”* (Gerhard, 2003:116) Segundo Ariès, a sociedade terá, a um momento dado, *“inventado literalmente a criança e, depois, o adolescente”* (Segalen, 1996:173) Nas sociedades ocidentais da modernidade tardia, o conceito estende - se ao jovem adulto, com uma fase académica prolongada e um aumento da idade em que o jovem permanece em casa, num regime que, mesmo com idades avançadas, por vezes dificilmente se distingue do tipo *nutritivo*.

Quem é o cuidador: Nas sociedades tradicionais, ter filhos é considerado um **dever social e comunitário** - nas sociedades modernas, é uma **iniciativa pessoal** (Moisseeff em Gammer, 1999).Esta transferência tem um impacto profundo na resposta à pergunta de quem cuida. Em estruturas sociais do tipo tradicional é implicado todo um colectivo, e existem costumes, normas ou até rituais de participação do colectivo no processo. Em caso de falha de um progenitor no seu papel, facilmente entra outra pessoa no lugar do cuidador: afinal, o crescimento da criança significa sobretudo um ganho para a manutenção do colectivo.

Em sociedades modernas, a consideração da criança é a de um bem pessoal, que se encontra numa unidade de intimidade com os progenitores, e unicamente dependente dos pais. É nesta lógica que a importância de pais biológicos explica a crescente procura de soluções, em tecnologia cada vez mais sofisticada, por parte de casais com problemas de fertilidade. A parentalidade de pais biológicos parece a resposta “natural” à questão de quem cuida, e explica a dificuldade na aceitação de outras constelações (como a de dois “cuidadores” do mesmo sexo, por ex.).

Por um lado, esta exclusividade confere privacidade e autonomia na elaboração de percursos, objectivos e estratégias do núcleo familiar. Por outro, remete também para a exclusividade a nível de recursos quando algo corre mal: a família tem de valer por si, é em muito maior grau responsabilizada por sucessos ou insucessos como resultado do cuidar dos seus filhos. Nesta solidão cresce a culpabilidade e o conflito. Entra como Co-cuidador o técnico de serviço social, terapeuta ou médico para servir de mediador, o que explica o grande aumento na procura de apoio de profissionais em casos de problemas como a anorexia, a depressão, o insucesso escolar, o consumo de substâncias psicoactivas etc.

Shorter (1975) é um dos primeiros autores a desenhar um quadro *pós-moderno* emergente em volta do Cuidar. Com a partilha entre amas, cresces e jardins-de-infância e escolas, falta a clarificação em relação a **“quem faz o quê”**. Instalam-se falhas nas competências base como: cumprimentar uma pessoa; manter contacto visual; iniciar, manter e finalizar uma conversa; fazer ou rejeitar um pedido; comportamento à mesa. Falha também a percepção de que com

diferentes parceiros sociais terá de haver necessariamente uma diferenciação destes comportamentos. Cumprimentar os colegas na escola é uma situação, apresentar-se para uma entrevista de emprego devia ser outra. Quem “faz” a educação sexual, da cidadania e de “moral”? **Entre educar e ensinar, a responsabilidade por fracassos é empurrada de um lado para o outro.**

Qual é a relação entre cuidador e quem é cuidado: “ *Historiadores, etnólogos e sociólogos mostram-nos que a relação entre pais e filhos não é uma invariante universal, mas que se modula, nomeadamente conforme as estruturas e funções da família numa dada sociedade*”. (Kellerhals, 1984:102) Assim, não é só a época, o espaço e a pertença à uma sociedade, que determinam a relação entre quem cuida e quem é cuidado. Podem-se identificar tendências nas sociedades tradicionais onde predomina uma relação de autoridade, inferência e distancia, explicável em parte pela alta taxa de mortalidade infantil, em parte pela necessidade de considerar os filhos mão-de-obra gratuita o mais cedo possível, em parte pela necessidade sentida em manter estruturas de poder e controle. É preciso ter em conta que os laços familiares da altura não eram impregnados de afectividade e preocupação em relação a necessidades individuais. (Shorter, 1975) No entanto, existem testemunhos de que também em sociedades pré-modernas “*o sentimento da infância existia e que a criança era amada e rodeada de cuidados*”. (Segalen, 1996:174) Esta atitude democratiza-se nas sociedades modernas, com a mudança da conjugalidade, e a “*sentimentalização da moral doméstica*” (Kellerhals, 1984:104) “*o afecto dos pais pelos filhos parece nunca ter sido tão profundo, tão manifesto através dos cuidados*” (Baudrillart, médico em 1880, em Shorter, 1975:212) Esta tendência manteve-se em permanente subida até à actualidade, quando surge a “*criança rei*”, fruto de uma estrutura conjugal centrada na proximidade e no laço emocional entre os seus elementos, com um forte investimento no papel parental.

A dificuldade de gerir esta tendência leva a um fenómeno recente que Gerhard designa como “**recusa educativa**”, como atitude extrema de pais que “*dispensam a transmissão de limites e proibições aos jovens como parte integral de regras básicas da coexistência humana*” (Willems, 1993:13, em Gerhard, 2003:119) Afinal, trata-se do difícil equilíbrio entre o autoritarismo e a permissividade, entre um regime de regras e poder hierárquico e a sua substituição pelo afecto. Falta o equilíbrio, porque, afinal, o afecto não se revela tão eficaz na organização familiar e social como tinham sido as regras (Torres, em aula 2006).

Quais são os objectivos dos cuidados: No contexto ocidental moderno actual, o lugar do adolescente e o “**salto para a responsabilidade**” do jovem adulto na sociedade estão pouco definidos. Com falta de uma demanda clara, os meios para ensaiar estes papeis e as ajudas em os assumir tornam se pouco explícitos e escassos. Assim, qualquer resposta a esta pergunta terá de

ser minimalista e muito geral. Como já foi referido, a Modernidade Tardia é caracterizada por uma profunda reestruturação de valores e significados que dificultam esta tarefa. Estão identificados na cultura ocidental contemporânea alguns padrões educativos, que indicam p. ex. que “ *os meios burgueses valorizam mais o autodomínio, enquanto os meios operários insistem mais nas qualidades de obediência e de higiene do que na autonomia e na imaginação. No fundo da hierarquia social, insiste-se mais na obediência, no respeito, enquanto as classes médias valorizam a ambição e a criatividade*” no entanto, estes modelos estão a passar o prazo de validade, e assiste-se a uma homogeneização dos objectivos, muito embora vestígios desta segregação sejam ainda bem presentes nas sociedades ocidentais ao entrar na Modernidade Tardia (Segalen, 1999:197) .

Quem define os objectivos: Na privacidade das famílias nucleares como modelo tipo na sociedade da modernidade tardia, traçar objectivos e estratégias para o Cuidar dos descendentes é aparentemente tarefa exclusivamente dos pais, num domínio de liberdade absoluta. No entanto, existem formas implícitas de controlo exercido pelo exterior, pela média, pelas formas de consumo, pelos regimes do género. São eles que determinam a forma de passar o tempo livre, de se apresentar como unidade familiar, de expectativas à nível dos estudos, das relações sociais a privilegiar.

2.3.1 Parenthood e Kinship

Na antropologia anglo-saxónica surge uma distinção entre dois conceitos essenciais na designação do Cuidar: *Parenthood* e *Kinship* .

Parenthood “*designa as diversas funções (nutritiva, socializante, afectiva, etc.) que podem ou devem assumir os indivíduos para serem considerados como pais de outros indivíduos*” (Moisseff, em Gammer 1999:197). Trata-se de todo o tipo de cuidados de que os filhos necessitam para a sua sobrevivência física, psicológica e social, desde o momento da concepção até à adolescência, altura em que o grau de maturação atingido deve conferir autonomia nestes domínios.

Kinship é o tipo de cuidado que designa a função parental a partir do momento em que a função nutritiva se torna obsoleta. Os filhos, apesar de se tornarem sexualmente maduros e fisicamente autónomos, necessitam da continuidade da presença parental, para eles próprios se poderem tornar pais e capacitados para a tomada de decisões a médio e longo prazo.

Nas sociedades tradicionais este papel é fortemente valorizado, fazendo parte das reproduções sociais “ *por meio dos quais se efectua a transmissão e a perpetuação da*

ordem cultural (normas, valores, representações simbólicas em vigor em qualquer grupo cultural)” (Moisseff, em Gammer, 1999:198). Além do seu papel de reprodutores, os jovens vão ter de assumir funções em relação aos parentes a envelhecer: no equilíbrio de poder, na tomada de decisão em toda uma ordem social que faz deles os próprios transmissores para uma nova geração.

Assim, o interesse do colectivo na “apropriação” dos indivíduos na altura da passagem para a idade adulta é compreensível, e reflectido no apoio da aprendizagem de novos papéis tanto nos adolescentes como nos pais através de procedimentos ritualizados.

Os conceitos de *Parenthood* e *Kinship* podem ser traduzidos para o português como cuidados do **tipo nutritivo** e cuidados do **tipo filiativo**, respectivamente. Embora *Kinship* signifique parentesco em geral, neste contexto antropológico é utilizado no grau específico de filiação, ou seja, na relação entre quem assume os cuidados e quem é cuidado. O parentesco, que na sociedade moderna ocidental é fortemente conotado como laço de sangue, de ligação biológica entre os seus elementos (avôs, pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos), tem manifestações distintas em sociedades tradicionais: o parentesco ganha significado através de simbologias em tarefas assumidas por elementos da comunidade, mesmo não sendo relacionados biologicamente. Assim, numa altura de transferência dos poderes reprodutores de uma geração para a próxima, nas sociedades tradicionais existem “ *procedimentos sociais definidos que se destinam a operar esta transferência. Eles mediatizam as relações entre pais e adolescentes interpondo entre estas duas gerações um discurso, ou ordem cultural, que lhes permite assumir, do seu novo lugar e em seu nome próprio, o papel respectivo na filiação*”_(Moisseff, em Gammer, 1999:199).

2.3.2 Cuidar na Adolescência

Nas sociedades modernas contemporâneas, as responsabilidades parentais são definidas predominantemente a partir da **função nutritiva**. A dificuldade dos pais, cuidadores, em abandonar este papel na altura da adolescência fica agravada pela “*ausência, na nossa cultura, de processos sociais generalizados que permitem institucionalizar a passagem da infância para a idade adulta*”(Moisseff, em Gammer, 1999:195). Nas sociedades tradicionais, em relação ao *Kinship* com forte acento na socialização dos jovens como investimento colectivo e do parentesco alargado, o papel dos pais sofre uma redefinição normativa. Mas nas sociedades modernas ocidentais, a autonomização

dos jovens em relação aos pais torna-se mais penosa: falta a “*mediação social que permita distinguir aquilo que na ordem familiar pertence à dependência no plano nutritivo e o que pertence à dependência no plano da filiação, quer dizer, o domínio de Parenthood , e de que é preciso realizar a separação para depois assumir, que é o domínio do Kinship à qual nunca ninguém pode escapar*” (Moisseeff, em Gammer, 1999:215). **Num contexto cultural em que a distinção entre funções nutritivas e filiativas tende a ser ocultada, proliferam situações de disfunção na altura desta passagem, cuja resolução pode ultrapassar a capacidade do coping familiar.** E o jovem, neste início do Séc. XXI, tem de organizar-se perante uma imensa diversidade de fenómenos, tarefas e relacionamentos: encontrar resposta “certa” para determinado estímulo requer elevadas capacidades e conhecimentos. O seu sucesso depende em muito da sua **Competência Social**.

2.4 COMPETÊNCIA SOCIAL - CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

A mudança sempre alberga potencialidades de crise. O conceito **crise** na escrita chinesa é composto por dois sinais: **risco e oportunidade**. Parte-se do princípio que determinada situação ou vivência só se torna de risco se, quem a enfrenta, não está adequadamente preparado para a tarefa, se não tiver uma resposta adequada a determinado estímulo. “*Descreve-se de forma impressionante as circunstâncias cada vez mais complexas a que os jovens são expostos. No entanto, o que os jovens daí elaboram, em relação à sua própria pessoa, - ou seja - o que é que lhes acontece no meio deste percurso - esta pergunta fica por responder.*” (Tillmann, 1995:268, cit. por Gerhard,2003:140)

O que os jovens elaboram são respostas, que desenvolvem em conformidade com as suas capacidades. Retoma-se aqui o conceito de *coping*, ou seja, a “*aptidão para fazer face, para se adaptar a uma dada situação num tempo considerado, utilizando recursos internos ou sabendo pedir ajuda exterior*”(Morel , 2001:164). Um coping com sucesso exige habilidades e conhecimentos, conceitos que neste capítulo vão ser trabalhados como “**Competência Social**”.

2.4.1 Origens do Conceito/ Habilidade ou Competência Social?

Como já foi referido em capítulos anteriores, nas sociedades modernas houve um aumento drástico de novidades. As mais notáveis conquistas ocorreram no século XX, e num espaço de duas gerações houve uma demanda adaptativa excepcional ao nível de habilidades técnicas para poder operar os produtos do progresso. É promovido um imenso investimento para transmitir competências de informática, de novas formas de investigação, de novos métodos na medicina, nas energias, transportes, comunicações e no próprio ensino – mas só recentemente começou haver preocupação com a Habilidade Social .

É preciso reforçar a ideia de Caballo de uma” vida mais simples e fácil”, não significando necessariamente uma vida mais feliz e de realização pessoal. No entanto, enfrentar determinada vida sem as habilidades adequadas é extremamente angustiante.

“Em épocas passadas, a vida era mais simples, se não mais fácil; havia menos sistema, a mobilidade social era menor e as relações eram relativamente claras, com os papéis que tínhamos de seguir, cada um de nós, claramente definidos. Na sociedade ocidental contemporânea, o ritmo de vida é mais acelerado e mais complexo, e as regras mudam de acordo com o sistema no qual trabalhamos neste momento. Com frequência, obriga-nos a actuar em dois ou mais sistemas simultaneamente, e isso requer considerável destreza social.” (Caballo, 2006:XI)

Desde meados do século XX, que se trabalha com vários *antecedentes e parentes* das Competências Sociais actuais, como **Assertividade** e **Empatia**. Posteriormente, surgem conceitos como **Inteligência Emocional**, trabalhada por Goleman(1995) e Filiozot(1997), que colocam como aptidão mestre no topo das habilidades a **Aptidão Social**. Actualmente, o conceito **Habilidade Social** é de aceitação internacional, habitualmente utilizados como sinónimo em relação à **Competência Social** e **Assertividade**. Nas fontes disponíveis do Brasil e da Espanha, é utilizado quase exclusivamente a designação Habilidade Social. *“Porém, parece que ultimamente há a intenção de separar os conceitos, para designar aspectos diferentes do campo da HS”* (Caballo,2006:3). Bandeira, Le Prette et. al. (2000) referem a seguinte distinção, feita por alguns autores entre Habilidade Social e Competência Social :“ *O conceito de Competência Social envolve uma avaliação ou julgamento a respeito da adequação do comportamento de uma pessoa e do efeito que produz em uma determinada situação; enquanto que o conceito de Habilidades Sociais envolve mais o aspecto descritivo dos comportamentos verbais e não-verbais necessários à Competência social*”. A

indefinição persiste na literatura anglo-saxónica, como refere Birkelbach acerca de um trabalho de Rychen e Murray (2005:36): “*While the term competence designates a complex actionsystem encompassing cognitive and non-cognitive componentes, the term skill is mostly used in relation to cognitive or practical abilities*” criando uma clara segmentação hierárquica entre *skill* (Habilidade) como sendo um dos **constructos contidos** na Competência. Birkelbach critica que os mesmos autores, ao longo do seu trabalho, não conseguem manter a clareza desta distinção.

No presente trabalho, optou-se por não diferenciar Habilidade e Competência Social: o foco é a avaliação dos jovens da sua capacidade em organizar-se perante a realidade. Tem, no entanto, uma forte componente cognitiva, uma vez que se trata de uma auto - referência dos inquiridos acerca da sua Competência.

2.4.2 Dilemas na Construção do Conceito

Não existe uma definição unificadora, o que se deve basicamente à propriedade da Competência Social como sendo construída socialmente. “*A falta de uma teoria geral que englobe, na prática, a avaliação e o treino das habilidades sociais é, talvez, uma das principais lacunas do tema que tratamos*” (Caballo, 2006:1) Este facto dificulta a produção científica dissimiláveis, uma vez que para cada contexto cultural seria necessária a elaboração, se não duma escala específica, no mínimo de uma adaptação e validação específica. Surge assim a intenção de elaborar este instrumento no âmbito da tese de mestrado aqui proposta.

Uma definição algo minimalista, mas provavelmente por isso de consenso, é a da Competência Social como **o elo entre o indivíduo e o seu meio ambiente**. Revela a inerência a construção social, no encontro de determinado indivíduo em determinada situação com determinada capacidade de resposta. A dificuldade reside em definir o que é uma resposta habilidosa, já que uma resposta pode sê-lo em determinada situação e não noutra. E na mesma situação pode haver diferentes respostas habilidosas, dependente do estatuto social, da idade ou do sexo de quem desenvolve a conduta.

Tendo em conta a impossibilidade de estabelecer critérios absolutos, Gonçalves postula no seu manual que “*uma conduta socialmente habilidosa seria portanto aquela que possibilita a um indivíduo relacionar-se adequadamente com as pessoas em seu torno*” (Gonçalves, 2002:12). Esta definição faz surgir outra dificuldade, que é o balizar do “adequado”: levanta a suspeita de intenções de controlo social, potencial contribuinte para a manutenção de estruturas de poder e de criação de desigualdade.

Outros autores procuram centrar o aspecto da eficácia, do resultado e do grau de satisfação criado pela conduta, mas esta tentativa explicativa levanta igualmente algumas dúvidas: definir o grau de habilidade com base na eficácia conseguida pelo comportamento, sublinha novamente a faceta da construção social, e por isso impossível de balizar de forma universal e absoluta. A avaliação da eficácia depende do ponto de vista do avaliador, dos seus valores e interesses. Por outro lado, pode haver condutas eficazes, mas não socialmente aceites (desejáveis), que poderão ver-se reforçadas.

A definição de Gismero (1996) parece a mais consensual e abrangente, a mais “habilidosa”: “ *La conducta assertiva o socialmente habilidosa es el conjunto de respuestas verbales e no verbales, parcialmente independientes y situacionalmente específicas, através de las cuales o individuo expresa en un contexto interpersonal sus necesidades, sentimientos e preferencias, opiniones e derechos sin ansiedad excesiva y de manera non aversiva, respetando todo ello en los demás, que trae com consecuencia el auto-reforzamiento y maximiza la probabilidad de refuerzo externo*” (González, 2002:15)

Del Prette(2000:405) colaborou na elaboração de factores que constituem qualidades da Habilidade Social: “*Enfrentamento com risco, auto-afirmação na expressão de afecto positivo, conversação e desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas e auto-controle da agressividade em situações aversivas*”. Uma outra divisão encontra-se em Nunally (1978:274-277) (González, 2000:26):

- 1 *Defesa dos próprios direitos como consumidor*
- 2 *Tomada de iniciativas em relação com o sexo oposto*
- 3 *Expressão de opiniões, sentimentos e pedidos*
- 4 *Dizer não e defender os seus direitos perante amigos e conhecidos*
- 5 *Expressar-se em situações de convívio*
- 6 *Finalizar uma interacção*
- 7 *Facilidade em conseguir aliados*
- 8 *Expressão de desconforto e desacordo*

Caballo (2006:73) diferencia sete componentes, atribuídas a três categorias:

- A *Dizer “ não “ ou assumir uma posição*
- B *Pedir favores ou defender os próprios direitos*
- C *Expressão de sentimentos*

Assim, conseguem-se conjuntos de algum consenso que sintetizam as componentes de Habilidades Sociais. As diversas escalas de avaliação existentes na Espanha e no Brasil baseiam-se nas componentes acima referidas.

Fishman considera o desenvolvimento das competências sociais uma tarefa essencial durante a adolescência que envolve a “ *construção de novas estratégias para lidar com as mudanças nos relacionamentos interpessoais e para redefinir o senso do self do adolescente à luz de novas realidades societárias e sociais.*” Caballo refere que, embora não haja dados definitivos sobre como e quando se aprendem as Habilidades Sociais, a infância constitui sem dúvida um período crítico. Tendo em conta que a adolescência constitui uma passagem da infância à idade adulta, que proporciona novos contextos, novos laços sociais, novos papéis, crescente autonomia e responsabilidade, é de considerar ser esta a fase mais fértil para a aprendizagem de Habilidades Sociais. Os adolescentes são, por isso, alvo privilegiado da intervenção preventiva que se baseia na mudança e modelagem de comportamentos, frequentemente através do treino de Habilidades Sociais. No entanto, este tipo de treino tem sido aplicado em diversos grupos profissionais para aumentar a sua capacidade por ex. de liderança, na gestão de conflitos ou na motivação em estabelecer e atingir objectivos. Mas também tem aplicação em ambientes clínicos, para capacitar pessoas com sofrimento psiquiátrico em enfrentar o mundo; ou na procura de integração social de pessoas com problemas de abuso de substâncias psicoactivas, de reclusos ou de pessoas institucionalizadas.

2.5 CONSUMO DE SUBSTANCIA PSICOACTIVA

“ *Drogas tem a potencialidade de aumentar a capacidade do indivíduo para a auto-regulação (autocontrolo) e facultar novas qualidades nas vivências sensuais; no entanto, também tem a potencialidade de levar à sujeição pela regulação (heterocontrolo) de uma substância farmacológica: é essa a profunda ambivalência do consumo.*” (Gerhard,2003:62).

A necessidade de uma auto-regulação (através da manipulação química) da tensão interior e do estado subjectivo indica a presença de um “ *elevado potencial de tensão induzido pela sociedade.*” (Gerhard,2003:11), sem haver capacidade de resposta pessoal, cultural ou colectivo para atenuar esta tensão.

O uso de substâncias psicoactivas é tão antigo como a própria humanidade. Certas raízes, folhas ou cogumelos eram utilizadas com vista a determinada situação e na procura de determinado efeito: deu coragem aos caçadores, inspiração aos artistas, morte misericordiosa a quem a procurava. Estava-se num tempo de preocupações lineares, de, perante um problema, arranjar uma solução. Deste paradigma ainda hoje se encontram traços residuais, como por exemplo na abordagem biomédica da toxicodependência: A

ELIMINAÇÃO DO PROBLEMA É A SOLUÇÃO. As sociedades tradicionais estão repletas deste funcionamento padronizado com determinada resposta a determinado problema.

Mas nas Sociedades Modernas não é só a tecnologia que se *complexou* com mecanismos cada vez mais sofisticados: considera-se a INTERACÇÃO DO PROBLEMA COM A SOLUÇÃO, num modelo mais cibernético, do constructivismo, de retro alimentação na adaptação de sistemas não triviais. Deixa de existir *uma* solução, mas sim uma sucessão de dispositivos em permanente avaliação e regulados em conformidade com nova informação.

E surge um outro paradigma, como que uma versão tardia do anterior: o DO PROBLEMA SER A SOLUÇÃO: para uma situação ou condição ou tarefa ou expectativa, para a qual o respectivo dispositivo não dispõe de resposta (e que pode indicar que o dispositivo, ou sistema, ou indivíduo está a começar a falhar). Não consegue elaborar resposta aos estímulos do envolvente: ou por os estímulos serem demasiados, os demasiadamente exigentes, ou porque existe um enfraquecimento do sistema em dar resposta adequada.

Surgiu num debate em aula a questão dos sistemas que se “perturbam” mutuamente no exemplo da Organização Social e da Organização Família. Este contexto poderá operacionalizar um outro paradigma: A SOLUÇÃO É O PROBLEMA. Ou seja, apesar da procura de segurança, do aumento de bem-estar material, das elevadas expectativas de prazer e conforto, da importância investida no indivíduo, da abundância que devia fortalecer o indivíduo - hoje, para um considerável número de contemporâneos, é toda uma vida que não se consegue enfrentar sem apoio químico.

O consumo de substâncias pode ser encarada como experiência própria da idade, que tem como objectivo a aquisição de noção de risco. A experiência é conceito distinto de abuso, o abuso distinto de dependência. Factores como a incapacidade de lidar com a ansiedade de falhar na elaboração da sua “biografia de vida”, comum nos adolescentes, jovens e jovens adultos, induzem trajectórias distintas: o insucesso leva à falta de motivação, revolta, medo e resignação. Tendo em conta o trinómio dos consumos (ou seja, o encontro entre 1) determinado indivíduo em 2) determinada situação e disposição e a presença de 3) determinada substância, a mistura torna-se explosiva numa determinada constelação. A substância psicoactiva aparece como função de **ansiolítico**, de **analgésico** para a dor do corpo e da alma, de **capacitador social**, de **lubrificante para o quotidiano**, de **“senha“ para a intimidade vivida entre pares**, de **entrada para uma pseudo-autonomia** ou de **motivo para a desresponsabilização**. Winnicott

recorda precisamente que o adolescente, por mais capacidade que tenha, é ainda imaturo, e deve ser protegido “ (Boutillier, em Gammar,1999:107). Na falha de contentores sociais de apoio, descrita por autores como Beck, Lash, Giddens, Gerhard ou Shorter, esta protecção não está garantida. Lembrando a definição de *hegen* (pag 26), **Cuidar não compreende só o proteger como movimento de “selar”, cercar, tornar inacessível (ao mal – ao perigo). Significa também fazer crescer e fortalecer aquilo que se encontra dentro desta cerca, para que dela se possa sair e enfrentar os impactos sem sofrer danos.** Quando este fortalecimento falha, a substância psicoactiva oferece os seus préstimos.

Já foi mencionado neste trabalho, que as alterações na época actual ocorrem mais rapidamente do que a capacidade adaptativa de quem a assiste. Também já foi mencionado a dupla aceleração na adolescência: é a vertigem de andar a correr dentro de um dispositivo em movimento. E também já foi referida a perda de sustento e estabilidade que caracteriza a estrutura família, entendendo “estrutura” no sentido *giddensiano* sinónimo de “ **Regras e Recursos**” (Lash,1994:109) A nossa hipótese em consonância com a reflexão que Daniel Sampaio (1994) tem vindo a fazer nesta área, é que as mudanças ocorridas nas famílias promovem o enfraquecimento do consenso social sobre o dever e os direitos dos jovens e sobre regras educativas. A desvalorização social da função parental (Flemming, 1995:20) tem estado na origem de perturbações familiares com consequências graves. A autora aponta um fenómeno que denomina “*Mito de uma Juventude radiosa*”, dando conta do aumento da ansiedade vivida pelos adolescentes que, supostamente, vivem protegidos, alimentados, e investidos como nunca antes.

O adolescente, a um passo do ser adulto e da sua autonomia.

Os pais a um passo do ninho vazio.

Ambos correm riscos: os progenitores em ficarem emaranhados por não conseguirem adequar formas de Cuidar; o jovem em falhar na autonomização e no seu reconhecimento. O consumo de substâncias psicoactivas tem papel duplo nesta dinâmica: oferece o problema, que mantém a família no seu registo habitual; e anestesia a ansiedade e a dor do fracasso no jovem.

2ºPARTE

3 METODOLOGIA

Um homem anda às voltas, debaixo de um candeeiro. É de noite. Passa um agente da lei, que pergunta o que está a fazer. O homem responde que anda à procura das suas chaves, e, muito prestável, o agente junta-se na busca. Perante o insucesso, ao fim de algum tempo, pergunta: “Mas, tem a certeza que as perdeu mesmo aqui?” “ Não”, responde o homem, “ mas é aqui que tenho luz para procurar.”

3.1 CAMPO DE OBSERVAÇÃO E APLICAÇÃO DO INQUÉRITO

Para ficar com dados representativos da realidade local, relativos ao Cuidar e às Competências Sociais, inquiriu-se jovens de diferentes contextos sociais, e de ambos os sexos, e com idade compreendida entre os 16 e os 24 anos, a residir na Região Alentejo. O grupo etário parece o mais indicado para conseguir respostas às perguntas de partida, uma vez que é nesta idade que estes podem facultar tanto o olhar para o passado (formas de Cuidar na família de origem) como para o futuro (Competências Sociais adequadas, receios e expectativas), e têm a capacidade de se pronunciar sobre esta passagem no presente.

Foi preocupação obter uma amostra representativa e equilibrada:

- ⇒ Ao nível do grau de diferenciação dos pais,
- ⇒ Ao nível do urbano e do rural
- ⇒ Ao nível do grau de ensino dos inquiridos
- ⇒ Ao nível do sexo dos inquiridos

O acesso aos jovens da faixa etária é facilitado pela sua vinculação em instituições de ensino, eles são maioritariamente inseridos no Ensino Secundário ou em Centros de Formação, e optou-se por dividir a amostra em duas Escolas Secundárias e dois centros de Formação Profissional:

- ⇒ Alunos do Centro de Formação do IEFP, **CFP** (Évora)
- ⇒ Alunos da **EPRAL**, (Évora)
- ⇒ Alunos de uma Escola Secundária (11 e 12º ano) num meio mais rural (**ESVN**)(Vendas Novas)
- ⇒ Alunos de uma Escola Secundária /11e 12ª ano) num meio mais urbano (**ESGP**) (Évora)

As Escolas Secundárias seleccionadas foram as primeiras, num total de quatro contactadas, a aceder ao pedido de aplicação do inquérito. A nível dos Centros de Formação Profissional, o pedido de colaboração foi aceite nas duas estruturas existentes

em Évora: A **EPRAL** e o **CFP**. Ambos os Centros são frequentados por formandos tanto da própria cidade, como também da população envolvente, mais rural, e com alguns alunos em regime de internato.

3.2 PERGUNTAS DE PARTIDA E HIPOTHESES

A recordar, as Perguntas de Partida formuladas eram:

1 Como é que jovens na Região Alentejo, no início do séc. XX, se referem às Formas de Cuidar nas suas famílias

2 Qual é a percepção que os jovens revelam da sua Competência Social

3 Como se referem ao seu posicionamento em relação ao Consumos de Substâncias

Algumas respostas que o estudo poderá revelar estão contidas nas hipóteses seguintes, que surgem com base no enquadramento teórico bem como perante a realidade sentida nas Escolas:

1 Há relações que obedecem a padrões específicos entre Formas de Cuidar e Competência Social e Posicionamento perante Substâncias Psicoactivas.

2 As formas de CUIDAR estão a derivar para a permissividade.

3 A maioria dos adolescentes na Região Alentejo tem fragilidades nas Competências Sociais, e percebe com alguma angústia e incerteza o seu “papel”

4 Existem indicadores de diferenciação por género

5 Existem indicadores de diferenciação por Escola frequentada

3.3 CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

“Um dos difíceis problemas com que se tem batido a investigação neste domínio é o problema dos instrumentos de medida..... É a falta de medidas válidas e fiáveis dos processos familiares. Naturalmente que esta questão se complica quando investigamos no nosso país.”(Fleming, 1995:91) Existem instrumentos no estrangeiro, mas nem sempre o acesso é possível, ou então é complicado, refere a autora.

Com base na leitura sobre escalas já existentes, como a de Rathus, Goncalves, ou a FACES, procurou-se criar uma escala adaptada para a realidade portuguesa. No meio da abundância de fontes na Internet sobre experiências, procedimentos e dificuldades na criação de um instrumento, os critérios de selecção para documentação auxiliadora foram sobretudo o seu vínculo à um meio universitário e as referências bibliográficas dos trabalhos.

Uma das propostas para **Crêterios de Qualidade na Constru o de Escalas multi item de Avalia o** foi proposta por Rammstedt (2004), com os conceitos de Objectividade, Fiabilidade e Validade, resumidamente apresentados no **Anexo 6**.

Segundo Bryman, (Bryman e Cramer, 1990:82) são três as principais razões que apontam a Escala como instrumento de medida mais indicado:

- 1   Mais provável que se consiga com a Escala captar a totalidade de um conceito abrangente
- 2 A Escala permite delinear diferenças mais precisas entre sujeitos
- 3 A Escala permite várias op es ao inquirido, evitando respostas nulas ou *não respostas*

A Escala de Likert (Rensis Likert, 1932),   um dos procedimentos mais aplicados na investiga o social para medir atitudes e opiniões pessoais de alguém acerca de um assunto, uma situa o, um objecto. No presente trabalho, a Escala   construída sob forma de frases que constituem afirma es. O inquirido   solicitado, no papel de rosto de cada inquirido, de indicar o grau da frequência em que cada afirma o corresponde   realidade sentida, entre “*nunca*” e “*sempre*”

Embora a Escala de Lickert seja originalmente de 5 posi es, a sua aplica o com mais ou menos posi es está a ser utilizada. No presente trabalho, optou-se por uma escala de 6 posi es, algumas com orienta o invertida, para evitar distor es nas respostas, procurando evitar a “evasão “ do inquirido para a neutralidade (error of central tendency), (Wikipedia, Verzerrung, 2008); e a *aquiescência* ou tendência de responder em conformidade do socialmente desejável

A cada posi o foi atribuído um número:

1 Nunca; 2 Raramente; 3 às vezes ; 4 Frequentemente; 5 Muitas vezes ; 6 Sempre

O instrumento inicial está dividido em cinco áreas, e s  a primeira parte não se apresenta sob forma de escala, devido   natureza dos dados que se pretendem:

- 1 Enquadramento sócio-familiar
- 2 Identifica o do CUIDAR nas famílias
- 3 Identifica o de Competência Social / Percurso Pessoal
- 4 Posicionamento perante consumo de substâncias
- 5 Identifica o de agrado e dificuldade sentida no preenchimento

Para os tornar claramente diferenciáveis da forma e do funcionamento familiar no instrumento, os itens sobre Competência Social / Percurso Pessoal foram impressos em papel amarelo. Na apresenta o feita na folha de rosto de cada inquirido, explica-se:

“As afirmações de 1- 34 (papel branco), dizem mais respeito a sua vida familiar, de 35-58 (papel amarelo) referem-se mais a sua experiência no exterior da família .”

No que diz respeito à primeira parte, não se pretende um levantamento sócio- familiar exaustivo. Privilegiam-se dados que poderão ter utilidade na identificação de formas do funcionamento familiar ou factores de risco, como a morte de um dos progenitores; desemprego ou invalidez precoce; o lugar na fratria; separação dos progenitores, escolaridade dos pais etc. Na parte central do instrumento de investigação, com dois *Mega conceitos* a investigar (**Formas de Cuidar e Competência Social**) optou-se por construir dois Modelos de Análise distintos. O *Posicionamento perante a Substância psicoactiva, devido a natureza dos seus indicadores, ficou incluído na estrutura da Competência Social.* Formalmente, a construção dos Modelos de Análise segue as propostas de Lazersfeld e Hall (Brymann e Cramer 1990:87) especificando os **Conceitos em Dimensões**, a fim de *“fazer a ponte entre a formulação geral e a sua medição”*, e a atribuição de **Indicadores** que possam medir cada uma das dimensões estabelecidas. Os Conceitos e as Dimensões que constituem os presentes Modelos foram elaborados com base na pesquisa referida no enquadramento teórico.

A própria natureza dos conceitos investigados implica um funcionamento *curvilinear*, com ambos os níveis extremos a indicar alguma disfunção da dimensão investigada. Uma representação de Estrutura *Curvilinear* encontra-se no *Modelo Circumplexo* de Olson; considerando o conceito da *Adaptabilidade*, encontra-se num extremo da Escala um *funcionamento rigidificado*, no outro extremo oposto um *funcionamento caótico*: *“Tanto la cohesión como la adaptabilidad son curvilineares, esto implica que ambos extremos de las dimensiones son disfuncionales, siendo los niveles moderados los relacionados com um buen funcionamiento familiar.”* (Martinez-Pampliega, 2006:319-320) A reflexão sobre as dificuldades na determinação da orientação de cada item, é retomada na Apresentação dos Resultados, Parte 3 deste trabalho.

3.3.1 Modelo de Análise da Identificação do Cuidar nas Famílias

Dois dos conceitos do Modelo de Análise inicia para o Cuidar, **Coesão e Adaptabilidade**, encontram-se no primeiro modelo proposto por Olson e Killorin, modelo esse que mais tarde se tornou tridimensional com a introdução do conceito **Comunicação** (Dantas e Sampaio, 1990). Outro contributo para a construção foi encontrado no trabalho de Kellerhals e Montandon sobre Tipologia da Estrutura Familiar (Kellerhals e Montandon, 1991, Kellerhals 1984), mas também em outros autores, como Alarcão, Fleming,

Segalen, Torres, ou Wall, que na sua obra promovem uma reflexão sobre o funcionamento familiar e a sua intervenção em relação aos adolescentes. (**Modelo de Análise Cuidar Inicial, Anexo 7**)

3.3.2 Modelo de Análise da Identificação da Competência Social

As Dimensões do Modelo de Análise inicial para a Competência Social estão baseadas na pesquisa literária e nas reflexões do enquadramento teórico. Além de considerar as propostas de Caballo, Le Prette e Nunnally, constituiu preocupação criar componentes que pudessem de alguma forma dar contorno aos fenómenos descritos como indicadores da Modernidade Tardia (Beck, Gerhart, Lash e Giddens), bem como o seu impacto na geração de adolescentes (Shorter, Flemming, Alarcão, Cabié e Moisseff).

Ao constituir as dimensões Individuação (**Relação com o próprio**) e Integração (**Relação com o outro, Relação Social**), é emprestada uma proposta de Riemann, que se procurou representar sob forma de Mapa Conceptual no **Anexo 1**.

Para vincular o inquérito à realidade local, foi enriquecido com dados recolhidos num estudo exploratório junto do grupo alvo, no que diz respeito à apreciação do percurso individual. (**Recolha de Dados em Arraiolos**) **Anexo 8**. Esta recolha foi feita junto de um grupo de cerca de 130 alunos, de forma informal, e com suporte de um painel de parede, durante uma actividade na “Semana da Saúde” organizada pela Escola e pelo Centro de Saúde local, em Arraiolos. Dos itens recolhidos, salientam-se as seguintes questões:

A Adolescência é entendida como fase do ciclo vital para aumento de autonomia e aquisição de competência?

É vivida e vista como estado, não como passagem?

Há referências à falta de perspectivas ou a atitudes hedonistas? (“Moratória” no sentido: “Devo e não nego, Pago quando puder...”)

Perguntas que, de alguma forma, possam espelhar estas questões foram introduzidas no inquérito.

3.4 PROCEDIMENTO

Como **Pré-teste**, o inquérito de 60 perguntas para as Formas de Cuidar e 28 para a Competência Social foi aplicado em 30 alunos, 15 de um Centro de Formação e 15 alunos do Ensino Secundário em Évora.

3.4.1 Tratamento do Pré-Teste com Análise Factorial - Af

“Para verificar se os indicadores se agrupam da forma proposta pela definição à priori das Dimensões, utiliza-se com frequência a Análise Factorial”, (Bryman, 1990:90) permitindo ao investigador verificar se os indicadores de determinada dimensão estão de facto relacionados entre eles em correspondendo à dimensão que são supostos medir, e não com os indicadores que deviam medir uma outra dimensão.

A AF é um procedimento matemático disponível no SPSS, que, com base nos resultados de um inquérito, junta aquelas variáveis que se correlacionam fortemente entre elas, expresso por um número que designa o peso (*loading*) (Bryman,1990:328) que determinado item tem com o factor. Assim, a AF *densifica* as variáveis e valida as dimensões, ou produz uma reorganização das mesmas; e reduz as variáveis, ficando só aquelas que tenham elevada “identidade” com um dos factores.

Três razões levaram à opção de correr uma Análise Factorial/ Análise de Componentes Principais:

- 1 Sendo o instrumento bastante extenso, uma redução do número de perguntas poderá facilitar a sua aplicação e motivar os inquiridos para o seu preenchimento
- 2 A AF permite agrupar os resultados através da sua correlação, o que possibilita a validação das dimensões propostas, ou introduz dados para a sua redefinição
- 3 Satisfazer a curiosidade em saber se as perguntas medeiam mesmo as dimensões pretendidas

Proceder a revisão do instrumento com base no resultado da AF, embora aplicada a uma amostra muito reduzida, (Martinez e Ferreira, 2007:140, Field 2005) foi legitimado pelo resultado com correlações significativas e confirmação de Alfa Cronbach (**,734**) para HABILIDADE SOCIAL e (**,837**) para FORMAS DE CUIDAR. Embora um alfa acima de 0.7 seja frequentemente referido como satisfatório, (Nunally 1978, Nunally e Bernstein, 1994, cit. por Rammstedt, 2004) há referências de que “*when dealing with psicológica constructs, values below even 0.7 can , realistically, be expected because of the diversity of the constructs being measured.*” (Kline, 1999, cit por Field, 2006))

Depois do tratamento dos dados do Pré-teste pela AF, a estrutura do Modelo de Análise sofreu alterações: os Factores identificados eram diferentes daqueles que estavam propostos inicialmente com base no enquadramento teórico. Reforçam fenómenos pertinentes para quem respondeu ao inquérito: prendem-se com a luta pela autonomia, por novas formas comunicacionais, pela redistribuição de poder e papéis, pela redefinição do que representa a presença dos pais e a sua participação na vida dos jovens.

3.4.2 Modelo de Análise **revisto** para o CUIDAR (Anexo 10)

A AF identificou 6 factores para o CUIDAR, com valores elevados de correlação, considerados excelentes na sua quase totalidade (Comrey e Lee, , cit. por Martinez e Ferreira, 2007 p.154): Os factores resultantes deste redimensionamento foram designados da seguinte forma:

Formas de Cuidar (Alfa Cronbach de .837)

Factor 1: Diferenciação de papéis (.991, .994,.991, .993,.993, .995)

Factor 2. Participação e Disponibilidade (.724, 845, . 729, . 702, .847,.837, .799)

Factor 3: Poder atribuído (843, . 858,.746, .)

Factor 4: Autonomização (927, . 884, .565)

Factor 5: Renegociação (979, .977,)

Factor 6: Limites (- 717, . 805)

Posteriormente, foram identificados alguns indicadores, referidos na literatura sobre a adolescência actual, como a acessibilidade aos bens materiais e um elevado poder de compra por parte dos jovens. As respectivas perguntas foram integradas no questionário.

3.4.3 Modelo de Análise **revisto** para a COMPETÊNCIA SOCIAL(Anexo 11)

Em relação ao Modelo de Análise para a COMPETÊNCIA SOCIAL, a primeira parte da sua versão definitiva baseia-se nos três factores resultantes da Análise factorial. (Alfa Cronbach de , 734)

Factor 1: Autoconfiança e Auto-afirmação (.890. ,537., 448.,797)

Factor 2: Lidar com desacordo (864,. 910, . 545,.)

Factor 3. Adaptação ao percurso, Motivação (866, . 898,)

As restantes dimensões, que não tinham sido sujeitas à AF por terem sido recolhidas directamente junto de adolescentes (Arraiolos, Quadro 3 e 4) e baseadas no enquadramento teórico, dividem-se em: Representação Social da Adolescência e Posicionamento perante o Consumo.

3.4.4 Aplicação do Inquérito Definitivo

O pedido da autorização de aplicação de 100 inquéritos / Escola foi formalizado em Julho, após contacto telefónico e um encontro para apresentar o projecto em Agosto. Foi autorizada a aplicação já no novo ano lectivo, entre Setembro Novembro de 2007. Só uma das Escolas pediu cópias da apresentação do trabalho para informar e enviar aos encarregados de educação.

Por razões diversas, a aplicação do inquérito sofreu um atraso de sensivelmente 2 meses.

Embora referido como um dos critérios de qualidade na criação de Escalas de Avaliação, não foi conseguido um procedimento uniforme na aplicação do inquérito: só num Centro de Formação a aplicação foi feita e na minha presença; em duas Escolas os impressos foram encaminhados para os directores de turma, e numa Escola a aplicação foi organizada pela psicóloga da Instituição. **(Inquérito Definitivo, Anexo 12)**

3.PARTE

4 RESULTADOS

Como já foi referido, o âmbito deste trabalho não permite um aproveitamento exaustivo dos dados. Assim, os dados sócio-familiares são apresentados resumidamente, agrupados em dados sobre os inquiridos, os seus pais e a estrutura familiar.

Os resultados da 2º-5º parte do inquérito, sob forma de Escala, não se podem cotar em respostas certas ou erradas, numa pontuação sumária que atribuisse a cada família uma nota segundo o seu “sucesso”, ou o seu grau de “disfunção”, ou ainda o seu lugar na classificação para o risco. As perguntas não estão construídas em vista de um **Excelente** numa ponta da Escala e o **Mau** do outro, mas tendencialmente de forma curvilínea, conforme referido na página 3.3. No entanto, a sua transformação em *Scores* seria uma via de avaliação por inquirido, e é uma tarefa que ficou por fazer.

Uma das maiores dificuldades foi a determinação da orientação de cada item, perante conceitos filigranos e complexos, faltando a bidimensionalidade que permite este procedimento. O que pode ser “ bom “ e “funcional” numa situação, pode não a ser noutra. Tanto na apreciação do Cuidar, como das Habilidades Sociais, o ***nunca*** e o ***sempre*** são extremos a avaliar. Um exemplo: a abertura da família para o exterior é considerado saudável, (limites para o exterior permeáveis que permitem a entrada e saída de informação, de relacionamento, na base da adaptabilidade a novos desafios). No entanto, haver ***sempre*** a porta aberta pode indicar falta de limite protector e de coesão, falta de um espaço de privacidade e de intimidade, de transmissão, de pertença, da própria identidade familiar: como referia Shorter, “ a perda de noção de *Ninho*” (1975).

Outro fenómeno que criou dificuldade em apresentar os resultados, prende -se com as alterações que os Modelos de Análise tinham sofrido. Escapou a clareza inicial, que tinha orientado e estruturado a investigação: conceitos como **Coesão** tinham os extremos bem definidos, no caso entre o *Desagregado* e o *Enredado*, o que facilitava a reorientação para que todos os itens tivessem o mesmo sentido.

4.1 REDIMENSIONAMENTO

Para os novos conceitos, saídos das Análises Factoriais, os sentidos tiveram de ser olhados de uma nova forma. Inicialmente, optou-se pela apresentação dos resultados em conformidade com as seis dimensões resultantes da primeira Análise Factorial (Pré-teste), a recordar:

Factor 1 Diferenciação de Papéis/ Distribuição de Poder entre os Progenitores

Factor 2 Poder Atribuído aos Jovens

Factor 3 Limites Externos / Limites Internos

Factor 4 Renegociação

Factor 5 Autonomização

Factor 6 Participação / Disponibilidade

No entanto, perante os Alfa de Cronbach pouco satisfatórios ao testar a fiabilidade das dimensões nos resultados do inquérito final (aplicado em 375 alunos), foi realizada nova Análise Factorial, cujo resultado foi uma reorganização profunda das dimensões, com o seguinte resultado: (**Formas Cuidar de 34 itens, Total Alfa .773**)

Factor 1	<i>Responsividade (Envolvimento)</i>	Alfa ,839
Factor 2	Aliança com a mãe / Função Expressiva	Alfa ,596
Factor 3	Investimento material	Alfa ,735
Factor 4	Aliança com o pai / Função Expressiva	Alfa ,580
Factor 5	Pares em Casa	Alfa ,724
Factor 6	Congruência Parental	Alfa ,476
Factor 7	Coesão Parental	Alfa ,435
Factor 8	“Noção Ninho”	Alfa ,355
Factor 9	Participação na Tomada de decisão	Alfa ,880

Entendeu-se não haver consistência para enquadrar estes novos Factores de forma a manter as Dimensões do Modelo inicial (COESÃO, ADAPTABILIDADE e COMUNICAÇÃO), o que significou o abandono definitivo desta primeira proposta. A questão de alguns Alfas não satisfatórios terá de ser tido em conta na revisão da Escala para eventual validação, mas os *loadings* com elevados valores justificam o proceder da apresentação em conformidade com os novos Factores.

No que diz respeito ao Modelo de Análise inicial para as **COMPETÊNCIAS SOCIAIS**, conforme referido em 3.4.3, previa a seguinte diferenciação:

Factor 1 Auto-Imagem / Autoconfiança

Factor 2 Expressão de Desacordo / Lidar com Desacordo

Factor 3 Adaptação ao Percurso / Motivação

Representação Social da Adolescência

No entanto, a necessária reformulação após nova AF, com base no inquérito N 375, referida, é a seguinte: (**Habilidade Social de 16 itens Alfa .641**):

Factor 1	Correspondência a Expectativas	Alfa .776
Factor 2	Auto-Imagem / Autoconfiança	Alfa .663
Factor 3	Afirmação / Lidar com Desacordo	Alfa .694
Factor 4	Moratória”	Alfa .634

Posicionamento perante o Consumo (8 itens)

Factor 1	Efeito Procurado	Alfa .644
Factor 2	Consciência de Risco	Alfa .453
Factor 3	Medicação	Alfa .548

4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - IDENTIFICAÇÃO SÓCIO-FAMILIAR

4.2.1. Os Inquiridos (N 375)

Os inquiridos têm maioritariamente entre 17 e 19 anos (70%), tendo o mais novo 15 e o mais velho 40 anos. O sexo masculino está mais representado, com 55% dos inquiridos. Dos jovens frequentam 27% o Centro de Formação Profissional (CFP), 24% a EPRAL, 22% a Escola Secundária de Vendas Novas (ESVN) e 26 % a Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP) em Évora. A média dos anos frequentados é de 11,66, a média dos anos de escolaridade é de 10,18. Os 9% de inquiridos sem escolaridade obrigatória (9º ano completo) são exclusivamente das Escolas Profissionais, já que os inquiridos das Escolas Secundárias frequentam o 11º e 12º ano.

4.2.2 Os Pais

Na sua grande maioria (72%) os pais dos inquiridos estão casados. Separados / divorciados são 21 %.

A média de idade das mães dos inquiridos é de 44, a dos pais de 47 anos. Enquanto 34% das mães não têm a escolaridade obrigatória, nos pais são 39%. A tendência da maior escolarização nas mães manifesta-se inclusivamente nas licenciaturas, com 17% das mães e 8% dos pais. 7%, de inquiridos não responde à pergunta em relação ao pai, em relação à mãe é 1%.

Uma grande maioria, 73%, dos pais, estão empregados e 4% no desemprego, contra 57% das mães empregadas com 10% no desemprego. Poderá existir alguma indecisão em indicar uma mãe doméstica como estando no desemprego: há uma elevada percentagem de não resposta, 25%, no caso das mães, contra 13% dos pais. 6% dos pais estão reformados, alguns com idades abaixo dos 50 anos.

A actividade profissional mais representada dos pais, com 11%, é a da construção civil, seguida por 6% de empresários, 6% comerciantes e 6% de GNR, 4% são operários, 4% motoristas, e 5% trabalham na agricultura. Ao todo 8% desenvolvem actividade que

exige formação académica (professor, engenheiro, médico) Existe uma elevada percentagem, 21%, sem resposta á esta pergunta.

Por parte das mães, a maior representação é na prestação de serviço em lares e escolas, (auxiliares) com 10%, seguidas de 8% de empregadas de limpeza, 8% de administrativas e 7% de operárias. Trabalhadoras rurais são 7% das mães, e 7% das respostas refere a função pública. Cerca de 16% das mães têm actividades mais diferenciadas, como professora, engenheira, educadora de infância ou enfermeira. Sem resposta ficou esta pergunta em 14% dos inquiridos.

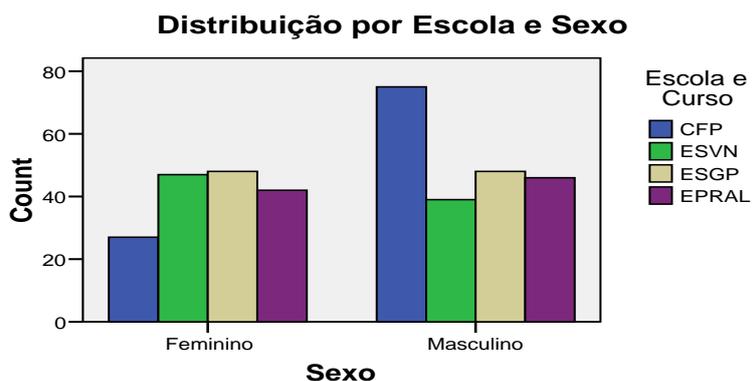
4.2.3 A Família

Na estruturação deste conceito “*tem sido feito tomando como referência a família tradicional nuclear*” (Alarcão, 2000, 109), ou seja, um sistema com pai, mãe e filho(s), que, no presente inquérito, é também a estrutura com maior representação. A média do número de irmãos é de 1,32, sendo o mais frequente (56%) a fratria de dois. Só 5% tem mais que 3 irmãos, 15% são filho único, e 3% tem um irmão gémeo. Maioritariamente, os inquiridos vivem com os pais e irmãos (53%), ou só com os pais (12,8%). Com a mãe, ou mãe e irmão(s) vivem 15%, enquanto com o pai, ou pai e irmão(s) vivem 2%. Em 7% dos agregados, coabita pelo menos um dos progenitores do pai ou da mãe.

4.2.4 Diferenciação dos resultados por Sexo

Existe uma diferença muito significativa a nível do sexo dos alunos que frequentam o CFP, com 73% de masculino contra 17% feminino. Na EPRAL e na ESGP, as percentagens são equilibradas, enquanto na E.S.V.N há maior representação do sexo feminino, com 55%.

Quadro nº 4 – Distribuição dos Inquiridos

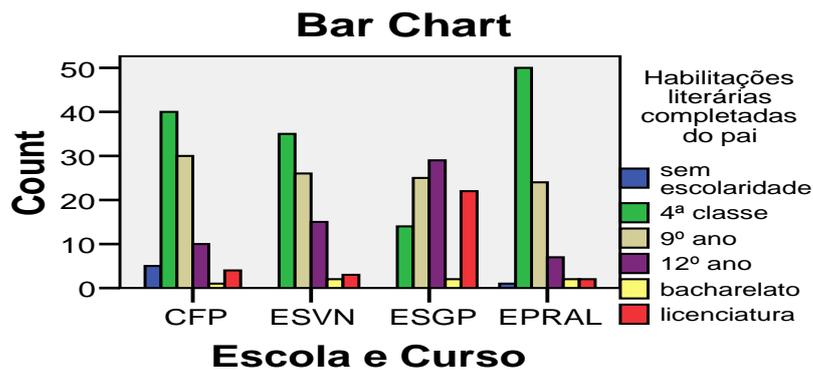
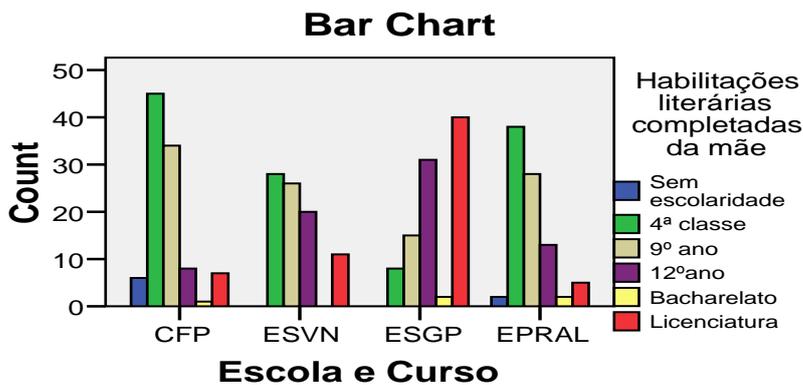


Tanto entre os cursos oferecidos pela EPRAL como pelo CFP se encontram ambas as áreas tipicamente preferidas/ atribuídas ou ao masculino ou ao feminino, assim o desequilíbrio na presença dos sexos não se pode explicar pela oferta programática: as jovens que “faltam” na estatística do CFP podem estar tanto nas Escolas Secundárias, como na ESVN, ou já se encontram no mercado de trabalho como mão de obra não qualificada. Outra explicação, baseia - se no facto de os cursos serem remunerados, atraindo assim jovens com alguma dificuldade de integração no mercado laboral, inclusivamente encaminhados por entidades que trabalham na área da (re)inserção social – e que trabalham maioritariamente com jovens do sexo masculino. Esta hipótese carece de pesquisa junto de entidades locais.

4.2.5 Diferenciação dos resultados por Estabelecimento de Ensino

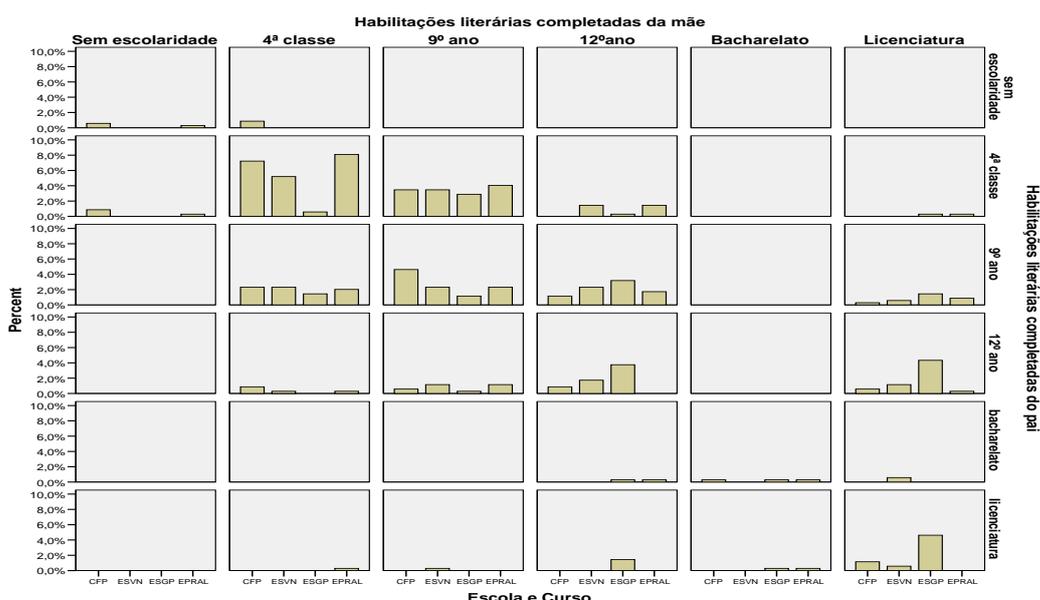
Um dado surpreendente foi a referência de 15 pais já falecidos mas nenhuma das mães. Com maior percentagem esta referência é feita pelos alunos do CFP, bem como a maior percentagem de desempregados, reformados e *não respostas*.

Quadro nº 5 – Habilitações literárias dos pais dos inquiridos



O grau e habilitação literária e a actividade profissional abrange todos os níveis, mas com elevada diferença entre Escolas: A diferenciação entre Escolas Profissionais e Escolas Secundárias é um dado esperado, com a maior escolarização dos pais, especialmente da mãe, a traduzir-se num percurso de maior escolarização para os filhos; factor esse que mais parece influenciar o percurso escolar dos filhos. Em todas as Escolas, encontra-se um nível mais elevado das Habilitações Literárias por parte das mães, este fenómeno acentua-se nas Escolas Secundárias, e em particular na ESGP, em meio urbano.

Quadro 6 - Constelação entre escolaridade dos progenitores



4.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - FORMAS DE CUIDAR

4.3.1 Responsividade (Envolvimento) (Factor 1)

Os jovens sentem abertura para falar dos seus problemas em casa: 55% referem *nunca* ou *raramente* ser difícil falar dos seus problemas, *sempre* ou *muitas vezes* sentem dificuldade 10%. 33% dos inquiridos referem que os pais têm *sempre* ou *muitas vezes* um papel activo na resolução dos seus problema, 3% dizem *nunca* contar com esta participação, e 13% *raramente*. À pergunta sobre o acompanhamento dos pais em novas vivências, 22% respondem com *nunca* ou *raramente*, enquanto 32% referem *sempre* ou *muitas vezes* a presença dos pais na descoberta de novas vivências. No que diz respeito à confidencialidade, 9% dizem ter *nunca* ou *raramente* confiança de que a mesma

respeitada, 41% dizem ter *sempre* confiança na confidencialidade dos pais e 18% muitas vezes. Sobre os planos de futuro dizem conversar em casa *sempre* ou *muitas vezes* 63% dos inquiridos; 2% responde com *nunca* e 4% com *raramente* à esta pergunta. Como passam os tempos livres, é referido por 22% em sendo *sempre* falado com os pais, 30% dos jovens dizem falar *muitas vezes*, e 12% *nunca* ou *raramente*. Espaço para falar das suas necessidades sentem *sempre* ou *muitas vezes* 56% dos inquiridos, contra 8% que respondem com *nunca* ou *raramente* a esta pergunta. São as mães que os jovens dizem procurar quando tem um problema, em 39,2% *sempre* ou *muitas vezes*, (9% em relação ao pai). *Nunca* preferem o pai para falar de um problema 27% dos inquiridos, contra 6% que nunca procura a mãe nesta situação. O item “*fala com o pai quando tem problema*”, não foi atribuído ao **factor 1**- “*Responsividade*”, mas sim ao **factor 4** – *Aliança com o pai*.

4.3.1.1 Diferenças por Sexo

Na maior parte dos itens, como na facilidade de falar de problemas em casa ou a comunicação sobre planos de futuro, não se encontram diferenças significativas entre os jovens dos sexo masculino e feminino, tão-pouco na confidencialidade em relação aos pais. Mas são os jovens do sexo masculino que referem em maior número oportunidade para falar das suas necessidades, enquanto as raparigas referem em maior número *sempre* falar dos tempos livres (27%, contra 17% dos rapazes), e um maior acompanhamento por parte dos progenitores quando se trata de novas vivências.

4.3.1.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Diferenças mais acentuadas encontram-se cruzando os dados do factor com o estabelecimento de Ensino frequentado. Novamente, é o CFP que se destaca, com uma percentagem elevada de inquiridos que dizem *nunca* falar com a mãe sobre problemas, das suas necessidades e dos seus tempos livres. No entanto, são os alunos do CFP que mais referem facilidade em falar abertamente em casa dos seus problemas e pronunciam a sua confiança na confidencialidade dos pais, bem como os que referem os pais como estando presentes na resolução de problemas e em novas vivências, enquanto os alunos das Escolas Secundárias não referem tanto a presença dos pais, nem a confiança que depositam na confidencialidade dos pais, nem o apoio sentido na resolução de problemas.

4.3.2 Aliança com a mãe / Função Expressiva (Factor2)

A partilha de segredos com a mãe é referida *sempre* ou *muitas vezes* em 15,3% (contra 7% com o pai), e 32% *nunca* têm segredos com a mãe (54,9% em relação ao

pai). Esta tendência de aliança mantém-se em relação a confidências feitas ao filho por um dos progenitores, em exclusividade e sem conhecimento do outro: *sempre* ou *muitas vezes* é referida a mãe em 11,8 %, o pai em 4,5%. O pai *nunca* procura este tipo de aliança em 48%, contra 39% das mães. A tomada conjunta de decisões importantes *sempre* é referida por 29,1% dos inquiridos, e *muitas vezes* em 28%. *Nunca* tomam decisões conjuntas 11,2% dos progenitores, frequentemente referido por inquiridos com pais separados. Os itens “*tomada de decisão conjunta*” e “*pai faz maior parte do trabalho doméstico*” foram invertidos neste Factor, para ter a mesma orientação dos restantes itens. 3% dos inquiridos refere ser o pai que *sempre* ou *muitas vezes* se encarrega de fazer maior parte do trabalho doméstico (48% no caso da mãe), *Nunca* o faz em 30% (2%. no caso da mãe).

4.3.2.1 Diferenças por Sexo

São em muito maior número as inquiridas de sexo feminino que referem ter *sempre* segredos com a mãe, e confidencialidades que o pai não sabe. Mas a soma de *muitas vezes* e *frequentemente* ter confidencialidades exclusivas com a progenitora é maior nos jovens do sexo masculino. A salientar neste factor a forma distinta como é vista a participação do pai nas tarefas domésticas: as jovens vêm o pai mais empenhado no trabalho em casa, e também referem tomada de decisão conjunta dos progenitores *sempre* em maior percentagem que os colegas.

4.3.2.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Existem diferenças acentuadas neste factor, entre o CFP e a ESGP a extremar na questão dos segredos com a mãe respectivamente com 43% e 22% dos jovens a marcar o nunca. No que diz respeito ao trabalho doméstico do pai, os alunos da EPRAL nem consideraram o *sempre* e o *muitas vezes*. *Nunca* e *raramente* são as opções mais frequentes de todos os inquiridos: na ESGP soma os 72%, no CFP 48%.

4.3.3 Investimento / Material (Factor 3)

No que diz respeito à roupa, telemóveis, mp3 etc., 60,3% dos inquiridos sentem que os pais entendem *sempre* ou *muitas vezes* a importância da actualização deste tipo de equipamento, 4,5% nunca se sentem entendidos nesta necessidade. A preocupação dos pais em que nada faça falta aos filhos é referida por uma maioria esmagadora, 66%, como sendo *sempre* presente: e 16% *muitas vezes*, 2,2% *nunca* ou *raramente* sentem esta preocupação. 5,9% dos inquiridos acham que os pais *nunca* ou *raramente* fazem tudo para lhes poupar desgostos, contra 60,8% que acha que o fazem *sempre* ou *muitas*

vezes. Existe uma diferença de quase 30% nas referências entre *sempre preocupados em que nada falte* (65,9%) e *sempre fazer tudo para poupar desgostos* (37,6%), o que poderá indicar que os “desgostos” não se encontram tanto na área do material, daquilo que é perceptível por parte dos pais como sendo “ tudo o que precisa”.

4.3.3.1 Diferenças por Sexo

Não existem diferenças acentuadas.

4.3.3.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Mais uma vez, as respostas dos alunos do CFP destacam-se pela tendência de extremar as respostas nos dois pólos da escala: têm percentagem mais elevada tanto em *nunca* como em *sempre* ao avaliar compreensão dos pais das suas necessidades de equipamento actualizado, no esforço dos progenitores em poupar desgosto e na preocupação para que nada lhes falte.

4.3.4 Aliança com o pai / Função Expressiva (Factor 4)

O 4º factor juntou itens que revelam a função expressiva assumida pelo pai, incluindo a partilha de segredos, numa confidencialidade que exclui a mãe, e elege o pai como referência para falar de problemas. Os números são muito inferiores aos mesmos dados em relação à mãe. *Nunca* têm segredos em 54,9% em relação ao pai, (32% em relação à mãe), *sempre* preferem o pai para falar de problemas 3% e *nunca* 27% (em relação à mãe, os respectivos dados são de *sempre* 18% e *nunca* 6%)

4.3.4.1 Diferenças por Sexo

Existem diferenças acentuadas, com as inquiridas femininas responderem *nunca* partilhar segredos com o progenitor em 60%, contra 50% dos jovens de sexo masculino. Em relação a confidências exclusivas com o pai o *nunca* é referido por 51% contra 45%. Preferir o pai para falar de problemas respondem com *nunca* 33% das raparigas e 21% dos rapazes – os dados revelam consistência entre os três itens, e indicam uma maior afinidade com o progenitor por parte dos jovens do sexo masculino.

4.3.4.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Enquanto no CFP 55% dos inquiridos referem *nunca* serem os confidentes do pai sem o conhecimento da mãe, na EPRAL 51%, na ESGP são 43%, e na ESVN 42%, valores parecidos são referidos em relação a segredos com o progenitor.

4.3.5 Pares em Casa (Factor 5)

73% dos inquiridos referem que os amigos são *sempre* bem-vindos em casa, e em 10,4% *muitas vezes*. Só 1,3% referem que amigos *nunca* são bem-vindos, e 1,1% *raramente*. Existe uma abertura generosa para o exterior em relação a pessoas do exterior, amigos e familiares, que em 73% *sempre* e 12% *muitas vezes* encontram porta aberta, porta que se encontra *sempre* fechada em duas respostas (0,5%) e *raramente* se abre em 1,1%.

4.3.5.1 Diferenças por Sexo

Embora ambos os sexos, na sua esmagadora maioria, sentem os pares bem-vindos e a porta da casa aberta para os amigos, verifica-se que esta vontade é maior ainda em relação às respostas dados pelos jovens do sexo masculino.

4.3.5.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Na ESVN, não houve nenhuma resposta *nunca*, *raramente* ou *às vezes*. É pelos alunos do CFP que vêm a maior parte das respostas nestas 3 posições da Escala em relação às outras Escolas, mas também eles sentem-se muito à vontade em receber amigos em casa. É, alias, o item com média mais elevada em todo o inquérito, e em todas as Escolas os inquiridos responderam com percentagem acima dos 70% como sentindo os amigos *sempre* bem-vindos em casa.

4.3.6 Congruência Parental (Factor 6)

Quando questionados sobre o processo de autonomização, os jovens reconhecem a capacidade incondicional dos progenitores em aceitar o seu crescimento em 16%, considerando que os pais *nunca* têm dificuldade em aceitar este crescimento, e *raramente* encontram esta dificuldade 22%. Os pais que têm *sempre* dificuldade em aceitar o crescimento dos seus filhos são referidos por 6%, e *muitas vezes* por 18% dos inquiridos. Necessidades em ler entre as linhas ao comunicar com os pais *nunca* sentem 22% do total dos inquiridos, só dois alunos responderam *sempre* a esta pergunta, não perfazendo 1%. *Muitas vezes* ou *frequentemente* é referido este tipo de necessidade por 10%, e 30% dizem ser *às vezes* preciso ler entre linhas quando conversam com os pais.

4.3.6.1 Diferenças por Sexo

As alunas do sexo feminino referem mais a dificuldade dos pais em aceitar o seu crescimento, 10% dizem *nunca* sentir esta dificuldade contra 20% dos inquiridos

masculinos. Os dados sobre a necessidade de ler entre linhas estão praticamente equilibrados.

4.3.6.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

O mesmo não se pode afirmar quando a amostra é dividida por estabelecimento de ensino. Novamente, as maiores diferenças são apontadas pelos alunos do CFP e a ESGP, com 36% dos alunos do CFP a afirmar que *nunca* têm de ler entre linhas ao comunicar com os pais, contra 12% dos alunos da ESGP. É também na ESGP que existe a percentagem mais elevada de respostas *sempre* ou *muitas vezes*, com 11% entre os alunos desta Escola., seguido pela ESVN com 11%, a EPRAL com 9% e o CFP com 10%. Esta tendência encontra-se espelhada nos dados em relação a pergunta sobre as dificuldades dos pais em aceitar o crescimento dos seus filhos, referidas *sempre* ou *muitas vezes* pelos alunos da ESGP em 30%, da EPRAL em 29%, a ESVN em 20% e do CFP em 19%. Nunca sentem esta dificuldade 22% dos alunos do CFP, mas só 10% dos alunos da ESGP.

4.3.7 Coesão dos pais (Factor 7)

Este Factor acolheu os itens que se referem à coesão entre os pais. *Nunca* toma as decisões importantes a mãe em 6%, contra os pais em 14%, embora haja referência de ser *sempre* ou *muitas vezes* o pai em 22%, e a mãe em 29%. Esta percentagem pode explicar-se pelo elevado número, 19% do total dos inquiridos, que vivem só com a mãe/mãe e irmãos/mãe e outros. Explica também os 5% de não resposta em relação ao pai contra 1% em relação à mãe. É de salientar uma elevada percentagem, 6% do total dos inquiridos, que não responderam à pergunta da tomada de decisão em relação ao pai. Situações em que a mãe proíbe e o pai autoriza, ou vice-versa, são referidas como raras ou inexistentes por quase 50% dos inquiridos, contra 19% onde esta situação é referida como sendo frequente ou muito frequente, e 2% onde esta situação ocorre *sempre*, sendo 50% desta percentagem referida por jovens cujos pais estão separados (mas não divorciados). Curiosamente, o item que designa a mãe como principal responsável para o trabalho doméstico foi incluído neste factor. Os dados confirmam a mãe em 17% como sendo *sempre* a principal agente, e 55% *muitas vezes* ou *frequentemente*.

4.3.7.1 Diferenças por Sexo

Enquanto a avaliação dos inquiridos sobre a tomada de decisão por parte da mãe está bastante equilibrada, já não é unânime em relação ao pai: 15% dos jovens masculinos (contra 13% femininos) indicam o pai como quem *nunca* toma as decisões,

mas são os jovens do sexo masculino quem em maior número vêm o pai *sempre* ou *muitas vezes* na tomada de decisão.

4.3.7.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

A diferenciação por Escola é, mais uma vez, bastante acentuada: na tomada de decisão por parte da mãe, os alunos da ESGP nem consideraram a opção *nunca*, mas 7% referem o *nunca* em relação ao pai, na EPRAL o *nunca* até soma 22% nas respostas dos inquiridos. A tendência de atribuir mais poder na toma de decisão à mãe é seguida por todas as Escolas.

4.3.8 “Noção Ninho” (Factor 8)

O nome atribuído a este factor pretende enfatizar o peso dos itens que engloba, e que indicam o abandono da “noção do ninho” – não em relação à libertação da mulher referida por Shorter (1975), mas na lógica por ele evocada na sua previsão da família pós-moderna. 48% dos inquiridos afirmam poder *sempre* fechar a porta do quarto à chave, e 8% *muitas vezes*. 17, % *nunca* o pode fazer. 31 % dos inquiridos sentem ter *sempre* ou *muitas vezes* o poder de contornar facilmente as regras da casa, 3% referem *nunca* o poder fazer, 18% *raramente* , 29% *às vezes* e 16% *frequentemente*. Mais competência na tomada de decisão, por possuir conhecimentos que os pais não têm, sentem *sempre* ou *muitas vezes* 34,9% dos jovens, contra 15% que *nunca* ou *raramente* têm esta noção.

4.3.8.1 Diferenças por Sexo

Os gráficos indicam uma avaliação bastante homogénea deste factor. No entanto verifica-se, em relação aos inquiridos masculinos, a tendência de maior facilidade em contornar regras e maior liberdade em fechar o seu quarto à chave. Os inquiridos do sexo masculino afirmam-se de forma mais acentuada como tendo conhecimentos acima aos dos pais que capacitam para a tomada de decisão.

4.3.8.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

O CFP revela neste factor as percentagens mais elevadas, em relação ao direito de fechar o quarto à chave, e, de forma muito acentuada, na facilidade de contornar as regras da casa: referida como sentida *sempre* em 23% pelos alunos do CFP, contra 12% dos da EPRAL; e 6% tanto dos da ESVN como da ESGP.

4.3.9 Participação na Tomada de decisão (Factor 9)

Os jovens inquiridos sentem que têm parte activa na tomada de decisão:41% referem fazer *sempre* ou *muitas vezes* parte, só 10% *nunca* ou *raramente* o fazem.

Quando se trata de participar com opinião sobre a decisão, desce para 7% a percentagem dos que *nunca* ou *raramente* se sentem ouvidos, 44% referem ser ouvido *sempre* ou *muitas vezes*.

4.3.9.1 Diferenças por Sexo

As diferenças entre os inquiridos sentidas neste factor são ligeiras, embora com alguma significância na participação *frequentemente* de tomada decisão, sentido por 28% dos alunos, contra 17% das alunas, que reforçam a sua participação em maior percentagem como *raramente* ou *às vezes*. Os inquiridos do sexo masculino sentem mais vezes *nunca* serem ouvidos ou convidados a participar, (3% na tomada de decisão dos votos masculinos, nenhum voto feminino)) mas também são representados ligeiramente acima dos votos femininos na afirmação de *sempre* fazer parte e ser ouvido na tomada de decisão.

4.3.9.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

O maior número de alunos a afirmar serem *sempre* ouvidos na tomada de decisão são os alunos do CFP, 35%, seguido pela percentagem da EPRAL com 20%, enquanto os alunos das Escolas Secundárias referem poder opinar *sempre* em 15% e 16%. Estes números descem ligeiramente, mantendo o *ranking* entre Escolas, quando se trata de fazer *sempre* parte da tomada de decisão.

4.2.10 **Factor 10**

Este factor apresenta dois itens, com um Alfa residual, não oferecendo portanto consistência interna. Na relação com a Escola, é considerado por 18,7% dos inquiridos que os pais entregam a tarefa de ensinar *sempre* a esta instituição, 43% deixam *muitas vezes* ou *frequentemente* o ensino dos filhos ao cuidado da Escola, e 10,4% *nunca* ou *raramente*. Na AF, este item foi acoplado à pergunta da manifestação de opinião dos pais em caso de desacordo: São 5,1% que referem que os pais *nunca* ou *raramente* dizem a sua opinião com franqueza, contra 58,9% que dizem sentir esta franqueza por parte dos pais *sempre* ou *quase sempre*.

4.3.10.1 Diferenças por sexo

Diferenças existem na forma como é vista a entrega do ensino à Escola *sempre* e *muitas vezes*, mais referido pelos jovens do sexo masculino.

4.3.10.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

São os inquiridos da ESGP que referem em percentagem mais elevada, 28%, que os pais entregam o ensino sempre à Escola – nos outros estabelecimentos, esta

percentagem fica entre os 14% e os 15%. No que diz respeito à franqueza dos pais em situação de desacordo, os extremos apresentam-se novamente entre o CFP e a ESGP: enquanto 43% dos inquiridos do CFP referem sempre conta com a franqueza dos pais, na ESGP são só 28%

4.4 FORMAS DE CUIDAR: DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os Factores criaram “imagens” de família, paisagens, que, pelo seu próprio conjunto, transmitem ambientes determinantes. São cenários ora luminosos e acolhedores, que convidam a ficar; ora lúgubres e agrestes, que fazem desejar a mudança para o próximo acto.

Em primeiro lugar entra em cena **Factor 1**, o da *Responsividade (Envolvimento)*, que representa um quadro caloroso e seguro, com referências de abertura, de confiança nos progenitores, de participação e partilha. Os jovens sentem espaço para falar das suas necessidades, dos seus planos para o futuro, dos seus problemas, e estão confiantes na confidencialidade dos seus pais – o que significa disponibilidade por parte dos pais, e sua presença no percurso dos jovens. O acompanhamento de novas vivências parece equilibrado, com espaço para a descoberta fora da alçada dos pais. Em contrapartida, é referida uma presença dos pais mais acentuada na resolução de problemas, o que poderá indicar uma certa fragilidade dos jovens em lidar com novas situações quando estas se revelam adversas. Ou seja, a autonomia referida não corresponde a uma competência por parte dos jovens que consiga resolver situações problema, sendo os pais uma espécie de *task force* de emergência. Curiosamente, a preferência em abordar a mãe para falar sobre um problema, o papel da mãe com uma certa predisposição para este tipo de atendimento, foi atribuído a este factor, enquanto a pergunta *gémea*, de preferir o pai, foi atribuído ao **Factor 4**. É um dos factores menos apelativos, que traçam uma imagem da conjugalidade / parentalidade disfuncional, onde abundam os segredos, as alianças e a confusão de papéis, onde faltam objectivos comuns, partilha de tarefa e equilíbrio de poder. Curiosamente, os factores diferenciam estes fenómenos em dois: **Factor 4**, em relação ao pai, onde a partilha dos segredos e de confidências que excluem a mãe colocam o pai também no papel do parceiro de eleição para falar de problemas, enquanto no **Factor 2**, a exclusividade da aliança e da confidencialidade é referida em relação à mãe. Entram neste mesmo factor da *Aliança com a Mãe* o desequilíbrio nas tarefas domésticas e na tomada de decisão - uma referência de *desigualdade*, mas não de *ausência* do outro progenitor, enquanto o **Factor 4** é dedicado ao progenitor masculino

em exclusividade: não há referência à mãe. Alguns resultados apontam para a existência de práticas com traços da família tradicional, com a mãe a desempenhar maioritariamente os trabalhos de casa, a ser a preferida para fazer confidências de problemas ou de segredos que excluem o conhecimento do pai. Evoca a memória do modelo de Parsons com diferenciação dos papéis e a inerente distribuição do poder entre os progenitores, com a tendência acentuada do papel expressivo e doméstico da mãe; e um progenitor masculino mais ausente e distante. Existe um ténue equilíbrio entre a proximidade à progenitora no papel predominantemente expressivo, e uma *Aliança*. Mas a atribuição da ausência de tomada de decisão conjunta a este factor, bem como a acentuada ausência do pai nas tarefas domésticas, justifica a sua denominação. (Recorde-se que, no presente inquérito, pelo menos 57% das mães também trabalham no exterior, não deixando a exclusividade do *bread winner* ao cônjuge masculino.) A aliança de um dos progenitores com um dos filhos contra o outro progenitor, é considerado um elevado Factor de Risco em famílias desestruturadas. Cria conflitos de lealdade no filho, e, no extremo, leva a parentificação de um filho, contra a ausência emocional e comunicacional, por vezes até física, do outro progenitor. A proximidade à mãe, no contexto de e uma figura paterna distante ou mesmo ausente, pode resultar em patologias sociais e relacionais (Amaral Dias (2001), Relvas (2000) (Alarcão (2000) Morel (2001). No **factor 4**, onde é atribuído o papel expressivo ao pai, importa referir que 83% (**n10**) dos inquiridos que referem sempre preferir o pai para falar dos seus problemas são do sexo masculino, e que esta proximidade sentida é mais elevada quando os progenitores são separados.

O **Factor 3** representa o *Investimento Material*, a importância de equipamento actualizado, onde 60% dos jovens sentem que os pais entendem as suas necessidades *sempre* ou *muitas vezes*, e 83% admitem que os pais *sempre* ou *muitas vezes* se preocupam em que nada falte, confirmando o fenómeno em torno do “**L’Énfant Roi**”, como é referido por vários autores, (melhor: “**Adolescente Rei**”). Numa Sociedade que promove a felicidade e promete a sua presença através da aquisição de bens e serviços (a questão entre, TER ou SER reflectida por E. Fromm), estão os próprios pais implicados na construção de uma predisposição “*porque eu mereço*”; não no sentido judaico – cristão da responsabilização dos seus actos, mas sim como direito adquirido. “*Porque eu mereço*” encaixado sob forma de lei universal, promove, ao falhar, sentimentos de falhanço e injustiça, e, sobretudo, um profundo descontentamento e revolta. No **Factor 5**, *Pares em Casa*, os espaços da família aparentam uma abertura quase incondicional para o exterior, o que contradiz de certa forma a tendência de

domiciliação, no extremo com limites mais fechados para o exterior e sem limites no interior. Poderá ser a invasão do espaço familiar pelos pares, a tomada da fortaleza familiar, um novo reino, novas regras, novos modelos, com passagem de controle aos mais novos. Há no entanto uma interpretação que indica exactamente o contrário: dar incondicionalmente as “boas vindas” aos amigos, referido em tão elevada percentagem; pode ser motivado pela ambição dos progenitores em manter o palco sob a sua encenação, o ambiente “seguro”, um certo controlo do espaço em que acontece a relação entre pares. Com rapazes e raparigas cuidados da mesma forma, está instalada a igualdade: com riscos diferentes, estão no entanto ambos em risco. Esta abordagem coincide com a tendência referida por Pieper e Hurrelmann perante a imprevisibilidade e o risco à espreita em todo lado, os progenitores procuram restringir o espaço social dos jovens, de planear o dia e os ambientes sociais. Mas a aparente generosidade, de abertura e de partilha, tem um preço elevado: em primeiro lugar, o empobrecimento do “campo de treino”, tanto local como situacional, cuja diversificação permitiria o ensaio e a modelagem das mais diversas Competências Sociais. Em segundo lugar, a falta de privacidade, coesão e espaço exclusivo para os elementos da família, perante uma abertura total sem limites externos. Este espaço é essencial para a organização do sistema familiar. Quando falta, leva a escassez de disponibilidade e perda de informação pertinente, necessária para salvaguardar protecção, laços de pertença e satisfação de necessidades – e a dificuldade em criar e manter regras, procedimentos e rituais – identidade familiar. O ambiente do **Factor 6** *Congruência* desenrola, novamente, um cenário pouco acolhedor: perante a necessidade do jovem em ler entre linhas, e a dificuldade dos progenitores em aceitar o seu crescimento. É talvez o factor mais esperado, mais “clássico”, com as dificuldades *tipo* do ciclo vital em questão, com a incapacidade de mudar o discurso, abrir a comunicação e partilhar necessidades e receios. É a paisagem da distância entre os jovens e os seus progenitores.

O **Factor 7** sublinha a distância entre os progenitores, com a tomada individual de decisões importantes, da falta de união na transmissão de regras, no desequilíbrio na distribuição de tarefas: uma paisagem onde aparentemente não existe coesão entre os membros. Estes fenómenos tanto podem fazer referência a conjugalidades desestruturadas no sentido litigioso, como também a “pais cintilantes”, expressão utilizada por Coimbra de Matos (Amaral Dias, *Colectânea*, 2001: 169), para designar pais que, no meio da vertigem dos dias, não conseguem coerência para funcionar como modelos estáveis. Ambos os factores podem também reforçar o conceito de Bergeret (cit por Vieira,

em Amaral Dias, 2001:169) da “nova forma sincrética” onde “o casal não só não se entende como evita todo o papel parental definido. Não admira, pois, a “pobreza identificatória” de seus filhos.” **Factor 6 e 7** evidenciam falhas nos “sistemas executivos claros, onde as relações são verticais: a eles compete impor limites, entre subsistemas e entre indivíduos, que criam e clarificam papéis, e exercer a pilotagem do sistema” (Alarcão,2000:154) No **Factor 8** encontram-se confirmadas algumas características da família da modernidade tardia, com a desvinculação dos jovens no que diz respeito às regras da casa e aos saberes dos pais, e com a criação de um espaço individual “estaque” no espaço familiar. Numa “época de disparidade” (Giddens, 2005:32) com todos os riscos que isto acarreta, os jovens não andam à procura de laços, guias e competências orientadoras. Estão em autogestão, tendo como referência os pares em relação a quem referem uma confortável proximidade. Esta proximidade confere referências nas formas de linguagem, estilos de vestuário, organização de tempos livres (e consumos?) – valores “mutáveis”. A família, que devia ter o papel principal como “tecedeira” da rede sólida, de valores “estáveis” (Simões, em Matos et.al, 2000), de valores que influenciam decisões com implicações no futuro, fica com papel de figurante.

É elevada a percentagem dos jovens que sentem fazer parte da tomada de decisão em casa, o número de votos afirmativos é ainda mais elevado quando se pronunciam sobre ocasiões de fazer ouvir a sua opinião. As questões em torno da tomada da decisão estão intimamente ligadas à distribuição do poder. É a presença central marcada pelos jovens, a corte da “criança rei”. O **Factor 9** reforça os jovens no papel principal da peça “Família no séc. XXI” e mantém as diferenças do género: enquanto existe algum equilíbrio em relação ao contributo de opinião na tomada de decisão, quando chega a altura da participação activa na tomada de decisão são os inquiridos masculinos a afirmar maior presença.

No final, apresenta-se o **Factor 10**. Será, algo pretensiosamente, o cerrar fileiras da responsabilidade parental: de manter o diálogo com franqueza em alturas de desacordo, e da partilha educativa em relação à Escola. A manifestação de opinião em altura de desacordo por parte dos pais é confirmada por um grande número de inquiridos de ambos os sexos. Assim o é a entrega do ensino à escola. Mas existe também uma percentagem elevada de pais que assume uma parte das funções educativas através do acompanhamento e participação activa no percurso – ou será o “Não deixar o Ensino entregue à Escola” manifestação de desconfiança, e manutenção de controlo na exclusividade parental?

O conceito da família está em vias, quiçá enviesada, para uma redefinição tipo “Clube Med”, de prestação de serviços, para a satisfação de necessidades reduzida às transferências bancárias e carregamentos de telemóveis, serviço de lavanderia e de transporte, e toda uma logística em volta de *tupperwar* etiquetada. É feito um elevado *input*, tal como referido por Baumrind, mas há falha no “*salta para a responsabilidade*” referido por Giddens, tão pouco é feita a exigência neste sentido por parte dos pais. Por outro lado, a diferença de quase 30% nas referências entre *sempre preocupados em que nada falte* e *sempre fazer tudo para poupar desgostos* já foi referida, poderá significar uma carência por descobrir, que não se sacia com um Cartão de Crédito – ou a **impossibilidade de ficar saciado**, no meio da abundância. Recorda a lenda de tempos perdidos na memória, o navio fantasma, que navega os mares sem rumo, levando a bordo a maldição da insaciabilidade, a um permanente síndrome de privação perante o quotidiano.

Poderá significar também uma atitude reflectida, pedagógica, a resistência ao consumo frenético, o transmitir da noção de nem tudo se pode ter na vida.

Alguns dados recolhidos permitem afirmar a mudança, da família **tradicional** para a família **moderna**, e com alguns traços da **modernidade tardia**, nomeadamente na passagem do SABER, da perícia, para os mais novos, e o seu distanciamento das competências dos pais. A sua capacidade de contornar regras estabelecidas, bem como a sua participação na tomada de decisão são indicadores que as estruturas tradicionais estão a ficar mais frágeis. Os números podem significar de que, ao abandonar conceitos de autoridade e rigidez como atributos educativos, houve um deslize para a permissividade. Os limites dos segmentos e a linhagem hierárquicos são difusos, predominam alianças com um dos progenitores e uma aparente facilidade em conseguir dos pais todo o apoio que os próprios jovens consideram pertinente, em particular no que diz respeito aos bens materiais, de equipamento actualizado. Curiosas são as diferenças existentes entre os dados em relação ao estabelecimento de ensino. Não só, como era de esperar, entre Escolas Secundárias e Centros de Formação, mas sobretudo entre a Secundária Urbana e a Secundária mais Rural. Aparentemente, pode assinalar – se uma atitude mais hesitante e crítica em relação às necessidades materiais dos jovens em meio urbano. A facilidade em contornar as regras de casa referida pelos inquiridos, e a auto-avaliação da sua capacidade de tomada de decisão acima da dos pais (que, no entanto, aparentemente não capacita para a resolução dos problemas sem a intervenção dos mesmos), bem como a participação dos jovens na tomada de decisão, pode ser indício de

um elevado poder destes jovens dentro da família (fenómeno esse bem patente na forma como os jovens, por vezes já em idade pré-escolar, são representados nos média como “sábios” de alta tecnologia, fraldas ou alimentação, peritos a dar conselhos aos crescidos). Pode ser indício também de um enfraquecimento da conjugalidade no sentido da sua união, da coesão num nível hierárquico superior, e não em aliança exclusiva com uma das crias. É preciso considerar, ao avaliar os dados do inquérito, que os sistemas familiares que estão em avaliação são diversificados: a recordar o “clássico” ainda em maioria, mas com outras formas de famílias recompostas e sistemas monoparentais, onde ficam bem visíveis litígios latentes e a falta de proximidade de um dos elementos parentais. Nestes casos, a informação por vezes nem é disponibilizada, ao preencher o inquérito há espaços em branco sobre idade, actividade profissional ou habilitações, (em elevadas percentagens sobretudo em relação ao pai), ou seja, e em relação às perguntas que dizem respeito ao progenitor “banido”.

Alguns dados indicam igualdade nas formas de Cuidar entre os sexos, outros existem bem diferenciados: no que diz respeito a *responsividade*, a relação de franca comunicação com os progenitores parece equilibrada. Mas os jovens do sexo masculino têm mais atenção dos pais em relação às suas necessidades, enquanto há uma maior proximidade dos progenitores em relação aos inquiridos do sexo feminino, nomeadamente nos tempos livres e em novas vivências, e até na referência mais elevada da entrega do ensino à Escola quando comparado aos rapazes. Pode ser indicador de uma supervisão e algum controle mais apertado em relação às raparigas, o que corresponde a um modelo mais tradicional, de diferenciação educacional. Olhando os resultados por Estabelecimento de Ensino, assiste-se a uma elevada diferenciação, mais extremada entre o CFP e a ESGP. Estes extremos coincidem com a maior diferenciação do nível nas Habilitações Literárias da mãe, sendo o dado mais saliente na diferenciação das famílias de origem. E é também nessas duas Escolas que existem mais referências em pólos opostos, p. ex no que diz respeito à aliança com a mãe. Mais curioso revelou-se esta diferença ao chegar ao **Factor 8**: os alunos do CFP, nos factores anteriores, tinham construído uma paisagem familiar tendencialmente tradicional, com referências acima das dos restantes inquiridos no que diz respeito à participação dos pais em novas vivências e na resolução de problemas, na partilha de ideias sobre tempos livres, projectos para o futuro, a sua confiança na confidencialidade dos pais e na compreensão dos mesmos das necessidades materiais dos jovens: em suma, **um ninho que é desmontado num ápice no Factor 8**. Nos itens que constituem este factor são eles que

mais referem ter sempre capacidade em contornar as regras da casa com facilidade, quem mais refere poder sempre fechar o quarto à chave, e quem afirma em percentagem elevada, ter conhecimentos que os pais não têm, e que os capacitam a tomar as suas decisões. Haverá, por parte dos jovens, a tentativa de “proteger” uma instituição, fragilizada, através de laços de lealdade? Será que consideram a continência familiar demasiadamente ténue para a poder criticar, criando uma imagem com base em conceitos que transmitem para o exterior, para dar uma visão do que eles consideram a família nuclear “tradicionalmente” sólida, e que, ao chegar às perguntas do **Factor 8**, se desmorona? Mais uma vez, o tratamento dos dados fez surgir mais perguntas, do que prometeu responder: À guisa de exemplo: Os pais referidos como *entregadores* incondicionais dos filhos ao ensino institucional, são eles progenitores confiantes na competência dos professores e do Sistema Escolar? Ou são pais demissionários, que abdicaram da participação no percurso educativo do seu filhote? São pais que entregaram a responsabilidade para a “formação” (logo também da “deformação”) do jovem ou da jovem às instituições? Ou, no caso dos pais que nunca ou raramente entregam o ensino à Escola: são eles pais desconfiados em relação aos equipamentos sociais e educacionais, e ansiosos em manter o controlo? Ou significa esta tendência o assumir da participação e da co-construção do percurso de aprendizagem do seu filho? O voto maioritário, *às vezes*, retrata pais que procuram o equilíbrio entre a sua intervenção educativa ao mesmo tempo que atribuem à Escola um lugar de destaque na transmissão de conhecimento, um meio privilegiado de aprendizagem e socialização, enriquecedora para o funcionamento familiar e para a organização do jovem?

4.5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS – COMPETÊNCIA SOCIAL

4.5.1 Correspondência a Expectativas

A correspondência às expectativas, respondem como tendo *sempre* receio 8,3% (*muitas vezes* 27,2%) em relação aos pais, 10,7% (*muitas vezes* 29,6%) em relação ao desempenho escolar e profissional, 5,3% (*muitas vezes* 18,1%) em relação aos amigos e 9,6% (*muitas vezes* 14,4%) numa relação amorosa. *Nunca* dizem ter receio de decepcionar expectativas em relação aos pais 6,9%, em relação ao desempenho escolar e profissional 3,7%, em relação aos amigos 10,9% e numa relação amorosa 12,3%.

4.5.1.1 Diferenças por Sexo

Há uma franca diferenciação dos resultados quando divididos pelo sexo dos inquiridos: são as jovens do sexo feminino que têm em muito maior percentagem *sempre*

e *muitas vezes* receio em não corresponder às expectativas, tanto dos pais como dos amigos, e de forma mais acentuada em relação às expectativas no meio escolar e profissional. Nas relações amorosas, são mais jovens do sexo masculino a afirmar *sempre* ter receios – mas também são eles que em maior percentagem afirmam *nunca* ter receio, ou *raramente*, enquanto as jovens do sexo feminino referem maioritariamente ter *muitas vezes* ou *frequentemente* este receio.

4.5.1.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

São os alunos da ESGP que em menor percentagem, 25%, referem ter *sempre* ou *muitas vezes* receio de não corresponder às expectativas dos pais, contra 37% dos alunos da EPRAL; 40% do CFP e 41% da ESVN. São também os inquiridos da ESVN que têm maior percentagem *sempre* ou *muitas vezes* em relação aos receios de não corresponder às expectativas escolares e profissionais, e em relação aos amigos. As maiores diferenças entre as Escolas existem nas referências sobre os receios de não correspondência às expectativas numa relação amorosa, onde 22% dos alunos do CFP referem *nunca* ter este receio, contra 6% da ESVN, 12% da ESGP e 8% da EPRAL.

4.5.2 Auto – Imagem / Auto-Confiança (Individual)

Inquiridos sobre a forma de vestir, 32% acham que têm *sempre* bom gosto, e 29,3% *muitas vezes*. Só 0,6% afirmam *nunca* ou *raramente* ter bom gosto, o que corresponde a uma resposta em cada uma dessas opções. Em relação à saúde, 4% dos inquiridos respondem que *nunca* ou *raramente* se sentem saudáveis, contra 68% que se sentem *sempre* ou *muitas vezes* de boa saúde. Ter sempre boas ideias para a realização de projectos consideram 10%, e *muitas vezes* 36%, *nunca* ou *raramente* ter boas ideias referem 4%. Nenhum dos inquiridos respondeu que *nunca* gosta de crescer e assumir mais responsabilidade, e 2% só *raramente* se sentem motivados para o crescimento. 34% sentem *sempre* este gosto, e 35% *muitas vezes*.

Elogios são *sempre* bem aceites por 48%, e *muitas vezes* por 22%. *Nunca* ou *raramente* gostam de ser elogiados 2% dos inquiridos.

4.5.2.1 Diferenças por Sexo

Os inquiridos de ambos os sexos confirmam de igual forma o seu gosto em crescer e assumir mais responsabilidade, e a aceitação de elogios de bom grado. Diferenças existem na percepção da saúde, com menos inquiridos do sexo feminino a referir sentir se *sempre* saudável. Mais confiança no bom gosto da sua forma de vestir

têm os rapazes, confiança também referida em relação á boas ideias na realização de projectos.

4.5.2.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Gostar *sempre* aceitar elogios e referido por 53% dos alunos da ESVN e 51% dos do CFP, enquanto os da ESGP e da EPRAL ficam pelos 44% nesta opção. A diferença mais acentuada deste factor, novamente entre CFP e ESGP, encontra se nas respostas à pergunta sobre crescer e assumir nova responsabilidade, que 44% dos inquiridos do CFP responderam como *sempre* ter gosto de fazer, contra os 17% dos alunos do ESGP. Igualmente acentuada é a diferença com que avaliam a suas ideias na realização de projectos, que são consideradas *sempre* boas por 22% dos inquiridos do CFP, mas que só por 6% dos inquiridos da ESGP. É no entanto nos alunos da ESVN que se encontra a avaliação menos optimista, com 2% a afirmar ter *sempre* boas ideias para projectos.

4.5.3 Afirmção/ Lidar com desacordo

Quando defendem uma opinião contrária à dos pares, *nunca* sentem em risco a amizade 41%, e *raramente* em 31%, mas só 29% *nunca* receiam a ridicularização, contra 7% dos inquiridos que referem ter *sempre* ou *muitas vezes* o receio de perder amigos, e 8% receiam *sempre* ou *muitas vezes* defender a sua opinião para não ser alvo dos risos dos pares.

Inquiridos sobre o sentimento de injustiça ao ser criticado, 9% diz nunca o ter, e 26% *raramente*. 4% sentem-se se *sempre* injustiçados pela crítica, e 9% *muitas vezes*.

4.4.3.1 4.5.3.1 Diferenças por Sexo

A reacção com sentimento de injustiça perante crítica é sentido é ligeiramente mais frequente nos inquiridos do sexo masculino. São as vozes do feminino que referem mais vezes *nunca* recear a perda de amizades ao defender a sua opinião, em 45%, contra 39% dos jovens de sexo masculino, que por sua vez manifestam menos inibição de manifestar a sua opinião com receio de ser alvo de risota.

4.5.3.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

Novamente, as diferenças entre inquiridos, quando divididos por Escolas, são bastante mais acentuadas do que as observadas entre inquiridos do sexo masculino e feminino. Na ESGP nenhum inquirido refere ter *sempre* receio de perder amizades por defender a sua opinião, *muitas vezes* e *frequentemente* em 4%, e *nunca* em 47%. A comparar, as respectivas percentagens no CFP são de 5% (*sempre*), 11% (*muitas vezes* e

frequentemente), e 40% nunca. A EPRAL tem valores aproximadas aos do CFP, os valores da ESVN aproximam-se aos da ESGP.

Apesar da pergunta parecer semelhante à anterior, as respostas são bem distintas: os alunos do CFP referem em maior percentagem, 36%, *nunca* omitir a sua opinião com receio de ser ridicularizado; mas é também entre os alunos desta escola que é referido *sempre* opinar sem receio de por 8%. Os alunos da ESVN são os menos destemidos em enfrentar a risota dos colegas: 23 % referem *nunca* ter este receio, contra 24% dos alunos da EPRAL; e 29% da ESGP. O sentimento de injustiça quando criticados é referido maioritariamente, por todos os inquiridos, como sendo experienciado *às vezes*, entre 40% dos alunos do CFP e 52% dos alunos da ESVN.. *Sempre* se sentem injustiçados 8% dos alunos do CFP, e 4% dos da EPRAL, no ESVN só há um voto neste item e na ESGP nenhum.

4.5.4 “Moratória”

Os itens desta dimensão surgem no âmbito de uma intervenção na Escola de Arraiolos (Quadro 3 e 4, Anexo 10), e pretendem reflectir a atitude dos jovens perante a adolescência: *Viver um dia de cada vez* é referido por 45% dos inquiridos como sendo *sempre* a atitude assumida, e por 18% *muitas vezes*. *Nunca* ou *raramente* assumem este posicionamento 6% dos inquiridos. *Viver cada dia como se fosse o último*, assumem 18% *sempre* e 17% *muitas vezes*, *nunca* ou *raramente* se revêem 29% nesta afirmação.

Quando inquiridos sobre a avaliação que fazem da vida adulta, 14 % afirmam achar *sempre* complicada, e 32% tem esta opinião *muitas vezes*. 4% acha a vida de adulto *nunca* complicada, e 5 % *raramente* .

4.5.4.1 Diferenças por Sexo

As tendências nas diferenças são ligeiras, embora com tendência dos inquiridos do sexo masculino referirem mais vezes de viver um dia de cada vez, e as inquiridas femininas a rejeitar em maior percentagem a ideia de viver cada dia como se fosse o último. A vida de adulto como sendo complicada é considerada de forma parecida por ambos os sexos.

4.5.4.2 Diferenças por Estabelecimento de Ensino

É mais frequentemente referido pelos alunos do CFP que *nunca* gostam a viver cada dia como se fosse o último. A surpresa vem dos dados da ESVN, onde 27% dos inquiridos afirmam ter *sempre* esta atitude. Este número elevado levou a fazer novas análises, num *splitting* dos dados por sexo e por Escola: no CFP são 59% das vezes

femininas a referir sempre viver um dia de cada vez (a ter em conta que nesta Escola só ha, e na ESVN 53%, enquanto na EPRAL e na ESGP são 34% e 31%, respectivamente. *Sempre* viver cada dia como se fosse o último é referido, nas respectivas Escolas, pelas raparigas em 30% (CFP), 28% (ESVN), 12%(EPRAL)e 8% (ESGP), enquanto nos rapazes as percentagens são: CFP 16%, ESVN 26%, EPRAL 30%, e ESGP 6%.

4.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS POSICIONAMENTO PERANTE CONSUMOS

4.6.1 Efeito Procurado

Consumo como facilitador no relacionamento referem *nunca* 58 % dos inquiridos. *Sempre* ou *Muitas Vezes* recorrer a consumos para se sentir mais a vontade em relação aos outros admitem 3%, e *frequentemente* 5%. Para sentir-se mais calmos, *sempre* ou *muitas vezes* recorrem 4% aos consumos, enquanto 60% referem *nunca* o fazer. No que diz respeito ao consumo numa relação sexual, 60% dizem que *nunca* facilita ou aumenta o prazer, enquanto 5% afirma o aumento de prazer pelo consumo *sempre* ou *muitas vezes*.

4.6.2 Avaliação do Risco

Na avaliação do risco que o consumo de substâncias possa representar, 38% dos inquiridos afirma saber *sempre* até que ponto o seus consumos são seguros, e 28% têm esta certeza *muitas vezes*. 13 % admitem *nunca* ou *raramente* saber até que ponto os consumos são seguros. Mas *sempre* ou *muitas vezes*, 44 % dos inquiridos temem os efeitos de consumos, enquanto 24% referem *nunca* ou *raramente* ter este receio.

4.6.3 Medicação

Medicação devido a problemas de Saúde é referida por 6% dos inquiridos como sendo *sempre* ou *muitas vezes* necessária. 71% dos inquiridos dizem *nunca* ou *raramente* tomar medicamentos devido à problemas de saúde. Estes números espelham os dados referidos pelos jovens em relação ao seu *sentir-se saudável*. Consumo de “qualquer coisa” justificado por problemas referem *nunca* 69,6%, e *raramente* 16%. Sempre ou muitas vezes justificam consumos devido aos seus problemas 1,1% *sempre*, e 2,1 % *muitas vezes*.

4.7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS – COMPETÊNCIA SOCIAL E CONSUMOS

“ *Numa ordem pós-tradicional, a narrativa do self tem de facto de ser continuamente retrabalhada e as práticas de estilo de vida com ela articuladas*” (Giddens,1995:52) Olhar os dados facultados pelos jovens em relação à sua Competência

Social, revela a imensa variedade de posicionamento e de constelações possíveis entre eles, e também alguma ansiedade que este constante “reinvento” pode causar.

Williamson, (cit. por Kellerhals 1984:100), alega que as expectativas depositadas nos jovens por parte dos pais se manifestam de forma distinta conforme o género: esperam em relação aos “*rapazes o amparo instrumental, enquanto possuem (os pais) principalmente expectativas de carácter expressivo em relação às raparigas.*” Passados 24 anos, observa-se um fenómeno que podia complementar o enunciado de Williamson da seguinte forma: expectativas de carácter instrumental são mais claramente transmissíveis, e encontram modelos mais securizantes para quem tem de corresponder, do que expectativas expressivas, que são mais complexas e mais voláteis. O **Factor 1**, revela claramente que o receio de não corresponder às expectativas, (sejam elas as dos pais, da escola, dos amigos ou numa relação amorosa) é mais referido pelas jovens do sexo feminino.

As percentagens relativamente ao receio em não corresponderem às expectativas dos pais, muitas vezes ou sempre referido por 36% do total dos inquiridos

A frequente e fácil comunicação com os pais, referida pelos inquiridos em factores anteriores, pode significar cenários distintos:

- 1 Há uma passagem intensa e explícita das expectativas, que no entanto se encontram além dos limites daquilo que os jovens avaliam como sendo as suas capacidades
- 2 Nem as expectativas, nem as formas como são operacionalizáveis, são transmitidas de maneira explícita
- 3 Existem contradições acentuadas entre expectativas de desempenho, valores e normas

A “*colonização da masculinidade pela expressividade*” (Coelho,2008) encontra o seu equivalente na colonização do feminino pelo instrumental . Como refere Coelho, o “*cenário de mudança, de pluralidade, de incerteza, e de contradições*” não “arrumou” as distinções de género. Quando muito, acabou com as certezas em seu torno e na sua transmissão.

Mesmo assim é de salientar que é em relação aos pares - seja numa relação amigável ou de namoro - que os jovens se sentem mais a vontade. A diferenciação entre Escolas é significativa, sobretudo ao referir a relação amorosa, onde quase metade dos inquiridos do CFP dizem *nunca* ou *raramente* ter receio de não corresponder às expectativas. É um dado curioso, já que o relacionamento com parceiro sexual/ amoroso

é considerado na literatura como fenómeno enfrentado com alguma insegurança e ansiedade no grupo etário em questão. A somar: numa altura em que mudam as formas de conjugalidade, com prescrições de atitudes e comportamentos do género a “passar de prazo”, deixa de haver uma transmissão securizante. O que é transmitido é um simulacro de valores, de simbologias, de papeis a desempenhar e da intimidade – o que é captado pelos jovens, nesta fase decisiva marcada pelo início das suas relações sexuais com um parceiro, é sobretudo insegurança. Se é do amor romântico que se fala, esses jovens estão a afirmar-se admiravelmente à vontade frente a um *“relacionamento complexo, onde a auto exploração, auto–desenvolvimento , espontaneidade, empatia, ternura, troca de olhares e gestos, busca interior, contacto físico e carinho, e troca de afectos e sentimentos...”* (Pacheco, 1998:87). Ou será este à vontade referente a um outro tipo de relacionamento, onde *“a intensificação da individualização, com uma via prioritária para o “ atendimento” de si próprio, faz com que facilmente se chegue à conclusão de que, ao falhar, o problema do amor, ou do desamor, seja um problema do objecto escolhido (o parceiro) e não um problema da competência de amar.”* (Fromm, 1971).

As percentagens relativamente ao receio em não corresponderem às expectativas dos pais, *muitas vezes* ou *sempre* referido por 36% do total dos inquiridos, pode ser apreciado tanto como *“copo meio cheio” – até há bastante receio dos jovens*, ou *“copo meio vazio” – até se sentem bastante à vontade*: não existe uma média validada que possa orientar a avaliação em volta do fenómeno “recear não cumprir expectativas dos pais”.

Procura-se portanto argumentar a partir de tanto uma como doutra perspectiva.

No primeiro caso, considerando alta a percentagem de inquiridos que receiam falhar as expectativas dos pais, e perante a frequente e fácil comunicação com os pais referida pelos inquiridos em factores anteriores, podem imaginar-se os seguintes cenários:

- 1 Há uma passagem intensa e explícita das expectativas, que no entanto se encontram além dos limites daquilo que os jovens avaliam como sendo as suas capacidades
- 2 Nem as expectativas, nem as formas como são operacionalizáveis, são transmitidas de maneira explícita
- 3 Existem contradições acentuadas entre expectativas de desempenho, valores e normas

No segundo caso, considerando reduzido o receio dos inquiridos, os cenários poderão ser vistos da seguinte forma:

- 1 As expectativas dos pais são residuais ou inexistentes
- 2 Há expectativas, mas o seu cumprimento é tendencialmente facultativo
- 3 Há expectativas elevadas, mas os jovens não estão preocupados em cumprir o esperado, nem com eventuais “ordálias” em caso de não cumprimento

A disparidade da avaliação pelos inquiridos dos itens no **factor 2**, é projectada de forma mais significativa entre Escolas do que entre os sexos. Nota-se no entanto a tendência de maior segurança na sua imagem por parte dos inquiridos masculinos, bem como a sua maior afirmação como sendo saudáveis, o que corresponde ao aumento de jovens sobretudo do sexo feminino com sintomatologia referida em diversos estudos. Maior confiança nas suas ideias para a realização de projectos, suposto encontrar-se nos alunos do Secundário, têm maioritariamente os alunos do CFP, e são também os alunos das Escolas Profissionais que mais dizem ter gosto em crescer e em assumir responsabilidade, de aceitar elogios, de ter bom gosto na forma como vestem, e de se sentir saudáveis. O CFP surpreende pela auto-imagem positiva e pela autoconfiança, uma vez que são os alunos com menos investimento a nível da escolarização, cujos progenitores têm as habilitações literárias mais baixas, com maior percentagem de pais no desemprego, reformados ou falecidos; que em menor percentagem vivem na família nuclear intacta: são, à partida, um grupo de maior risco. Nos resultados do **Factor 3**, aparece a ideia reforçada de uma elevada segurança no relacionamento inter-pares: uma grande percentagem de jovens não tem receio de perder amizades ao defender uma opinião contrária à dos pares, o que evidencia alguma independência à influencia dos mesmos e competência na formação de ideias próprias, bem como a defesa das mesmas. Ao **Factor 4**, deu-se a designação “moratória” (Erikson, cit. por Dias 2001) “...sei que devo! pago quando posso...”, porque parece reunir itens que indicam, nem tanto o “Carpe diem”, mas antes um viver “aqui e agora”. Assenta numa postura defensiva, contra preocupações do amanhã que deviam desencadear a tomada de providências. Neste factor, está em questão o reconhecimento que actos, omissões ou consumos terão impacto na vida futura. É o papel da *prospectivação*, e o inquérito coloca a questão aos inquiridos: “Deixar entrar em cena ou banir do palco.” Os dados levam a crer que um elevado número de jovens não está disposto a deixar-se incomodar pela sua presença.

A surpresa surge quando se pesquisam os dados mais diferenciados, por Estabelecimento de Ensino e Sexo. Surgem percentagens elevadas de vozes femininas, a afirmar a atitude de “um dia de cada vez”, provenientes de Escolas que se distinguem nitidamente noutros factores. É o hedonismo na sua vertente de não *olhar aos meios*? É o espelhar de uma fraca responsabilização, de um sistema demasiadamente protector e permissivo? É o deslumbro da Individualização, da auto-rotação, que não permite afastar o olhar para contextos mais abrangentes? Ou é uma atitude de desistência, de curvar-se perante a imprevisibilidade? É a demissão de um papel activo no percurso para a construção de uma presença produtiva no colectivo social? É sintoma de receio, do falhar da capacidade adaptativa perante novas situações e demandas? Onde ficam as afirmações, dos quase 70% dos inquiridos, de ter sempre ou muitas vezes gosto em crescer e assumir novas responsabilidades?

Ao virar as costas às referências familiares, tradicionalmente aquelas que permitem a organização a médio e longo prazo, os jovens ficam mais vulneráveis, sujeitos ao imediatismo, ao serem apanhados desprevenidos pela mudança do tempo, das correntes – intempéries reservadas para quem viaja neste do início do Sec. XXI, com as demandas de flexibilidade, de mobilidade e de adaptabilidade. Num barco bem apetrechado, com céu azul e mar clamo, “o pessoal” navega à vista. Quando as águas se tornam mais agitadas, falta a experiência do “homem ao leme.”

A expectativa de que os dados recolhidos sobre o posicionamento perante a substância psicoactiva / medicação pudesse responder a algumas das perguntas, ficou frustrada. Ao dividir o grupo dos inquiridos por sexo e cruzar os dados por Estabelecimento de Ensino, surgem biografias individuais, filigranas, e dificilmente se encontra um *ductus* orientador (*para de-duções*) um *main-stream*, que permita fazer afirmações e estabelecer conexões. É o risco e são as limitações referidas na Introdução deste trabalho. Ao querer ver o todo, o olhar fica preso no detalhe.

O que se pode confirmar em relação aos dados, é que existe alguma fantasia nos jovens de ter controlo dos consumos e dos seus efeitos, ser o manipulador e não o manipulado. Alguns resultados revelam ou *Inconsistência* ou *Ambivalência*: um exemplo é a mitificação da (não) perigosidade dos consumos, no caso do CFP com mais de metade dos alunos femininos e quase metade dos alunos masculino do CFP a afirmar que sabem *sempre* até que ponto os consumos são seguros - consumos que dizem, em percentagem elevada, *nunca* ter! São 85% das raparigas e 64% dos rapazes que *nunca*

consomem para aumentar prazer numa relação sexual, 78% e 62% *nunca* consomem para estar mais calmos, 85% e 64% *nunca* utilizam consumos como facilitador social. A que consumos se referem então? Sabendo até que ponto consumos são seguros, como afirmam em tão elevada percentagem ter receio dos efeitos que o consumo pode ter? As altas percentagens com que despistam consumos para facilitar a relação social, para acalmar ou para ter maior prazer numa relação sexual, contradizem números oficiais de consumos no grupo pesquisado.

Outros números estão em consonância com levantamentos a nível europeu, e também nacional: é a maior percentagem de jovens do sexo masculino a confirmar que nunca têm problemas de saúde que precisam medicação, mas curiosamente existe praticamente igualdade de dados entre jovens de ambos os sexos ao afirmar ter sempre problemas de saúde que necessitam medicação, que em caso do CFP chegam a ser 7%, enquanto nas restantes Estabelecimentos de Ensino se mantêm em volta de 2%.

5 CONCLUSÕES

Podia-se esperar neste capítulo um “apanhado” em volta da Adaptação do Sistema Familiar, do Risco de Cristalização em volta de Regras rigidificadas, Formas de Comunicação implícitas, Jovens a lutar para que a Coesão Familiar os libertasse, para prosseguir o seu caminho rumo à Autonomização. Podia esperar-se um Guião Orientador, um Panfleto informativo, uma Bula de Instruções: respostas às Hipóteses levantadas no início deste trabalho.

No entanto, o tratamento dos dados projectou “Paisagens de Família”, difíceis de tipificar, e eis a difícil tarefa de criar um cenário onde entrassem todos, actores e figurinos, personagens imaginários e reais, com as suas vozes e os seus movimentos. Um cenário que permitisse dar visibilidade à imensa riqueza que estas paisagens transmitem. Como na “Ópera dos Três Vinténs”, de Berthold Brecht, onde o coro final resume, interpreta, justifica, valoriza e orienta os acontecimentos no palco para o Espectador.

Os dois Metaconceitos **CUIDAR** e **COMPETENCIA SOCIAL**; foram crescendo ao longo da pesquisa, com ramificações e enraizamentos fascinantes. Alturas houve em que a sua dimensão se tornou um labirinto de perdição certa, outros em que se transformou numa avalanche que arrasta tudo o que encontra no caminho. Como se, na proposta deste trabalho, também de uma Escala se tratasse: num extremo, a certeza de conseguir “domar” os conceitos, de aferir Competência e Formas de Cuidar como se de

medidas das ciências naturais se tratasse. No outro extremo, a convicção que a objectividade para um instrumento de medição para variáveis tão complexas, quase voláteis, nunca se alcançará, nem que seja só pelo inevitável emaranhamento entre o observador e o observado (Luhmann , 1999)

Orientação e contenção foram assim preocupações constantes. Há certamente um grande potencial neste estudo que ficará sem ser contemplado no âmbito deste Mestrado, mas que poderá ser aproveitado no futuro. Resumidamente, procura-se organizar de seguida os resultados em volta das perguntas de partida:

Pergunta de Partida 1 Como é que jovens na Região Alentejo, no início do Séc. XX, se referem às formas de Cuidar nas suas famílias?

A presença da modernidade tardia é notável:

No seu aspecto angustiante, e na procura de evitamento de risco. Nas manobras protectoras dos progenitores, na procura de manter presença nas vivências dos seus filhos fora de casa, e na abertura quase incondicional do espaço familiar para facilitar o encontro com os pares em ambiente protegido: é a procura de manter algum controle.

Na passagem da perícia dos mais velhos para os mais novos, no assumir dos jovens de competências e saberes acima da dos pais para tomar as suas decisões.

Na importância atribuída à actualização de equipamento, na elevada preocupação dos progenitores em que nada falte aos filhotes.

No poder atribuído aos jovens na tomada de decisão, no desvanecer de linhas hierárquicas claras entre sistema parental/conjugal e crias.

Outros dados indicam a manutenção de formas tradicionais, com regras mais claras, com a manutenção de diferenciação do género nos papéis parentais. Mas há uma presença marcada de alianças como padrão de relacionamento, com um dos progenitores numa lealdade exclusiva, em relação ao outro, e não só em famílias reconstituídas.

Pergunta de Partida 2 Qual é a percepção que os jovens revelam da sua Competência Social

Os jovens têm por vezes algum receio de opinar contra a corrente, mas não sentem que isso ponha em risco a amizade com quem não está de acordo. Dizem ter bom gosto na forma como vestem. Sentem mais segurança em relação às expectativas dos pares do que às dos pais, e, estando eles próprios a um passo da maioridade, consideram a vida de

adulto complicada. Referem, porém, gostar de crescer e assumir mais responsabilidade. Aceitam alguma crítica, embora por vezes com alguma reserva, não seja ela injusta. Mais que boas ideias na realização de projectos, referem o gosto com que aceitam elogios. O aspecto de “Moratória” é reforçado: a vida vivida um dia de cada vez, e até como se fosse o último, não deixa transparecer investimento em projectos de longa duração. Gostam de crescer e assumir responsabilidade – persiste a dúvida para quê.

Pergunta de partida 3 Como os jovens se referem ao seu posicionamento em relação a Consumos de Substâncias

As respostas em relação às questões sobre consumos não espelham os resultados dos Relatórios Nacionais e Europeus sobre consumo em meio Escolar. O Estudo da OEDT 2007 confirma a prevalência de consumos de cannabis a descer, mas verifica também um aumento de consumidos jovens problemáticos desta substância bem como do álcool, e o aumento do consumo de cocaína. Os dados facultados pelos inquiridos revelam alguns conhecimentos, mas persiste a desconfiança na autenticidade das respostas. É de ter em conta que maior parte destes jovens já foram “alvo” de intervenções preventivas, algumas mais, outras menos científicas, e a interferência dum a cábula tipo “ *a droga não faz bem a nada*” pode ter levado a respostas politicamente correctas. Nos dados recolhidos, existe inconsistência entre o alegado conhecimento sobre substâncias, no que diz respeito ao seu uso seguro, e o receio referido. Estas questões remetem, de novo, para as questões do risco e para a idiosincrasia do seu *trato* pelos adolescentes: para sua Competência no *Enfrentamento com Risco* (Le Prette, 2000:405).

Em relação às hipóteses levantadas:

Hipótese 1 Há relação entre formas de Cuidar, Habilidade Social e Posicionamento perante Substâncias psicoactivas que obedecem a padrões específicos

É notória a pluralidade das respostas, com a presença tanto de *sempre* como de *nunca*, com valores de *Standard Deviation* a chegar aos 1,666.

Dizia Giddens que “*descobrimos que não se pode saber nada com qualquer certeza, uma vez que todos os fundamentos preexistentes da epistemologia se revelaram falíveis, que a história é destituída de teleologia...*” (Giddens, 2005:32). Significa ter de admitir a impossibilidade de estabelecer ligações, de descobrir a finalidade e avaliar os meios.

Em primeiro lugar, porque estamos perante uma infinidade de combinações possíveis, de biografias individuais entre condições de vida, perspectivas,

conhecimentos, questões do género, consumos ou valores: Os inquiridos são, como vimos, alvo das mais diversas FORMAS DE CUIDAR.

Em segundo lugar, é de ter em consideração a instabilidade do próprio grupo de indivíduos. É o Risco, referido nas considerações iniciais deste trabalho. Ao aplicar o inquérito só uma vez, numa determinada altura, é feito um registo momentâneo de algo que é volátil, que não promete consistência até ao próximo dia, mas que fica de eternizado pela cruz em determinada posição da Escala.

Perante formas mais tradicionais de funcionamento familiar, o comportamento dos jovens é esperado ser mais conforme, na defesa do conjunto familiar, dos pais, num registo de lealdade em relação à regras e objectivos do sistema. Esta linearidade não foi encontrada. Pelo contrário: nas famílias onde se encontram mais traços de vivência do conflito, onde os jovens não saem em defesa dos pais, onde há mais crítica na relação com o sistema parental - é onde eles menos referem conseguir contornar regras. É também nestes jovens onde se encontram em menor percentagem respostas nos extremos da Escala.

Hipótese 2 As formas de CUIDAR estão a derivar para a permissividade

Os jovens revelam proximidade, de forma mais acentuada, com quem está na mesma cruzada, no mesmo desafio: os pares. Esta proximidade, ao conferir maior cotação às referências nela produzidas, significa uma valorização do imediatismo, de contextos “mutáveis”(Claes, 1985; Lutte, 1988; cit por Simões, em Matos et.al.2000). Destaca equipamentos e seu prazo investimentos e *out-fits*, música e tempos livres – e envolve os pais, como cooperantes através da sua compreensão da importância de material actualizado, e a preocupação em que nada falte. É o deslize do papel parental para um parceria entre iguais.

Viktor Frankle, psiquiatra austríaco do Séc. 20, refere o mediador da “*Tríade Trágica*” como uma das tarefas parentais essenciais. Ao falhar, não há como construir respostas para situações de *Dor, Culpa e Morte*. O evitamento de sofrimento é um dos requisitos do *Estilo Permissivo*, que entende a sobre - protecção dos jovens como procura do evitamento de vivências dolorosas. É o Cuidar dentro de uma redoma, o *Hegen*, a intervenção junto de algo frágil demais para poder ser exposto às condições do *mundo lá fora*.

Outro requisito do estilo permissivo, a falta de “imposição firme de regras e normas” (Lopes et al.,2006:90), foi referido pelos inquiridos de forma inequívoca: é o sistema de pilotagem a entrar em falência.

Hipótese 3 Uma maioria dos adolescentes na Região Alentejo têm fragilidades nas Competências Sociais, e percebem com alguma angústia e incerteza o papel que lhes é atribuído

Os itens que dizem respeito à auto-imagem são os que foram cotados, nas respostas dos jovens, com valores mais altos, em média entre 4,7 e 5,01 - com exceção da sua avaliação de boas ideias para projecto, que ficou pela 4,2. Por um lado afirmam gostar de crescer e assumir novas responsabilidades, por outro acham a vida de adulto muitas vezes complicada. A referência em altas percentagens sobre atitudes de “um dia de cada vez”, remete a contextos de uma condição “problema”, que, sendo demasiadamente complicada para resolver, se procura enfrentar numa postura quase de sobrevivência, de mais um dia.

Hipótese 4 Existem indicadores de diferenciação por género

Apesar da forte presença dos fenómenos da Modernidade Tardia, existem dados que indicam a manutenção de formas tradicionais, com a diferenciação do género tanto nos papéis parentais como nas formas educacionais, e com traços de “hegemonia masculina” - apesar da maior escolarização das mães dos inquiridos. A forte presença de alunos do sexo feminino nas Escolas, sobretudo nas Secundárias, não é, portanto, garantia de uma partilha igualitária de poder entre parceiros na geração investigada.

Existem claras diferenciações na forma como jovens do sexo masculino e do sexo feminino se sentem cuidados, traçando uma tendência de maior manutenção de controlo e supervisão em relação às raparigas.

Hipótese 5 Existem indicadores de diferenciação por Estabelecimento de Ensino

Maior ainda se revelam as diferenças segmentando as respostas por Escola, ao extremar, na maior parte dos itens, entre o CFP e a ESGP. Os inquiridos do CFP marcam com elevada percentagem ambos os extremos da Escala (*sempre* ou *nunca*), mas maioritariamente referem o *sempre*: na presença dos pais, facilidade na comunicação, e compreensão das suas necessidades por parte dos pais, na aceitação do crescimento dos filhos: em resumo, uma linha de defesa de sistemas familiares funcionais, onde a

adolescência não está a provocar conflitos de maior, onde não abundam alianças contra um dos progenitores, onde os conceitos estão arrumados. Na ESGP, as respostas revelam um funcionamento mais conflituoso, a referir maior dificuldade dos pais em aceitar crescimento, com algumas referências a alianças, menor coesão dos pais na tomada de decisão, menos confiança na confidencialidade dos pais, menos diálogo sobre tempos livres e menor presença dos pais em novas vivências dos filhos.

No entanto, estes resultados podem ser interpretados não como ausência dos pais, mas sim como um nível mais elevado de negociação: é o *não evitamento* do inevitável confronto, sinal de coragem dos progenitores, aceitação do desafio no percurso para a autonomia e no “salto para a responsabilidade” dos jovens da ESGP. Pode ser sinal de um esforço adaptativo à mudança e crescimento dos elementos da família e do próprio sistema. Pode significar uma atitude destemida ao assumir do “sistema de pilotagem”.

A pergunta chave sobre a facilidade de contornar as regras de casa, perante os resultados acima referidos, põe em questão a consistência do cenário “família funcional”: a facilidade é referida em percentagem muito mais elevada pelos alunos do CFP do que pelos inquiridos da ESGP.

Somente uma ínfima parte dos dados resultantes do inquérito que iniciou o presente trabalho foi analisada de uma forma mais reflectida – dados que, em determinada altura, fizeram sentido ser cruzados com determinado outro dado. Dados que suscitaram curiosidade em determinado momento. Poderão ter sido outros, surgiram, por vezes, no desfazamento de um dia, de uma conversa, de uma leitura, de uma notícia. Novamente o risco, o da escolha, referida por Le Breton (citado na Introdução).

Os dados deram, somente, visibilidade à pontinha de um *Iceberg*.

Aventurar-se às profundezas do glaciar, seguir os seus movimentos, examinar os sedimentos nas suas camadas mais arcaicas, visualizar os sólidos que arrasta consigo, avaliar a sua aceleração – este trabalho fica por fazer.

“NOVOS RISCOS - NOVAS COMPETÊNCIAS”
ANEXOS

Anexo 1

Mapa Conceptual das “Quatro Forças Antagonistas Universais” (baseado em Riemann “Grundformen der Angst”_F. Riemann, 1961)



Anexo 2

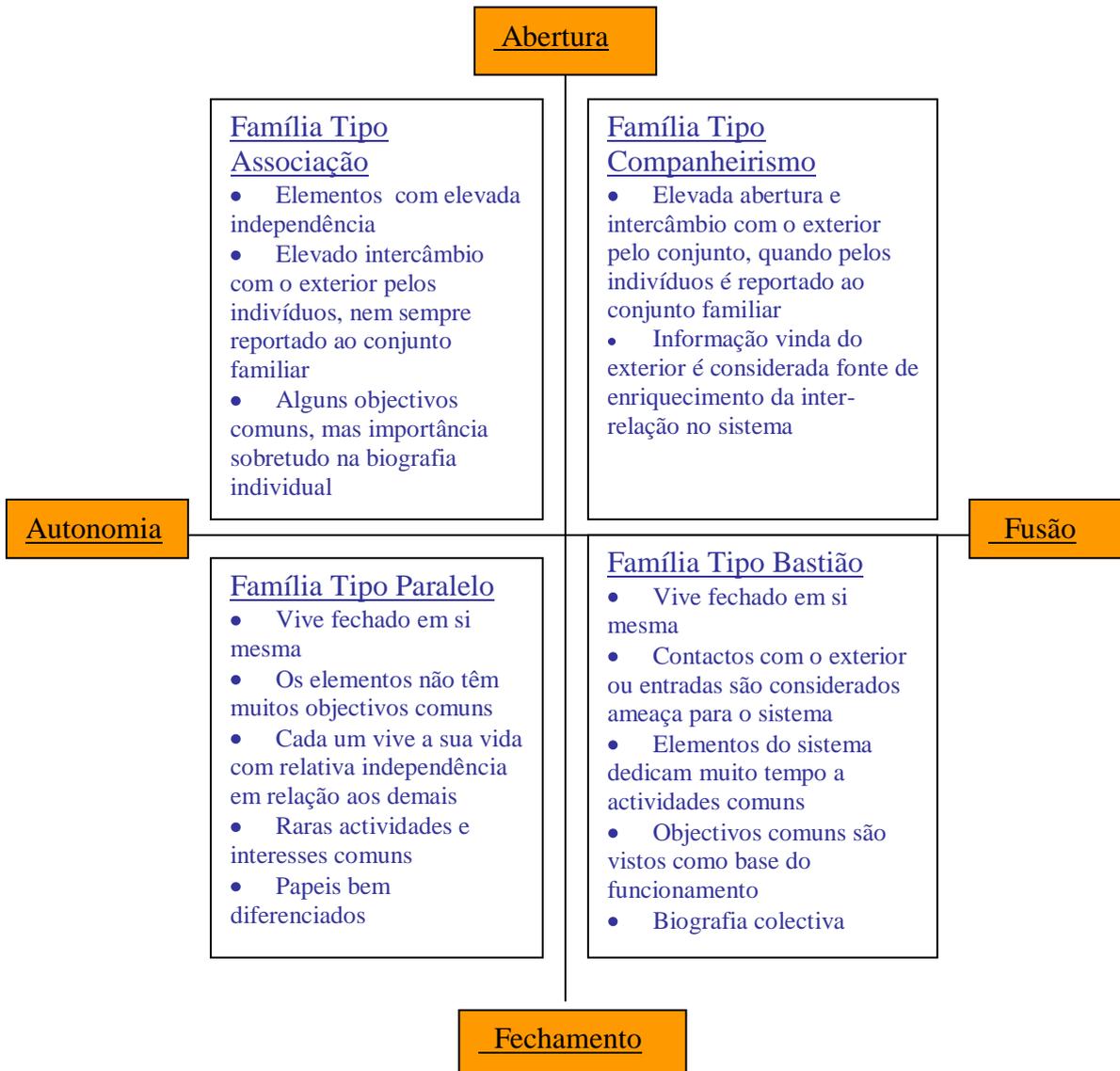
Trajectória da Família (Baseado em Shorter, 1975)

FAMÍLIA	Família tradicional	<ul style="list-style-type: none">• Ligação à parentela envolvente• Abertura no escudo da privacidade• Consciência e manutenção de tradição (preparar gerações vindouras a agirem como as passadas tinham agido)• Laços fortes com a comunidade <p>(Shorter , 1975)</p>
	Família moderna	<ul style="list-style-type: none">• Enfraquecimento dos laços com grupos da comunidade• Fortalecimento dos laços com os membros da família nuclear• Domiciliação• Enfraquecimento dos “Contentores Sociais”• Flexibilidade e Mobilidade <i>versus</i> Constância e Permanência <p>(Shorter, 1975; Gerhard, 2003)</p>
	Família pós-moderna	<ul style="list-style-type: none">• Indiferença dos adolescentes em relação aos valores familiares• Perícia depositada nos mais novos• Pais ganham papel de “amigos” e perdem papel de educadores• Instabilidade conjugal (divorcio, novas forma de conjugalidade)• Demolição da “noção do ninho” <p>(Shorter, 1975: 287: 295)</p>

Anexo 3

Quadro de Tipologia Familiar seg. Kellerhals e Montandon

(Kellerhals e Montandon, 1991.; Wall, 2002)



Anexo 4

Quadro dos Estilos Educativos seg. Kellerhals e Montandon

(Kellerhals e Montandon,1991:206)

ESTILO EDUCATIVO <i>COMPONENTES</i>	Estilo Maternalista	Estilo Estatuário	Estilo Contratualista
<u>Objectivos / Finalidades</u>			
Acomodação	Forte	Forte	Fraco
Auto-regulação	Fraca	Média	Forte
Cooperação	Média	Fraca	Média
Sensibilização	Fraca	Médio	Forte
Estimulação extra-escolar	Fraca	Fraca	Forte
<u>Técnicas pedagógicas</u>			
Controle	Frequente	Frequente	Raro
Relação	Rara	Rara	Frequente
Motivação	Média	Média	Média
Autoridade Coerciva	Frequente	Frequente	Rara
Empatia	Rara	Rara	Frequente
<u>Papeis</u>			
Indiferenciação dos recursos	Fraca	Média	Forte
Comunicação	Forte	Fraca	Forte
Actividades comuns maternas	Forte	Fraca	Médio
Actividades comuns paternas	Forte	Fraca	Médio
<u>Coordenação</u>			
Apelo aos recursos externos	Médio	Médio	Forte
Implicação da TV	Média	Fraca	Forte
Acolhimento dos colegas	Fraco	Fraco	Forte
Controle dos colegas	Forte	Forte	Fraco
Difusão	Média	Fraca	Forte

Anexo 5

Tabela Comparativa de Estilos Educativos (Baseado em Baumrind et al.)

ESTILO	CARACTERÍSTICA	EFEITOS PADRÃO
Permissivo <i>(Permissive)</i>	⇒ Alta Responsividade ⇒ Evitamento de exercício de controle ⇒ Não punitivo ⇒ Aceitação e afirmativo perante impulsos, desejos e acções da criança ⇒ Criança tem toda a liberdade em criar o seu próprio espaço ⇒ Criança é consultada e faz parte na tomada de decisões e no estabelecimento de regras ⇒ Poucas demandas á nível de participação e responsabilidade, ⇒ Valorização de recreio e do prazer	⇒ Criança vê nos pais um recurso para alcançar o que deseja ⇒ Fraca resistência a frustração ⇒ Revoltado quando os seus interesses são desafiados ⇒ Baixa persistência e resposta a demandas ⇒ Comportamento anti-social ⇒ Imediatismo
Autoritário <i>(Authoritarian)</i>	⇒ Baixa Responsividade ⇒ Exercício de controlo ⇒ Exigência de obediência, o não cumprimento justifica intervenção punitiva e medidas de força ⇒ Comportamento da criança é moldado e avaliado de acordo com um standard usualmente absoluto inquestionável ⇒ Criança é mantida no seu espaço, autonomia restritiva ⇒ Exigência de participação em tarefas e responsabilização ⇒ Valorização do trabalho ⇒ Não há negociação, é esperado da criança a aceitação da forma como os pais organizam o mundo	⇒ Ansiedade ⇒ Insegurança interventiva ⇒ Empobrecimento da resposta à frustração (desistência por parte das raparigas, reacção hostil em relação aos rapazes) ⇒ Bom rendimento escolar ⇒ Raro envolvimento em actividades anti-sociais
Autoritativo <i>(Authoritative)</i>	⇒ Alta Responsividade ⇒ Regras são negociados e explicados, é esperado o seu cumprimento ⇒ Valorizado tanto a individualização como a integração no colectivo, equilíbrio entre vontade própria e conformidade disciplinada ⇒ Firme controle em assuntos de divergência ⇒ Procura de equilíbrio entre a perspectiva adulta e os interesses e necessidades da criança ⇒ Desejos da criança são considerados, mas não a base na tomada de decisões ⇒ Tanto atributos expressivos como instrumentais são valorizados ⇒ Valorizada liberdade de opinião, clareza nas regras e na escolha de opções	⇒ Motivação e boa disposição ⇒ Alta autoconfiança em relação á competência na realização de tarefas ⇒ Regulação emocional equilibrada ⇒ Habilidades sociais bem desenvolvidas ⇒ Tolerância em termos de diferenciação de gender, e a tipificação de rapazes e raparigas)
Ausente <i>(Uninvolved)</i>	⇒ Baixa Responsividade e baixas expectativas ⇒ Ausência de interesse, participação ou intervenção	⇒ Jovens em alto risco

Anexo 6

Quadro de Critérios de Qualidade na Construção de Escalas (Baseado em Rammstedt, 2004)

Objectividade	<i>Reliabilidade / Fiabilidade</i>	Validade								
<p>⇒ Critérios claros para a aplicação do inquérito (Objectividade de execução)</p> <p>⇒ Clareza no formato de respostas (Objectividade no tratamento dos dados)</p> <p>⇒ Existência de um enquadramento teórico consistente (Objectividade na interpretação dos dados resultantes)</p>	<p>⇒ Determinação de um Coeficiente de Correlação:</p> <table border="1" data-bbox="616 775 983 965"> <tr> <td>Correlato 1</td> <td>Correlato 2</td> </tr> <tr> <td>Pessoa 1</td> <td>Pessoa 1</td> </tr> <tr> <td>Momento 1</td> <td>Momento 2</td> </tr> <tr> <td>Instrumento 1</td> <td>Instrumento 1</td> </tr> </table> <p>⇒ Coeficiente de Alfa Cronbach</p> <p>Pessoa 1 - Momento 1</p> <p>Item 1 Item 2 Item 3 Item 4</p> 	Correlato 1	Correlato 2	Pessoa 1	Pessoa 1	Momento 1	Momento 2	Instrumento 1	Instrumento 1	<p>⇒ Construção da Escala, e verificação da sua Estrutura Dimensional através da Análise Factorial</p> <p>⇒ Eventual Aplicação, em paralelo, de Escalas já validadas</p>
Correlato 1	Correlato 2									
Pessoa 1	Pessoa 1									
Momento 1	Momento 2									
Instrumento 1	Instrumento 1									

Anexo 7

Modelo de Análises Inicial CUIDAR

Conceito	Dimensões	Componentes
COESÃO FAMILIAR	Ligação emocional e de afecto	Manifestação de afecto Rejeição de proximidade física Sentimento de segurança e atendimento
	Lealdade familiar	Importância nos objectivos familiares Individualização
	Relação conjugal	Tarefas domésticas Compromissos laborais Gerência de conflitos Aliança com os filhos
	Tomada de decisão	Áreas específicas da tomada decisão só pai Áreas específicas da tomada decisão só mãe Tomadas de decisão conjunta
	Limites Internos/ Estrutura hierárquica	Tomada e aceitação de decisões Distribuição do espaço familiar Abertura para o exterior
	Limites externos	Amigos Interesses Tempos livres
	Actividades Conjuntas	Convívio com família extensa Tempo conjunto trabalho Tempo conjunto lazer Transmissão de saberes
ADAPTA- BILIDADE	Regras	Mudança de regras e normas Implicação de filhos na renegociação/ tomada decisão
	Papéis	Abertura para desempenho de novos papéis
COMUNI- CAÇÃO	Clareza	Mensagens congruentes Retro alimentação Honestidade e abertura
	Liberdade de Expressão	Abertura para ideias diferentes Respeito no desacordo Confiança e segurança
	Disponibilidade	Tempo para abordagens Exclusividade na escuta Motivação Participação

Anexo 8

Introdução ao Painel de Recolha de Ideias

“Estivemos aqui para falar das substâncias psicoactivas nos seus aspectos neurofisiológicos e neuroquímicos. Tentamos entender qual a sua actividade no cérebro e no organismo do indivíduo.

Mas todos sabemos que o problema da substância não se limita a esta área. Pensamos que outras áreas são fundamentais para entender os seus fenómenos.

Queria pedir a vossa ajuda, porque o que vocês pensam sobre os temas aqui representados no painel pode ser importante e útil para nós.

Como provavelmente vamos reencontrar-nos aqui na Escola, prometo devolver uma síntese das ideias que vão deixar escritas

Quem prefere escrever numa folha individual, encontra aqui papéis com os diferentes temas.

Encontram marcadores junto do painel. Agradeço a vossa ajuda. “

Quadro de Recolha de dados no Painel (Grupos) – Semana da Saúde em Arraiolos

Família	Educar /Cuidar	Adolescência	Expectativas / Futuro	Consumo Substâncias Psicoactivas
<ul style="list-style-type: none"> • Como é que a família reage?? • Bem não é de certeza • Dava-me um tiro • Reagiam muito mal, de certeza. Não davam hipótese. • O meu pai pagava me um copo 	<ul style="list-style-type: none"> • Educa a sociedade a seguir os melhores caminhos, não aqueles sem saúde 	<ul style="list-style-type: none"> • Com tranquilidade.... • Sem stress • Agarre a vida • Muita alegria :)) • BEBE • Vive a tua adolescência • Aproveita cada dia como se fosse o último • NÃO BEBAS • Vive, aproveita cada dia • Vive, aproveita e diverte-te, mas com a cabeça no lugar • Adolescência? Melhor, então não estragas 	<ul style="list-style-type: none"> • Peace and Love • Não as drogas • Cria objectos e segue-as • Atinge as expectativas criadas • Não te deixes influenciar • Torna a vida saudável 	<ul style="list-style-type: none"> • Não te metas nisso! • Não te deixas influenciar • Não vás pelos maus caminhos

Recolha de dados individuais – Semana da Saúde em Arraiolos 2007

Família	Educar /Cuidar	Adolescência	Expectativas / Futuro	Consumo De Substâncias Psicoactivas
Não houve registos	Não houve registos	<p>Deve aproveitar-se a vida enquanto se pode</p> <p>Serve para divertir</p> <p>Vive a vida cada dia....</p> <p>Aproveita, porque a vida são 3 dias... não a desperdices</p>	<p>O futuro é uma incógnita , por isso aproveita cada momento</p> <p>Experimento um por dia</p>	<p>Consome um de cada vez, e experimenta um de cada dia! É fixe!</p> <p>O que fazem para ajudar os toxicodependentes?</p> <p>As substâncias psicoactivas não ajudam em nada...só nos prejudicam. Devemos aproveitar a boa vida que temos</p>

Anexo 9

Modelo de Análises **Inicial** COMPETÊNCIA SOCIAL

CONCEITO	DIMENSÃO	COMPONENTES
COMPETÊNCIA SOCIAL	Individuação (Relação com o Próprio)	Auto-estima e Auto-cuidado
		Autoconsciência
		Autocontrole
		Sexualidade
	Integração (Relação com Outro, Relação Social)	Aceitação e organização do papel atribuído
		Normas e regras Sociais
		Correspondência adequada em contexto de escola / aprendizagem
		Resposta na interacção com pares do mesmo sexo e do sexo oposto / Organização do género
		Organização de postura ética / sócio - política
		Organização perante o consumo
		Capacidade para o ajustamento cultural
		Responsabilidade e empenho/ projectos e investimento
		Papel parental
		Organização do tempo livre e do lazer
	Relação com Substâncias Psicoactivas	Lazer
		“Lubrificante” para desempenho de tarefas
		Facilitador de interacção
		Automedicação
		Comportamento de risco/ Desafio

Anexo 10

Modelo de Análises CUIDAR apos AF

Conceito	Dimensões	Componentes
COESÃO FAMILIAR	Factor 1 Diferenciação de Papeis/ Distribuição de Poder entre os Progenitores	Falar com pai de problemas 4 Segredos com pai 7 Aliança com mãe 9 Pai toma decisões importantes 13 Ensino entregue a escola 19 Congruência nas regras 24
	Factor 3 Poder atribuído ao Jovem	Participação na tomada de decisão 11 Participação no processo de decisão 12 Amigos bem vindo 16 Importância de equipamento actualizado 32 Preocupação em que nada falte 33 Fazem tudo para poupar desgostos 34
	Factor 6 Limites Externos/ Limites internos	Direita a privacidade 1 Casa aberta 18
ADAPTA- BILIDADE	Factor 5 Renegociação	Conversar abertamente 6 Responsabilidade adequado ao crescimento 21 Contornar regras 25
	Factor 4 Autonomização	Aceitação de mudança 22 Comunicação explícita 23 Capacidade de tomada de decisão (conhecimento acima dos pais) 28 Papel activo na resolução 29 Participação novas vivências 27
Comunicação	Factor 2 Participação e Disponibilidade	Trabalho doméstico mãe 2 Tomada decisões conjunta, 15 Comunicação sobre necessidades 0 Abertura dos pais no desacordo 26 Confidencialidade 30 Comunicação sobre planos futuros 31 Comunicação tempos livres 17

Anexo 11

Modelo de Análises COMPETÊNCIA SOCIAL Depois AF

CONCEITO	DIMENSÃO	COMPONENTES
COMPETÊNCIA SOCIAL	Factor 1 Auto-Imagem - Autoconfiança	Bom gosto 37 Sentir saudável 40 Manifestação de desagrado 39 Boas ideias para projectos 41 Correspondência à Expectativas 45,46,47,48
	Factor 2 Expressão de desacordo/ lidar com desacordo	Manifestar opinião 35 Manifestação de opinião contrária aos amigos 36 Aceitação de crítica 38
	Factor 3 Adaptação ao percurso - Motivação	Aceitação de Responsabilidade 43 Aceitação de elogios 42 Crescimento 44
	Representação Social da Adolescência (Recolha de dados em Arraiolos)	Viver um dia cada vez 49 Viver cada dia como se fosse o último 50
	Posicionamento perante Consumo	Medicação 51 Facilitador de interacção 53, 57 Automedicação 52,54 Avaliação do risco 55, 56,58

Anexo 12

Versão definitiva do Inquérito

A sociedade, a escola, a família – tudo mudou muito nos últimos anos. Os efeitos desta mudança se fazem sentir também na adolescência.

Queremos saber como os jovens sentem esta mudança.

O presente inquérito é a base de um trabalho de investigação no âmbito do Mestrado de “Sociedade e Família” no ISCTE em Lisboa, com o tema : NOVOS RISCOS; NOVAS HABILIDADES?

Os inquiridos são jovens entre os 16 e os 23 anos, alunos do Ensino Secundário e de Escolas Profissionais, do distrito de Évora durante o mês de Outubro de 2007.

Na primeira página, pede -se informação sobre dados pessoais.

Na segunda parte, o inquérito apresenta-se sob forma de escala. Não há respostas erradas ou certas, boas ou más.

As afirmações de 1-34 (papel branco), dizem mais respeito à sua vida familiar, de 35-58 (papel amarelo) referem-se mais a sua experiência no exterior da família.

Leia atentamente cada afirmação. Escolha uma das 6 opções para representar o grau em que esta afirmação corresponde a realidade sentida..

Assim, significa

- 1 Nunca
- 2 Raramente
- 3 Às vezes
- 4 Frequentemente
- 5 Muitas vezes
- 6 Sempre

A sua colaboração é muito importante.

Obrigada!

Idade ____ Sexo m f

Anos escolares completos _____ Anos escolares frequentados _____

Escola e Curso que está a frequentar _____

Nº, sexo e idade dos irmãos _____

(preencher o círculo com a idade de cada irmão, indicar o sexo com **m** ou **f** por cima do círculo)

Dados dos pais:

Pais casados União de facto Pais separados Pais divorciados

Idade da mãe ____

Habilitações literárias da mãe sem escolaridade

4º classe 9ºano 12ºano Bacharelato Licenciatura

Empregada Desempregada Reformada Falecida

Actividade profissional _____

Idade do pai ____

Habilitações literárias do pai sem escolaridade

4º classe 9ºano 12ºano Bacharelato Licenciatura

Empregado Desempregado Reformado Falecido

Actividade profissional _____

Família com quem vive:

Com ambos os pais e os irmãos

Com a mãe e os irmãos

Com o pai e os irmãos

Com os pais, irmãos e avô / avó materno/a

Com os pais e avô / avó paterno/a

Com nenhum dos pais

Com outros. Quem? _____

- 1 Posso fechar o meu quarto à chave quando quiser.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 2 A minha mãe faz a maior parte do trabalho doméstico.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 3 O meu pai faz a maior parte do trabalho doméstico.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 4 Quando tenho um problema, prefiro falar com o meu pai.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 5 Quando tenho um problema, prefiro falar com a minha mãe.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 6 É difícil na minha família falar abertamente dos meus problemas.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 7 Tenho segredos com o meu pai que a minha mãe não sabe.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 8 Tenho segredos com a minha mãe que o meu pai não sabe.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 9 A minha mãe confia-me coisas que o meu pai não sabe.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 10 O meu pai confia-me coisas que a minha mãe não sabe.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 11 Quando há decisões importantes a tomar, a minha opinião é ouvida.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 12 Quando há decisões a tomar, eu faço parte do processo de decisão.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 13 O meu pai toma as decisões mais importantes.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

- 14 A minha mãe toma as decisões importantes.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 15 Os meus pais tomam as decisões importantes em conjunto.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 16 Os meus amigos são bem vindos na nossa casa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 17 Falo com os meus pais sobre como passo os meus tempos livres.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 18 A nossa casa tem sempre a porta aberta para amigos e familiares de fora.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 19 Os meus pais deixam que seja a Escola a ensinar os jovens.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 20 Converso com os meus pais sobre as minhas necessidades.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 21 Sinto que os meus pais me dão cada vez mais responsabilidades.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 22 É difícil para os meus pais aceitarem que o seu filho cresce e muda.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 23 Na conversa com os meus pais, é preciso ler “entre linhas”.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 24 Há situações em que a minha mãe autoriza e o meu pai proíbe, ou vice versa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 25 Consigo facilmente contornar as regras e normas da casa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 26 Os meus pais dizem-me a sua opinião com franqueza, mesmo quando estão em desacordo comigo.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre
- 27 Os meus pais acompanham-me na descoberta de novas vivências.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

28 Tenho experiências e conhecimentos que os meus pais não têm, e que me capacitam a tomar as minhas decisões.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

29 Os meus pais têm um papel activo na resolução dos meus problemas.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

30 Posso contar com a confidencialidade das conversas com os meus pais.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

31 Falo com os meus pais sobre os meus planos do futuro.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

32 Os meus pais entendem a importância de eu ter certos equipamentos actualizados, como por exemplo telemóveis, MP3, roupa, etc.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

33 Os meus pais preocupam-se em que nada me falte.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

34 Os meus pais fazem tudo para me poupar desgostos.

1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

35 Não digo a minha opinião, tenho medo que os outros se riam de mim.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

36 Receio defender a minha opinião quando os outros não estão de acordo para não perder a sua amizade.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

37 Tenho bom gosto na forma como me visto.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

38 Sinto-me injustiçado /a quando me criticam.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

39 Quando alguém faz ou diz algo que me magoa, aguardo uma oportunidade para esclarecer o assunto.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

40 Sinto-me uma pessoa saudável.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

41 Tenho boas ideias para a realização de projectos.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

42 Aceito elogios com gosto.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

43 Gosto de crescer e assumir mais responsabilidade.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

44 Acho a vida de adulto complicada.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

45 Tenho receio de não corresponder às expectativas dos meus pais.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

46 Tenho receio de não corresponder às expectativas escolares e profissionais.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

47 Tenho receio de não corresponder as expectativas dos meus amigos
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

48 Tenho receio de não corresponder as expectativas numa relação amorosa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

49 Aceito facilmente quando algo não corre como estava a espera.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

50 Quando alguém não aceita um pedido meu, sinto-me rejeitado /a
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

51 Vivo um dia de cada vez.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

52 Vivo cada dia como se fosse o último.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

Nas seguintes perguntas, onde diz " consumos" ou "tomar qualquer coisa ", quer-se dizer todo o tipo de substâncias, incluindo álcool, cannabis ou medicamentos.

53 Tenho de tomar medicamentos devido a problemas de saúde.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

54 Tenho problemas que justificam algum consumo.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

55 Sinto mais fácil o contacto com outras pessoas depois de tomar qualquer coisa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

56 Sinto-me mais calmo/a depois de tomar qualquer coisa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

57 Mesmo quando me sinto mal, evito tomar alguma coisa.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

58 Receio os efeitos que o consumo pode ter.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

59 Numa relação sexual, consumos podem facilitar e aumentar o prazer.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

60 Sei até que ponto os consumos são seguros.
 1 Nunca 2 Raramente 3 Às vezes 4 Frequentemente 5 Muitas vezes 6 Sempre

ANEXO 13

Frequências dos Resultados do Inquérito (N375)

Pode fechar quarto a chave

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	65	17,3	17,7	17,7
	Raramente	33	8,8	9,0	26,6
	Às vezes	39	10,4	10,6	37,2
	Frequentemente	21	5,6	5,7	42,9
	Muitas vezes	30	8,0	8,2	51,1
	Sempre	180	48,0	48,9	100,0
	Total	368	98,1	100,0	
Missing	NR	7	1,9		
Total		375	100,0		

Mãe faz maior parte trabalho doméstico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	7	1,9	1,9	1,9
	Raramente	23	6,1	6,2	8,1
	Às vezes	71	18,9	19,1	27,2
	Frequentemente	90	24,0	24,3	51,5
	Muitas vezes	116	30,9	31,3	82,7
	Sempre	64	17,1	17,3	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

Pai faz maior parte trabalho doméstico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	111	29,6	31,4	31,4
	Raramente	125	33,3	35,3	66,7
	Às vezes	94	25,1	26,6	93,2
	Frequentemente	14	3,7	4,0	97,2
	Muitas vezes	8	2,1	2,3	99,4
	Sempre	2	,5	,6	100,0
	Total	354	94,4	100,0	
Missing	NR	21	5,6		
Total		375	100,0		

Quando tem problema conversa com pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	100	26,7	28,0	28,0
	Raramente	91	24,3	25,5	53,5
	Às vezes	111	29,6	31,1	84,6
	Frequentemente	21	5,6	5,9	90,5
	Muitas vezes	22	5,9	6,2	96,6
	Sempre	12	3,2	3,4	100,0
	Total	357	95,2	100,0	
Missing	NR	18	4,8		
Total		375	100,0		

Quando tem problema conversa com mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	22	5,9	6,0	6,0
	Raramente	38	10,1	10,3	16,3
	Às vezes	96	25,6	26,0	42,3
	Frequentemente	66	17,6	17,9	60,2
	Muitas vezes	79	21,1	21,4	81,6
	Sempre	68	18,1	18,4	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Em casa é difícil falar de problemas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	87	23,2	23,5	23,5
	Raramente	118	31,5	31,9	55,4
	Às vezes	102	27,2	27,6	83,0
	Frequentemente	24	6,4	6,5	89,5
	Muitas vezes	30	8,0	8,1	97,6
	Sempre	9	2,4	2,4	100,0
	Total	370	98,7	100,0	
Missing	NR	5	1,3		
Total		375	100,0		

Tem segredos com o pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	206	54,9	57,2	57,2
	Raramente	75	20,0	20,8	78,1
	Às vezes	43	11,5	11,9	90,0
	Frequentemente	10	2,7	2,8	92,8
	Muitas vezes	19	5,1	5,3	98,1
	Sempre	7	1,9	1,9	100,0
	Total	360	96,0	100,0	
Missing	NR	15	4,0		
Total		375	100,0		

Tem segredos com a mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	122	32,5	33,8	33,8
	Raramente	68	18,1	18,8	52,6
	Às vezes	74	19,7	20,5	73,1
	Frequentemente	32	8,5	8,9	82,0
	Muitas vezes	45	12,0	12,5	94,5
	Sempre	20	5,3	5,5	100,0
	Total	361	96,3	100,0	
Missing	NR	14	3,7		
Total		375	100,0		

Mãe confia coisas que o pai não sabe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	146	38,9	40,8	40,8
	Raramente	76	20,3	21,2	62,0
	Às vezes	60	16,0	16,8	78,8
	Frequentemente	32	8,5	8,9	87,7
	Muitas vezes	31	8,3	8,7	96,4
	Sempre	13	3,5	3,6	100,0
	Total	358	95,5	100,0	
Missing	NR	17	4,5		
Total		375	100,0		

Pai confia coisas que a mãe não sabe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	179	47,7	50,3	50,3
	Raramente	95	25,3	26,7	77,0
	Às vezes	52	13,9	14,6	91,6
	Frequentemente	13	3,5	3,7	95,2
	Muitas vezes	11	2,9	3,1	98,3
	Sempre	6	1,6	1,7	100,0
	Total	356	94,9	100,0	
Missing	NR	19	5,1		
Total		375	100,0		

Opinião é ouvida na tomada de decisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	5	1,3	1,3	1,3
	Raramente	21	5,6	5,6	7,0
	Às vezes	89	23,7	23,9	30,9
	Frequentemente	92	24,5	24,7	55,6
	Muitas vezes	83	22,1	22,3	78,0
	Sempre	82	21,9	22,0	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Faz parte da tomada de decisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	8	2,1	2,1	2,1
	Raramente	33	8,8	8,8	11,0
	Às vezes	92	24,5	24,7	35,7
	Frequentemente	86	22,9	23,1	58,7
	Muitas vezes	85	22,7	22,8	81,5
	Sempre	69	18,4	18,5	100,0
	Total	373	99,5	100,0	
Missing	NR	2	,5		
Total		375	100,0		

Pai toma decisões importantes

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	51	13,6	14,4	14,4
	Raramente	46	12,3	13,0	27,3
	Às vezes	118	31,5	33,2	60,6
	Frequentemente	56	14,9	15,8	76,3
	Muitas vezes	56	14,9	15,8	92,1
	Sempre	28	7,5	7,9	100,0
	Total	355	94,7	100,0	
Missing	NR	20	5,3		
Total		375	100,0		

Mãe toma decisões importantes

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	22	5,9	5,9	5,9
	Raramente	39	10,4	10,5	16,5
	Às vezes	143	38,1	38,6	55,1
	Frequentemente	59	15,7	15,9	71,1
	Muitas vezes	70	18,7	18,9	90,0
	Sempre	37	9,9	10,0	100,0
	Total	370	98,7	100,0	
Missing	NR	5	1,3		
Total		375	100,0		

Pais tomam decisões em conjunto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	42	11,2	11,8	11,8
	Raramente	15	4,0	4,2	16,0
	Às vezes	37	9,9	10,4	26,4
	Frequentemente	48	12,8	13,5	39,9
	Muitas vezes	105	28,0	29,5	69,4
	Sempre	109	29,1	30,6	100,0
	Total	356	94,9	100,0	
Missing	NR	19	5,1		
Total		375	100,0		

Amigos são bem vindos em casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	5	1,3	1,3	1,3
	Raramente	4	1,1	1,1	2,4
	Às vezes	15	4,0	4,0	6,5
	Frequentemente	33	8,8	8,9	15,3
	Muitas vezes	39	10,4	10,5	25,8
	Sempre	276	73,6	74,2	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Em casa falam sobre tempos livres

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	16	4,3	4,3	4,3
	Raramente	30	8,0	8,1	12,5
	Às vezes	65	17,3	17,6	30,1
	Frequentemente	64	17,1	17,3	47,4
	Muitas vezes	113	30,1	30,6	78,0
	Sempre	81	21,6	22,0	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Casa tem porta aberta para amigos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	2	,5	,5	,5
	Raramente	4	1,1	1,1	1,6
	Às vezes	15	4,0	4,0	5,6
	Frequentemente	30	8,0	8,0	13,7
	Muitas vezes	47	12,5	12,6	26,3
	Sempre	275	73,3	73,7	100,0
	Total	373	99,5	100,0	
Missing	NR	2	,5		
Total		375	100,0		

Pais deixam ensino ao cuidado da escola

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	16	4,3	4,3	4,3
	Raramente	23	6,1	6,3	10,6
	Às vezes	98	26,1	26,6	37,2
	Frequentemente	80	21,3	21,7	59,0
	Muitas vezes	81	21,6	22,0	81,0
	Sempre	70	18,7	19,0	100,0
	Total	368	98,1	100,0	
Missing	NR	7	1,9		
Total		375	100,0		

Em casa falam sobre necessidades

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	13	3,5	3,5	3,5
	Raramente	18	4,8	4,8	8,3
	Às vezes	55	14,7	14,8	23,1
	Frequentemente	76	20,3	20,4	43,5
	Muitas vezes	116	30,9	31,2	74,7
	Sempre	94	25,1	25,3	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Aumento gradual de responsabilidades atribuidas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	6	1,6	1,6	1,6
	Raramente	14	3,7	3,8	5,4
	Às vezes	82	21,9	22,0	27,4
	Frequentemente	63	16,8	16,9	44,4
	Muitas vezes	135	36,0	36,3	80,6
	Sempre	72	19,2	19,4	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Dificuldade dos pais em aceitar crescimento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	58	15,5	15,7	15,7
	Raramente	83	22,1	22,4	38,1
	Às vezes	107	28,5	28,9	67,0
	Frequentemente	31	8,3	8,4	75,4
	Muitas vezes	69	18,4	18,6	94,1
	Sempre	22	5,9	5,9	100,0
	Total	370	98,7	100,0	
Missing	NR	5	1,3		
Total		375	100,0		

Necessidade de ler "entre linhas" na conversa com os pais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	82	21,9	22,2	22,2
	Raramente	97	25,9	26,3	48,5
	Às vezes	111	29,6	30,1	78,6
	Frequentemente	39	10,4	10,6	89,2
	Muitas vezes	38	10,1	10,3	99,5
	Sempre	2	,5	,5	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Situação em que o pai autoriza e a mãe proibe, ou vice versa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	96	25,6	26,7	26,7
	Raramente	81	21,6	22,6	49,3
	Às vezes	105	28,0	29,2	78,6
	Frequentemente	29	7,7	8,1	86,6
	Muitas vezes	40	10,7	11,1	97,8
	Sempre	8	2,1	2,2	100,0
	Total	359	95,7	100,0	
Missing	NR	16	4,3		
Total		375	100,0		

Facilidade sentida em contornar regras

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	20	5,3	5,4	5,4
	Raramente	67	17,9	18,1	23,5
	Às vezes	108	28,8	29,1	52,6
	Frequentemente	60	16,0	16,2	68,7
	Muitas vezes	70	18,7	18,9	87,6
	Sempre	46	12,3	12,4	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

Franqueza dos pais mesmo em situação de desacordo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	9	2,4	2,4	2,4
	Raramente	10	2,7	2,7	5,1
	Às vezes	59	15,7	16,0	21,1
	Frequentemente	70	18,7	19,0	40,1
	Muitas vezes	89	23,7	24,1	64,2
	Sempre	132	35,2	35,8	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Pais acompanham novas vivências

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	22	5,9	6,0	6,0
	Raramente	60	16,0	16,3	22,2
	Às vezes	100	26,7	27,1	49,3
	Frequentemente	68	18,1	18,4	67,8
	Muitas vezes	65	17,3	17,6	85,4
	Sempre	54	14,4	14,6	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Conhecimento acima dos pais capacita para tomada de decisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	14	3,7	3,8	3,8
	Raramente	43	11,5	11,6	15,4
	Às vezes	115	30,7	31,1	46,5
	Frequentemente	67	17,9	18,1	64,6
	Muitas vezes	110	29,3	29,7	94,3
	Sempre	21	5,6	5,7	100,0
	Total	370	98,7	100,0	
Missing	NR	5	1,3		
Total		375	100,0		

Pais activos na resolução dos problemas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	12	3,2	3,3	3,3
	Raramente	50	13,3	13,6	16,8
	Às vezes	107	28,5	29,0	45,8
	Frequentemente	75	20,0	20,3	66,1
	Muitas vezes	75	20,0	20,3	86,4
	Sempre	50	13,3	13,6	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Confiança na confidencialidade dos pais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	16	4,3	4,3	4,3
	Raramente	17	4,5	4,6	8,9
	Às vezes	64	17,1	17,3	26,3
	Frequentemente	49	13,1	13,3	39,6
	Muitas vezes	69	18,4	18,7	58,3
	Sempre	154	41,1	41,7	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Comunicação sobre planos de futuros

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	6	1,6	1,6	1,6
	Raramente	16	4,3	4,3	5,9
	Às vezes	52	13,9	14,0	19,9
	Frequentemente	59	15,7	15,9	35,8
	Muitas vezes	123	32,8	33,2	69,0
	Sempre	115	30,7	31,0	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

Compreensão dos pais da importância de equipamentos actualizados

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	8	2,1	2,2	2,2
	Raramente	9	2,4	2,4	4,6
	Às vezes	58	15,5	15,6	20,2
	Frequentemente	71	18,9	19,1	39,2
	Muitas vezes	106	28,3	28,5	67,7
	Sempre	120	32,0	32,3	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Preocupação dos pais em que nada falte

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	4	1,1	1,1	1,1
	Raramente	4	1,1	1,1	2,2
	Às vezes	20	5,3	5,4	7,5
	Frequentemente	35	9,3	9,4	17,0
	Muitas vezes	61	16,3	16,4	33,4
	Sempre	247	65,9	66,6	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

Pais fazem tudo para poupar desgostos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	7	1,9	1,9	1,9
	Raramente	15	4,0	4,0	5,9
	Às vezes	64	17,1	17,3	23,2
	Frequentemente	57	15,2	15,4	38,5
	Muitas vezes	87	23,2	23,5	62,0
	Sempre	141	37,6	38,0	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

Inibição de omitir opinião com receio que os outros se riem

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	107	28,5	28,5	28,5
	Raramente	131	34,9	34,9	63,5
	Às vezes	89	23,7	23,7	87,2
	Frequentemente	18	4,8	4,8	92,0
	Muitas vezes	21	5,6	5,6	97,6
	Sempre	9	2,4	2,4	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Receio de defender opinião para não perder amizade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	154	41,1	41,1	41,1
	Raramente	118	31,5	31,5	72,5
	Às vezes	64	17,1	17,1	89,6
	Frequentemente	15	4,0	4,0	93,6
	Muitas vezes	15	4,0	4,0	97,6
	Sempre	9	2,4	2,4	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Bom gosto na forma de vestir

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	,3	,3	,3
	Raramente	1	,3	,3	,5
	Às vezes	61	16,3	16,4	17,0
	Frequentemente	78	20,8	21,0	38,0
	Muitas vezes	110	29,3	29,6	67,7
	Sempre	120	32,0	32,3	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

Sentimento de injustiça ao ser criticado

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	34	9,1	9,1	9,1
	Raramente	96	25,6	25,7	34,8
	Às vezes	171	45,6	45,7	80,5
	Frequentemente	27	7,2	7,2	87,7
	Muitas vezes	33	8,8	8,8	96,5
	Sempre	13	3,5	3,5	100,0
	Total	374	99,7	100,0	
Missing	NR	1	,3		
Total		375	100,0		

Procura esclarecimento quando alguém trata mal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	21	5,6	5,6	5,6
	Raramente	32	8,5	8,5	14,1
	Às vezes	99	26,4	26,4	40,5
	Frequentemente	64	17,1	17,1	57,6
	Muitas vezes	87	23,2	23,2	80,8
	Sempre	72	19,2	19,2	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Consideração de ser saudável

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	3	,8	,8	,8
	Raramente	10	2,7	2,7	3,5
	Às vezes	42	11,2	11,2	14,7
	Frequentemente	65	17,3	17,4	32,1
	Muitas vezes	128	34,1	34,2	66,3
	Sempre	126	33,6	33,7	100,0
	Total	374	99,7	100,0	
Missing	NR	1	,3		
Total		375	100,0		

Boas ideias na realização de projectos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	4	1,1	1,1	1,1
	Raramente	11	2,9	2,9	4,0
	Às vezes	93	24,8	24,8	28,8
	Frequentemente	97	25,9	25,9	54,7
	Muitas vezes	134	35,7	35,7	90,4
	Sempre	36	9,6	9,6	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Gosto na aceitação de elogios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	,3	,3	,3
	Raramente	6	1,6	1,6	1,9
	Às vezes	50	13,3	13,4	15,2
	Frequentemente	56	14,9	15,0	30,2
	Muitas vezes	81	21,6	21,7	51,9
	Sempre	180	48,0	48,1	100,0
	Total	374	99,7	100,0	
Missing	NR	1	,3		
Total		375	100,0		

Gosto de crescer e assumir responsabilidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	7	1,9	1,9	1,9
	Às vezes	51	13,6	13,6	15,5
	Frequentemente	64	17,1	17,1	32,5
	Muitas vezes	131	34,9	34,9	67,5
	Sempre	122	32,5	32,5	100,0
Total		375	100,0	100,0	

Consideração da vida de adulto como sendo complicada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	14	3,7	3,7	3,7
	Raramente	19	5,1	5,1	8,8
	Às vezes	119	31,7	31,7	40,5
	Frequentemente	50	13,3	13,3	53,9
	Muitas vezes	120	32,0	32,0	85,9
	Sempre	53	14,1	14,1	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Receio de não corresponder às expectativas dos pais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	26	6,9	7,0	7,0
	Raramente	46	12,3	12,3	19,3
	Às vezes	118	31,5	31,6	50,8
	Frequentemente	51	13,6	13,6	64,4
	Muitas vezes	102	27,2	27,3	91,7
	Sempre	31	8,3	8,3	100,0
	Total	374	99,7	100,0	
Missing	NR	1	,3		
Total		375	100,0		

Receio de não corresponder às expectativas escolares e profissionais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	14	3,7	3,7	3,7
	Raramente	44	11,7	11,7	15,5
	Às vezes	115	30,7	30,7	46,1
	Frequentemente	51	13,6	13,6	59,7
	Muitas vezes	111	29,6	29,6	89,3
	Sempre	40	10,7	10,7	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Receio de não corresponder às expectativas dos amigos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	41	10,9	10,9	10,9
	Raramente	93	24,8	24,8	35,7
	Às vezes	109	29,1	29,1	64,8
	Frequentemente	44	11,7	11,7	76,5
	Muitas vezes	68	18,1	18,1	94,7
	Sempre	20	5,3	5,3	100,0
	Total	375	100,0	100,0	

Receio de não corresponder às expectativas numa relação amorosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	46	12,3	12,4	12,4
	Raramente	81	21,6	21,8	34,1
	Às vezes	107	28,5	28,8	62,9
	Frequentemente	48	12,8	12,9	75,8
	Muitas vezes	54	14,4	14,5	90,3
	Sempre	36	9,6	9,7	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Viver um dia de cada vez

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	5	1,3	1,3	1,3
	Raramente	19	5,1	5,1	6,5
	Às vezes	65	17,3	17,5	23,9
	Frequentemente	48	12,8	12,9	36,8
	Muitas vezes	68	18,1	18,3	55,1
	Sempre	167	44,5	44,9	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Viver cada dia como se fosse o último

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	45	12,0	12,1	12,1
	Raramente	64	17,1	17,2	29,2
	Às vezes	87	23,2	23,3	52,5
	Frequentemente	46	12,3	12,3	64,9
	Muitas vezes	62	16,5	16,6	81,5
	Sempre	69	18,4	18,5	100,0
	Total	373	99,5	100,0	
Missing	NR	2	,5		
Total		375	100,0		

Medicação devido às problemas de saúde

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	146	38,9	39,0	39,0
	Raramente	120	32,0	32,1	71,1
	Às vezes	72	19,2	19,3	90,4
	Frequentemente	12	3,2	3,2	93,6
	Muitas vezes	11	2,9	2,9	96,5
	Sempre	13	3,5	3,5	100,0
	Total	374	99,7	100,0	
Missing	NR	1	,3		
Total		375	100,0		

Existencia de problemas que justificam consumo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	261	69,6	70,0	70,0
	Raramente	60	16,0	16,1	86,1
	Às vezes	32	8,5	8,6	94,6
	Frequentemente	8	2,1	2,1	96,8
	Muitas vezes	8	2,1	2,1	98,9
	Sempre	4	1,1	1,1	100,0
	Total	373	99,5	100,0	
Missing	NR	2	,5		
Total		375	100,0		

Consumos como facilitadores de contacto interpessoal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	216	57,6	58,1	58,1
	Raramente	74	19,7	19,9	78,0
	Às vezes	54	14,4	14,5	92,5
	Frequentemente	18	4,8	4,8	97,3
	Muitas vezes	8	2,1	2,2	99,5
	Sempre	2	,5	,5	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Consumos proporcionam calma

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	226	60,3	60,8	60,8
	Raramente	61	16,3	16,4	77,2
	Às vezes	56	14,9	15,1	92,2
	Frequentemente	13	3,5	3,5	95,7
	Muitas vezes	6	1,6	1,6	97,3
	Sempre	10	2,7	2,7	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Evitamento de consumo mesmo em alturas de mal estar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	36	9,6	9,7	9,7
	Raramente	49	13,1	13,2	22,8
	Às vezes	84	22,4	22,6	45,4
	Frequentemente	26	6,9	7,0	52,4
	Muitas vezes	73	19,5	19,6	72,0
	Sempre	104	27,7	28,0	100,0
	Total	372	99,2	100,0	
Missing	NR	3	,8		
Total		375	100,0		

Receio dos efeitos de consumos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	46	12,3	12,4	12,4
	Raramente	47	12,5	12,7	25,1
	Às vezes	84	22,4	22,7	47,8
	Frequentemente	27	7,2	7,3	55,1
	Muitas vezes	69	18,4	18,6	73,8
	Sempre	97	25,9	26,2	100,0
	Total	370	98,7	100,0	
Missing	NR	5	1,3		
Total		375	100,0		

Aumento do prazer numa relações sexual pelos consumos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	228	60,8	61,8	61,8
	Raramente	61	16,3	16,5	78,3
	Às vezes	49	13,1	13,3	91,6
	Frequentemente	13	3,5	3,5	95,1
	Muitas vezes	9	2,4	2,4	97,6
	Sempre	9	2,4	2,4	100,0
	Total	369	98,4	100,0	
Missing	NR	6	1,6		
Total		375	100,0		

Conhecimento sobre segurança dos consumos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	33	8,8	8,9	8,9
	Raramente	15	4,0	4,0	12,9
	Às vezes	43	11,5	11,6	24,5
	Frequentemente	32	8,5	8,6	33,2
	Muitas vezes	106	28,3	28,6	61,7
	Sempre	142	37,9	38,3	100,0
	Total	371	98,9	100,0	
Missing	NR	4	1,1		
Total		375	100,0		

BIBLIOGRAFIA

Amâncio, Lígia: O Género no Discurso das Ciências Sociais. Análise Sociais, Vol. XXXVIII , Lisboa 2003

Amaral Dias, Carlos, e Colaboradores: Intervenções em Toxicodependências. Lisboa 2001

Ausloos, Guy: - A competência da Família – Tempo , Caos, Processo. Lisboa, Climepsi Editores; 1996

Ausloos, Guy: - Systemes – Homeostase – Equilibration. Revista Therapie Familiale, vol. 2. nº 3 , Genève, 1981

Baumrind, Diana: Efecting parenting during the early adolescent transition. Em “ Family Transitions, Cowan and Hetherington Editores, Hillsdale, 1991

Beck, Ulrich: Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne. Suhrkamp, Frankfurt, 1986

Beck, Ulrich; “Kinder der Freiheit”. Suhrkamp, Frankfurt, 1997

Beck, Giddens e Lash: Modernização Reflexiva . Celta Editora, Oeiras 2000

Birkelbach, Klaus; “Über das Messen von Kompetenzen. Univcrsität Duisburg, Alemanha, 2005

Bourdieu, Pierre, A Dominação Masculina. Celta Editora, Lisboa 1999

Breton, Le, David; La Sociologie du Risque Presses Univisitaires de France, Paris, 1995

Caballo, Vicente; Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais. Livraria Santos Editora, São Paulo, 2006

Caeiro, Rui; Registos Clínicos em Medicina Familiar. Instituto de Clínica Geral, Lisboa, 1991

Coelho, Bernardo: De Johnny Guitar à incerteza implícita do novo... Apresentação no Seminário Internacional, Amar E Trabalhar Na Europa , ISCTE, Lisboa 2008

Dantas, Margarida e Sampaio, Daniel; Alguns Instrumentos para a Avaliação da Família; Revista Portuguesa de Clínica Geral. Julho 1990, 7:263-266). Lisboa, 1990

Del Prette et al : Estudos de Psicologia 2000,5 . Universidade de S. Paulo, 2000

Domecq, Jean Pierre : La Depression, Maladie de la fin de siècle. França, 1998

Dreyfus, Hubert; Rabinow, Paul; Michel Foucault – un Parcours Philosophique. Gallimard,1984, França

Engels, Friedrich: A Origem da Família, da Propriedade e do Estado. Editorial Presença, Lisboa

Feijão, Fernanda, Lavado, Elsa: Estudo em Meio Escolar 2001 . Lisboa, IDT, 2002

Field, Andy: Discovering Statistuc using SPSS. London, Sage 2005

Fleming, Manuel; Família e Toxicodependência; Porto, Edições Afrontamento, 1995

Fromm, Erich; Die Kunst des Liebens. Ullstein, Alemanha 1971

(The Art of Loving, New York, 1958)

Fromm, Erich; Haben oder Sein. Dtv, Alemanha 1991, ed. 21º

(To Have or to Be, New York, 1976)

Gammer, Carole e Cabié,Marie Cristine; Adolescência e Crise Familiar. Climepsi, Lisboa 1999

Gerhard, Horst: Zwischen Lifestyle und Sucht. Identitätsentwicklung inder Spätmoderne.

Psychozialverlag, Alemanha 2003

Giddens, Anthony; As Consequências da Modernidade. Lisboa, Celta Editora,2005

Giddens, Anthony; O Mundo na Era da Globalização. Lisboa, Editorial Presença, 2000

Giddens, Anthony; Transformações da Intimidade. Lisboa, Celta Editora, 1995

Giddens, Anthony; Modernity and Self-Identity. Cambridge, UK, 1991

Godet, Michel : Manual de Prospectiva estratégica: Da antecipação á acção. Lisboa: Dom Quixote, 1993

Goode,William e Hinjoal, Isidoro: A Crise na Instituição Familiar. Salvat Editora, Brasil 1979

Gonçales, Elena: EHS – Escala de Habilidades Sociales....Publicaciones de Psicología Aplicada, Madrid, 2002

Hollinger, Robert; Postmodernismo and the Social Science. Sage Publications1994, USA

- Goode, William:** (Entrevistado de Isidoro Alonso Hinojal); A Crise da Instituição Familiar. Salvat Editora do Brasil, Representantes em Portugal Publicações ALFA, Lisboa 1979
- Halbwachs, Maurice;** La memoire collective. Presses Universitaires de France, 1968
- Júdice, Eduarda; Teles, Laura; Antão, Rosário; Dias de Carvalho, Tereza:** Infância e Adolescência. Lisboa: Ministério da Justiça, 2002
- Kellerhals, Jean e Montandon, Cleopatra :** Les stratégies éducatives des familles. Delachaux e Niestle, Paris 1991
- Kellerhals, Jean ; -** Microsociologia da Família. Publicações Europa-America Lda.
- Martinez Pampliega, Ana;** FACES – Desarrollo de una versión de 20 itens em espanhol. International Journal of Clinical and Health Psychology, Maio, Vol 06, número 002 . Espanha, 2006
- Matos, Margarida Gaspar (et al.);** Os jovens portugueses e o consumo de drogas. Projecto Aventura Social. Lisboa, 2001
- Matos, Margarida et al. :** Desenvolvimento de Competências de Vida e Prevenção do Desajustamento Social. Colectânea **Aventura Social e Risco**, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa 2000
- Morel, Alain; Boulanger, Michel; Hervé, Françoise ; Tonnelet, Gérard :** Prevenção das Toxicomanias. Lisboa : Climepsi Editores , 2001
- Nogueira, Conceição:** Um novo Olhar sobre as Relações Sociais do Género. Fundação Calouste de Gulbenkian, Lisboa 2001
- Olson, D.H., e Killorin, E. A.;** Clinical Rating Scale for Circumplex Model. St.Paul, , Minnesota, 1985
- Pacheco, José;** - O tempo e o Sexo. Lisboa, Livros Horizonte, 1998
- Percheron, Annick;** - La transmission des valeurs; em Singly, Editions La decouverts, Paris, 1991
- Pieper, Elke e Hurrelman, Klaus:** Gefährdete Jugendzeit. <http://www.ak-hauptschule.de/gefaehrdetejugendzeit.htm>, 15.12.2005
- Peixoto, Clarice ; Singly, de Françoise; Cichelli, Vincenzo;** Família e Individualização. Editora FGV, Brasil 2000

Pampliega, Ana Martinez et. al.: Family Adaptability and Coesion Evaluation Scale FACES. International Journal of Clinical and Health Psychology, Mayo, Vol 6 nº 002, 2006 ,Espanha,

Rammstedt, Beatrice: Zur Bestimmung der Güte von Multi-Item Skalen: Eine Einführung:. Zuma How to- Reihe nº 12, 2004, Alemanha

Relvas, Ana Paula: Por detrás do Espelho. (2º ed.) Coimbra: Quarteto Editora, 2003

Riemann, Fritz: Grundformen der Angst. Ernst Reinhard Verlag, München , 1961

Sampaio, Daniel e Gameiro, José: Terapia Familiar. Edição Afrontamentos, Porto, 1985

Sampaio, Daniel: Inventem-se novos pais. (11º ed.) Lisboa: Editorial Caminho, 1994

Sampaio, Daniel; Ninguém morre sozinho. Ed. Caminho, Lisboa 1999

Shorter, Edward; A Formação da Família Moderna. Terramar Editores, Lisboa 1995 (“ The Making of Modern Family, New york, 1975

Seabra, Teresa; Estratégias Familiares de Socialização de Crianças. Tese de Mestrado, ISCTE, Lisboa, 1994

Segalen, Martine; Sociologia da Família. Terramar, Lisboa, 1999

Singly, Françoise , et al.; La Famille – L'état des Savoirs. Paris, Editions la Decouverte, 1991

Torres, Anália; Sociologia do Casamento. Celta Editora, Oeiras 2001

Torres, Anália; Casamento : Conversa a duas vozes e em três andamentos. Análise Social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 163, Lisboa 2002

Torres, Anália; Fatalidade, Culp, Desencontro. Revista Sociologia – Problemas Práticas, Nº 11, CIES / ISCTE, Celta Editora, Oeiras 1992

Wall, Karin; Tipos de Família em Portugal: Interacções, Valores contextos. Análise Social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 163, Lisboa 2002

Zonabend,Françoise; A memoria familiar. Do Individual ao colectivo. Sociologia – Problemas e Práticas Nº 9 CIES/ ISCTE, Celta Editora, Oeiras 1991

